



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

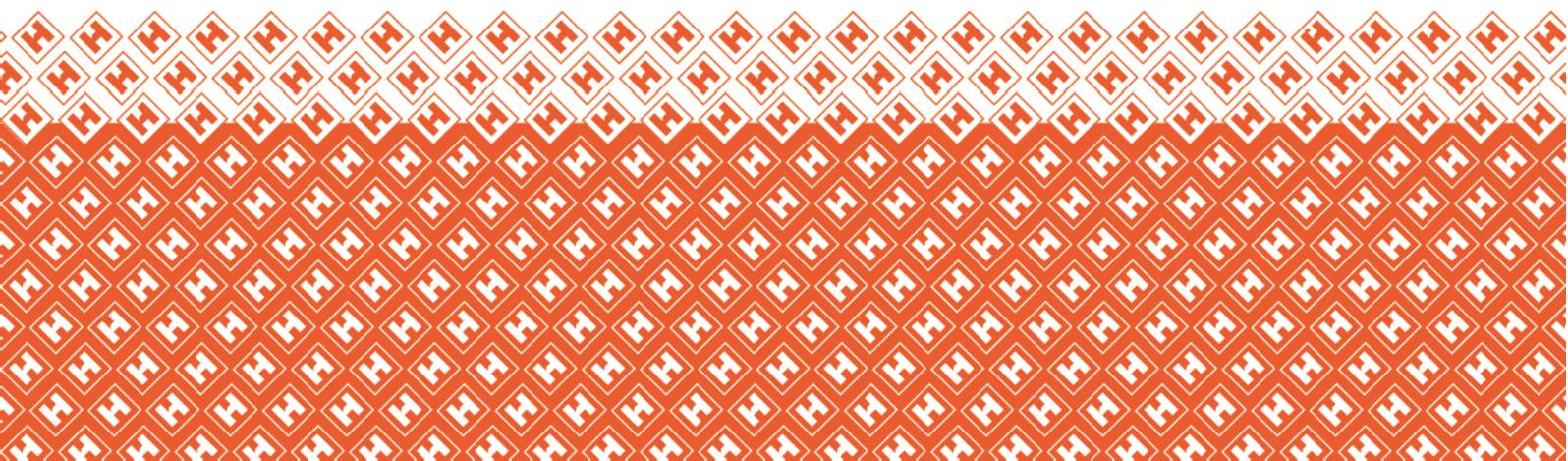
---

EDILSON DOS SANTOS MONTEIRO

**Legião Urbana:  
Conscientização crítica e  
ensino de história**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Setembro / 2022





**Universidade  
Estadual do Piauí**



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**EDILSON DOS SANTOS MONTEIRO**

**LEGIÃO URBANA:  
Conscientização crítica e ensino de história**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Estadual do Piauí para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientação: Professora Dra. Solange Aparecida de Campos Costa

Linha de Pesquisa: Linguagens, narrativas e formas de difusão.

**PARNAÍBA – PI  
2022**

M7721 Monteiro, Edilson dos Santos.

Legião Urbana: conscientização crítica e ensino de história /Edilson dos Santos Monteiro. – 2022.

107 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, *Campus* Alexandre Alves Oliveira, Parnaíba-PI, 2022.

“Orientadora Profa. Dra. Solange Aparecida de Campos Costa.” “Linha de Pesquisa: Linguagens, narrativas e formas de difusão.”

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Central da  
UESPI

Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB-3ª/1188

Este trabalho é dedicado à minha noiva  
Eveline de Jesus Souza.

“Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos para saber o que seremos.”

Paulo Freire

## RESUMO

A banda Legião Urbana teve um papel cultural importante no contexto histórico da redemocratização brasileira. Em vista disso, e compreendendo a relevância do uso da música no ensino de história, elaboramos o presente trabalho com o escopo de discutir e analisar o uso da música da banda Legião Urbana durante aulas de história. O intuito é fomentar e ampliar uma maior conscientização crítica dos discentes a respeito de problemáticas presentes na sociedade, como a corrupção, a violência e as guerras. Este trabalho foi fundamentado no conceito de consciência histórica (RÜSEN, 2001 e CERRI, 2011), no conceito análogo de conscientização crítica (FREIRE, 1979) e nas ideias de educação emancipadora e crítica (hooks, 2020). Participaram da pesquisa qualitativa alunos de nono ano de uma escola municipal de Parnaíba no estado do Piauí, aos quais foram aplicados dois questionários para aferir seus conhecimentos prévios sobre o objeto deste trabalho. Posteriormente foi realizada uma sequência didática que culminou na produção de textos dissertativos como produto pedagógico desta pesquisa. Através da produção de textos pôde-se observar que realmente a utilização da música da Legião Urbana instigou o senso crítico mais acurado, percebido nas discussões em sala de aula. Diante do exposto, concluímos que o uso de ferramentas didáticas como a música tem um importante papel promovendo uma aproximação dos alunos a temáticas que normalmente não lhes despertariam interesse, suscitando uma maior formação de seu pensamento crítico, tornando-os cidadãos mais conscientes acerca de problemas políticos e sociais do Brasil e do mundo.

**Palavras-chave:** Redemocratização. Ensino de história. Legião Urbana. Conscientização crítica. Consciência histórica.

## **ABSTRACT**

The band Legião Urbana played an important cultural role in the historical context of Brazilian redemocratization. In view of this, and understanding the relevance of the use of music in the teaching of history, we prepared the present work with the scope of discussing and analyzing the use of the music of the band Legião Urbana during history classes, in order to foster and expand a greater critical awareness. of students about problems present in society, such as corruption, violence and wars. This work was based on the concept of historical awareness (RÜSEN, 2001 and CERRI, 2011), on the analogous concept of critical awareness (FREIRE, 1979) and on the ideas of emancipatory and critical education (hooks, 2020). Ninth grade students from a municipal school in Parnaíba in the state of Piauí participated in the qualitative research, to whom two questionnaires were applied to assess their previous knowledge about the object of this work. Subsequently, a didactic sequence was carried out that culminated in the production of dissertation texts as a pedagogical product of this research. Through the production of texts, it was possible to observe that the use of the music of the Legião Urbana actually fostered a more accurate critical sense, perceived in the discussions in the classroom. In view of the above, we conclude that the use of didactic tools such as music has an important role in promoting an approach of students to themes that would not normally arouse their interest, raising a greater formation of their critical thinking, making them more aware citizens about problems political and social aspects of Brazil and the world.

**Keywords:** Redemocratization. History teaching. Legião Urbana. Critical awareness. Historical awareness.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1: QUE PAÍS É ESTE? O BRASIL ENTRE A DITADURA E A DEMOCRACIA</b> .....	18
1.1 RELATO: PRELÚDIO PARA UM PENSAMENTO MUSICAL .....	20
1.2 A BANDA NA HISTÓRIA DE UM NOVO BRASIL .....	23
1.3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA.....	27
1.4 A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO INSTIGANTE E TRANSFORMADOR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA .....	29
<b>CAPÍTULO 2: A LEGIÃO URBANA NO CONTEXTO HISTÓRICO DA MÚSICA DE PROTESTO</b> .....	41
2.1 A MÚSICA BRASILEIRA CONTRA A DITADURA: FESTIVAIS, PROTESTOS E TROPICALIA .....	45
2.2 ANOS 1970: DESBUNDE, CRISE DO PETRÓLEO E DO ROCK PROGRESSIVO, ASCENÇÃO DA DISCOTECA E DO PUNK ROCK .....	47
2.3 RENATO RUSSO: O COMEÇO DE TUDO .....	49
2.4 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NAS CANÇÕES DA LEGIÃO URBANA.....	50
2.5 TRABALHANDO COM AS CANÇÕES DA LEGIÃO URBANA DURANTE O ENSINO DE HISTÓRIA .....	55
2.6 OS TRÊS DISCURSOS (OU FASES) DA LEGIÃO URBANA .....	58
<b>CAPÍTULO 3: RELATO DE NOSSO TRABALHO DE DIMENSÃO PEDAGÓGICA</b> .....	61
3.1 APLICAÇÃO DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO.....	62
3.2 ANÁLISE DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO DISCENTE .....	65
3.3 PRODUÇÃO DE TEXTOS CRÍTICOS PELOS DISCENTES .....	73
3.4 APLICAÇÃO DO SEGUNDO QUESTIONÁRIO DISCENTE .....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80
<b>ANEXO: TEXTOS DISSERTATIVOS DOS DISCENTES</b> .....	84

## INTRODUÇÃO

Este trabalho dissertativo tem como tema principal o ensino de história e a utilização da música como recurso didático instigante e transformador, tendo como subsídio a obra artística da banda de rock brasileira e brasiliense Legião Urbana (1982-1996) e a discussão de algumas canções politizadas deste grupo musical durante as aulas da disciplina de história em uma turma do nono ano de uma escola pública municipal da cidade de Parnaíba, no estado do Piauí.

Tal exercício educacional tem como objetivo geral fomentar diálogos entre o docente e o corpo discente acerca de problemáticas políticas e sociais apresentadas em duas canções da Legião Urbana (*Que País É Este* e *A Canção do Senhor da Guerra*) promovendo, assim, práticas dialógicas durante o trabalho didático em aulas de história e ao final o desenvolvimento de textos dissertativos e interpretativos por parte dos discentes, contemplando assim a dimensão pedagógica de nosso trabalho.

O desejo de trabalhar tal temática surgiu através do interesse musical do autor misturado com a vontade de pesquisar mais sobre a relação existente entre música e ensino de história, visando fazer a nossa parte para contribuir com a melhoria da educação brasileira, tornando-a mais lúdica, musical, emocionante, consciente, crítica, subversiva, visceral e impactante, assim como o *rock and roll* pode ser.

Além da nossa subjetividade estética na escolha do tema, vale ressaltar também a relevância cultural que a banda Legião Urbana tem para a atualidade. Justificamos essa afirmativa, quando ouvimos as suas canções prestando atenção nas letras que possuem um conteúdo instigante e propício para debates em sala de aula sobre assuntos históricos, políticos, filosóficos, sociológicos e literários, dentre outros campos do conhecimento.

Para reforçar a argumentação acima, é importante salientar que a banda Legião Urbana e Renato Russo são temas de diversos trabalhos acadêmicos, que analisam as múltiplas facetas destes artistas que marcaram a história cultural brasileira.

Mediante um contato mais aprofundado com o pensamento do historiador alemão Jörn Rüsen e seu conceito de consciência histórica bem como com as ideias do educador brasileiro Paulo Freire e seu conceito de conscientização, o autor desta dissertação contemplou uma possibilidade de continuar pesquisando sobre música conectando as ideias dos referidos autores. A pesquisa historiográfica sobre música nos é um tema familiar, pois durante a graduação em história, pesquisamos tal temática sob um recorte focado sobre os impactos da contracultura roqueira na cidade de Parnaíba-PI, entre 1970 a 2000.

Nesta monografia, em especial, tentamos compreender como a rebelde contracultura nascida nos Estados Unidos e muito ligada ao *rock* durante os anos 1960 em diante, veio a influenciar determinados indivíduos e grupos sociais em Parnaíba-PI, incitando-os às criações artísticas e experiências estéticas e comportamentais que marcaram as suas vidas.

Já durante a especialização, demos continuidade a essa linha de pesquisa, focando dessa vez mais especificamente na história das bandas de *rock* em Parnaíba, lançando mão de recursos da história oral ao entrevistarmos personagens importantes da cena roqueira parnaibana do final do século XX.

Não podemos deixar de informar também que a situação política e social do Brasil neste ano de 2022, por ser um ano eleitoral, nos instigou ainda mais a refletir e debater mais profundamente acerca dos problemas sociais e políticos brasileiros que ainda causam muita angústia e preocupação. E esses sentimentos apreensivos nos invocaram a lembrança da Legião Urbana e das letras problematizadoras e críticas de Renato Russo, que ainda hoje são bastante pertinentes.

Ademais, a situação geopolítica atual, com a eclosão de uma guerra no Leste Europeu mediante a invasão russa na Ucrânia nos fez perceber ainda mais a relevância da Legião Urbana que possui uma música denominada “*A Canção do Senhor da Guerra*”, que apesar de ser de 1984 (escrita durante a Guerra Fria) ainda se apresenta atual e relevante como suporte didático a ser discutido durante as aulas de história.

Enxergamos hoje um clima de discussão política muito forte no Brasil, com embates dilacerantes entre a esquerda e a direita. Observamos ameaças fascistas às conquistas suadas de anos de lutas sociais como a redemocratização, a “constituição cidadã” de 1988 e os direitos sociais que prezam melhorias concernentes às vidas de pretos, mulheres, indígenas, quilombolas e a comunidade LGBTQIA+. Tal retrocesso é muito preocupante para nós que valorizamos o respeito às diversidades e os direitos humanos e sonhamos com um Brasil e um mundo mais justo e digno.

Em vista disso, ficamos perplexos ao saber que no dia a dia de nosso labor docente, observamos alguns jovens estudantes defendendo a volta da ditadura militar e a tortura, alguns adolescentes (não generalizemos) com tendências fascistas que semeiam discursos de ódio e desinformação e que em plena pandemia da Covid-19 espalham *fake news* e se posicionam contra a vacina e, portanto, tornam-se antagonistas à ciência e ao bom senso.

Em vista dessa crise social e política em que estamos inseridos, despertou-se em nosso íntimo a vontade de conhecer mais sobre essa juventude atual, dialogar com ela, no anseio de entender mais o que essa nova geração do século XXI pensa e deseja.

Entendemos que é função do professor de história (ou de qualquer disciplina, na verdade) debater em sala de aula temas como democracia, cidadania, direitos políticos e sociais, racismo, homofobia, feminicídio, tráfico, uso e abuso de drogas, violência de maneira geral, desigualdade social e econômica e outros temas mais que dialogam diretamente com o cotidiano real de todos nós.

Com esse pensamento em mente, esta dissertação se propõe a ser uma pequena, mas importante contribuição para diagnosticar (de forma limitada ao nosso contexto individual como professor e pesquisador residente no microcosmo de uma cidade, no caso, Parnaíba) se a música (em especial o *rock* politizado da Legião Urbana) ainda impacta a vida dos adolescentes atuais assim como instigou e transformou a vida das gerações passadas e de muitas pessoas, incluindo nesse universo o professor/pesquisador que vos escreve.

Nesse sentido, defendemos que a arte, em sua esfera musical, pode nos ajudar a contribuir para enriquecer essa pesquisa acerca da juventude, utilizando como exemplo especificamente alunos de uma turma de nono ano do ensino fundamental de uma escola municipal de nossa cidade natal, Parnaíba.

Em suma, em nossa etapa inicial da pesquisa objetivamos investigar, por meio de uma roda de conversa e um questionário inicial, se os alunos do nono ano da escola Albertina Furtado de Castelo Branco, localizada na cidade de Parnaíba-PI conhecem a banda Legião Urbana e se apreciam ou não as suas canções.

Além disso, também queremos traçar um perfil socioeconômico deste alunado, como também no decorrer de nossa pesquisa, analisar se as composições legionárias são capazes de promover nestes alunos e alunas reflexões críticas mais apuradas a respeito não só do período de transição entre a ditadura militar e a redemocratização brasileira como também da situação política contemporânea.

Sob essa perspectiva, defendemos a ideia de que o ensino e a aprendizagem de história não deve se concentrar apenas na reflexão crítica sobre o passado, mas também deve dialogar e manter uma relação intrínseca com a realidade política do presente.

Por conseguinte, nosso trabalho também possui o escopo de dialogar com a consciência histórica prévia presente na mentalidade dos estudantes. Para melhor elucidar o nosso problema, nos fundamentamos na ideia de que o trabalho pedagógico deve estar

relacionado à discussão dialógica em sala de aula, estimulando assim o pensamento crítico e a autonomia dos discentes (FREIRE, 1997), estabelecendo uma conexão com o conceito de consciência histórica como um saber universal e diverso inerente aos seres humanos através do senso comum (CERRI, 2011) e alicerçado pelas protonarrativas, que são modos de conhecimentos assistemáticos acerca da realidade (RÜSEN, 2001).

Segundo os teóricos acima citados, todos nós temos *a priori* a capacidade de ter consciência histórica ou conscientização (termo mais usado por Paulo Freire), ela faz parte da estrutura de nossa mente, memória e de nossa maneira de nos orientar pela vida, fazendo escolhas que estão conectadas com experiências passadas a que relacionamos aos momentos presentes e que podem nos revelar perspectivas de futuro.

Diante da complexidade e pluralidade do conceito de consciência histórica, a que relacionaremos com o uso da música em sala de aula, sentimos a necessidade de esclarecer, por meio de um exemplo prático do cotidiano, o tipo de consciência histórica a que iremos nos referir neste trabalho. Por exemplo:

Suponhamos uma situação totalmente banal e cotidiana: acordar pela manhã. Se está frio, minha primeira reação biológica é permanecer na cama mais 10 minutos. Se lembro que da outra vez que fiz isso, acabei pegando ônibus lotado ou trânsito pesado no meu caminho para o trabalho, tenho que escolher qual é o conforto que prefiro: mais 10 minutos de cama quente ou ruas mais livres/ônibus vazio. Se decido levantar-me, posso escolher usar os chinelos para ir até o banheiro ou não. Se decido não usar, alguma coisa me incomoda, além de sentir o chão frio: as insistentes vezes que minha mãe me disse para sempre andar calçado, para não me resfriar. Talvez por esses motivos, de sensibilidade e de memória, eu decida sair da cama e ir calçado ao banheiro. Novamente, ao tomar o café da manhã vou alimentar-me do resultado de escolhas baseadas em interpretações do passado e na cultura de meu país e de minha família... (CERRI, 2011, p. 14)

Então, baseando-se nessa lógica apresentada acima, o conceito de consciência histórica é um fenômeno humano que parece óbvio, pois está presente na nossa rotina de seres humanos conscientes de passado, presente e futuro. Afinal, nós seres humanos somos sujeitos conscientes de nossa temporalidade. No entanto, apesar da obviedade aparente, este conceito de consciência histórica é complexo, pois envolve a vastidão de nossas memórias que definem as nossas identidades pessoais como também influencia as nossas escolhas e renúncias durante as nossas vidas.

Para exemplificar a diversidade da consciência histórica presente no mundo, o historiador Estevão Rezende de Martins (2019, p. 56) menciona que Hans-Jürgen Pandel propôs sete “dimensões” da categoria desse conceito, a saber:

(a) consciência do tempo (diferença entre passado, presente e futuro) e a “densidade” histórica (saturação de eventos) de um determinado tempo (por exemplo, 1964-1985); (b) sensibilidade para com a realidade (sensação de real e ficcional); (c) consciência da historicidade (duração e mudança da existência concreta no tempo); (d) identidade (consciência de pertencer a um grupo e capacidade de levar isso em consideração); (e) consciência política (visão das estruturas e interesses dominantes na cultura); (f) consciência econômico-social (conhecimento da desigualdade social e econômica); (g) consciência moral (capacidade de reconstruir valores e normas da época, sem cair em relativismo alienante nem abrir mão do próprio juízo).

No entanto, apesar da complexidade deste conceito, demonstramos que temos consciência histórica relacionando-a ao nosso dia a dia, desde o momento em que nascemos até o momento atual, e entendemos que todas as experiências vividas originárias do nosso mundo interior ao exterior diante do qual temos consciência, abrangem a consciência que temos da realidade.

A saber: nacionalidade, religião, etnia, o tipo de família ao qual pertencemos, gênero, orientação sexual, condição socioeconômica, serão aspectos que influenciarão o modo de existir de todos nós como sujeitos singulares, e, portanto, tais características norteiam as nossas consciências de existir no mundo, trazendo consigo situações que nos atravessam e afetam e nos fazem interpretar a realidade de acordo com a consciência histórica de nossas vivências pessoais, influenciando assim na construção de nossas identidades, nossos modos de ser e estar no mundo e dentro do limite de tempo que temos para viver.

Para reforçar mais nosso argumento e explicitar com mais veemência o conceito de consciência histórica ou conscientização com que iremos trabalhar nesta dissertação, concordamos com Paulo Freire ao afirmar que “todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos para saber o que seremos” (FREIRE, 1979, p.33).

Nesse sentido, o conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen e a ideia de conscientização crítica de Paulo Freire se conectam e são muito importantes para o trabalho didático em sala de aula, incluindo nesse território a música, a poesia e outras formas de arte como fomentadoras de uma maior conscientização tanto em sala de aula, como em outros ambientes de ensino e aprendizagem. Em vista disso, de acordo com o historiador Luís Fernando Cerri:

Não se trata de imaginar que “consciência” seja algo que se tem ou não se tem, ou que se tem do jeito certo ou errado, ou que possa ser doado de um sujeito para outro, pois significaria a imposição cultural de uns sobre outros. A consciência do mundo, dentro da perspectiva aqui tecida, é inerente ao ser humano, e pode ser mais ou menos aprofundada, mais ou menos adequada ao seu contexto, mais ou menos envolvida por mitos e preconceitos, mas o educador não é aquele que traz a luz

sobre os ignorantes cegos. Pelo contrário, dentro do princípio freiriano, ele é uma espécie de parteiro que ajuda no processo de conscientização, não lhe cabendo em nenhum momento impor a sua própria visão de mundo. Nisso, tanto Freire quanto Rûsen alinham-se à perspectiva de razão dialógica ou comunicativa do filósofo Jürgen Habermas. (CERRI, 2011, p.66-67)

Tendo como embasamento norteador o que foi dito acima, queremos deixar claro que em nosso trabalho não pretendemos impor nosso gosto musical aos discentes, ou tentar divulgar a banda Legião Urbana para estes como um grupo musical culturalmente superior. Muito longe disso, pensamos que não há cultura superior ou inferior, apenas existem culturas diferentes. E a diversidade cultural existente é enriquecedora e deve ser cada vez mais respeitada e valorizada.

Nosso gosto estético é plural, não eurocêntrico e abrange os diversos estilos musicais e artísticos em geral. Em vista disso, o objetivo principal de nosso trabalho é simplesmente estabelecer diálogos com os estudantes e trocarmos experiências produtivas mediante a utilização da música durante o ensino de história.

Escolhemos a Legião Urbana como suporte didático para contemplar a dimensão pedagógica deste trabalho, como também poderíamos ter escolhido Belchior, Titãs, Cazuza, Raul Seixas, Zé Ramalho, Engenheiros do Hawaii, Elza Soares, Racionais Mc's, Bezerra da Silva, Emicida, Chico César, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, só para citar alguns entre tantos artistas com temáticas sociais e políticas pertinentes e com músicas que podem metaforicamente servir como “iscas” para conquistar a atenção e a curiosidade dos estudantes com a meta de dialogar a respeito de temas relevantes, como a desigualdade socioeconômica e o racismo estrutural, por exemplo.

Pelo que entendemos, através da análise bibliográfica que realizamos, de acordo com Paulo Freire, a conscientização pode ser dialogada na escola, através da discussão de temas políticos e sociais relevantes para toda a comunidade escolar, mediante a pesquisa de documentos e fontes históricas, através de trabalhos acadêmicos e do estudo dos livros didáticos de história, entre outras formas suscitadoras de consciência histórica ou conscientização crítica que atravessam a realidade do mundo e da vida, incluindo nesse cabedal, o poder transformador da música e sua influência no cotidiano dos discentes e docentes.

Para delinear melhor a proposição de nosso trabalho, faremos agora um breve resumo de cada capítulo ressaltando as ideias principais que explanaremos no decorrer desta dissertação.

No primeiro capítulo, destacamos a importância que a banda Legião Urbana teve em nossa formação existencial e docente. Além disso, nessa primeira parte de nossa obra, discutiremos o conceito de consciência histórica e sua relação com a utilização da música politizada da Legião Urbana durante o ensino de história. Em vista disso, salientamos o contexto histórico de transição entre a ditadura militar e a redemocratização brasileira como referências importantes para o trabalho da Legião Urbana.

No segundo capítulo, foi necessário para um maior esclarecimento da temática abordada, escrever um breve resumo sobre a história do *rock and roll* e sobre a música brasileira de protesto para entendermos melhor as influências da Legião Urbana e como a seleção e a análise de duas músicas do grupo (*Que País é Este e A Canção do Senhor da Guerra*) pode ser uma prática instigante para se trabalhar durante o ensino de história, objetivando reflexões sobre documentos históricos capazes de fomentarem discussões e produções textuais críticas por parte dos discentes exercitando assim as suas consciências e interpretações históricas.

Já no terceiro capítulo, relataremos os dados obtidos sobre o perfil socioeconômico e cultural do alunado através de dois questionários, bem como explanaremos como foi realizada a sequência didática proposta, que foi de importância fundamental para que os estudantes produzissem textos reflexivos acerca de temáticas apresentadas pelas duas supracitadas canções da Legião Urbana, selecionadas em razão da relevância que suas temáticas críticas ainda se fazem oportunas para pesquisas, reflexões, debates e práticas educativas na contemporaneidade.

E por fim, nas considerações finais, realizaremos uma síntese, relacionando o referencial teórico com a metodologia imbuída neste trabalho. Também na conclusão de nossa pesquisa qualitativa, comentaremos de maneira concisa os resultados obtidos com o trabalho expositivo e dialógico junto aos discentes, que teve como frutos pedagógicos, as suas produções textuais (publicizadas no anexo desta dissertação) acerca das duas supracitadas canções da Legião Urbana, escolhidas e analisadas com o escopo de fomentar uma maior conscientização crítica sobre temáticas políticas importantes, antigas e contemporâneas.

## CAPÍTULO 1

### QUE PAÍS É ESTE? O BRASIL ENTRE A DITADURA E A DEMOCRACIA

“A música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo”.

François Guizot

Inicialmente, como todos os bons músicos fazem antes dos shows com seus instrumentos, é preciso de forma análoga, como historiador e docente, afinar as impressões e memórias pessoais como se fossem instrumentos musicais e ordená-las em palavras escritas tais quais notas e acordes introdutórios de uma música que irão, por assim dizer, conduzir o tom e o ritmo dessa dissertação.

Na verdade, ao pensarmos com certa profundidade, verificamos que tudo o que existe, pulsa ou vive tem ritmo, seja ele desesperadamente veloz como uma música de *thrash metal*<sup>1</sup>, nem tão rápido, nem tão devagar como um bolero ou de compasso lento e introspectivo como um réquiem.<sup>2</sup>

Os ponteiros de um relógio, o bater de um tambor ou do coração, os movimentos de rotação e translação do planeta Terra, o fluir de nossos pensamentos, o devir do tempo, as correntezas de um rio, as ondas do mar, a poesia de uma canção e até mesmo na prosa de uma dissertação, ao refletirmos bem, o ritmo se faz presente. Em vista disso, faz-se necessário tal introdução a esse primeiro capítulo para que o leitor possa mapear junto com o autor o espaço teórico a ser preenchido pelas páginas que virão neste trabalho acadêmico.

Por ora, em nossa jornada, partimos de um porto de consciência histórica individual em que fluem reminiscências oriundas de nossas experiências como entusiasta de canções e professor de história, destacando, sobretudo, o papel que a banda Legião Urbana teve em nossa existência como ser humano e docente.

---

<sup>1</sup> Um dos principais subgêneros do heavy metal, o thrash metal possui uma maior velocidade e maior peso, caracterizando um estilo musical muito agressivo. Fonte: <https://www.clickriomafra.com.br/rocknauta/o-be-a-ba-do-metal>. Acesso em 24 out.2021.

<sup>2</sup> Nome dado para o gênero de composições musicais criadas especificamente para as cerimônias fúnebres ou para homenagear os mortos. Uma das melodias mais conhecidas deste gênero foi criada por Wolfgang Amadeus Mozart, em 1791, e ficou conhecida como “O Réquiem em Ré Menor”. Uma missa de réquiem pode tanto ser feita no momento do funeral como também em datas que marcam a morte de alguém, como as “missas de sétimo dia”, por exemplo. Fonte: <https://www.significados.com.br/requiem/>. Acesso em 01 jun.2022.

Prosseguindo em nossa pesquisa, discutiremos aspectos importantes acerca do contexto histórico em que a Legião Urbana estava inserida quando gravou seus discos, fez seus shows e aparições na televisão, deu entrevistas e se tornou um grupo musical notório e marcante na memória afetiva brasileira.

Este primeiro capítulo se caracteriza por entrelaçar (como várias canções que se juntam para constituir um álbum musical) dados cronológicos e aspectos biográficos com considerações relevantes a respeito do conceito de consciência histórica desenvolvido pelo historiador alemão Jörn Rüsen e o termo análogo de Paulo Freire, conscientização crítica, e sua possível conexão com as canções mais politizadas da Legião Urbana.

Nosso texto propõe uma reflexão acerca do apelo que a música legionária possui ainda hoje para dialogar com a realidade complexa dos ouvintes e fazê-los pensar de maneira crítica sobre temas essenciais para o debate político atual.

Além disso, visando uma maior imersão no tema, relacionaremos informações referentes à história do *rock* internacional e do *rock* nacional e da música popular brasileira salientando com mais veemência as canções de protesto que instigaram indivíduos e coletividades a ir à luta para tentar melhorar as condições políticas, econômicas e sociais.

Utilizaremos tal encadeamento textual na construção deste trabalho com o objetivo de demonstrar que a Legião Urbana veio de uma tradição musical brasileira muito forte, a música de protesto, que no Brasil, misturou-se às peculiaridades existenciais de cada artista (de Geraldo Vandré, passando por Caetano Veloso, Chico Buarque, Raul Seixas, Belchior, etc), mas, sobretudo a Legião Urbana bebeu em sua fase inicial nas fontes do *punk rock* não somente pela simplicidade enérgica dos acordes e pela fúria do ritmo, mas também pelas temáticas nervosas e políticas das letras. À título de uma rápida e simples explicação, o *punk* é um subgênero do *rock* bastante contestador e subversivo, de que falaremos com mais pormenores adiante em nossa dissertação.

Contextualizando, atualmente (2022) vivemos em tempos periclitantes para a democracia brasileira, super ameaçada por posturas fascistas de políticos e setores sociais extremistas que pregam o autoritarismo, o negacionismo, o preconceito e até mesmo infelizmente, o retorno a uma ditadura militar no Brasil, desrespeitando dessa forma a Constituição Federal de 1988 e os ideais democráticos.

E no âmbito mundial, observamos diversos conflitos que trazem novamente a guerra fria como pauta para o debate público e político. Tal fato é diretamente causado pela invasão bélica russa à Ucrânia, o que tem provocado uma grave crise geopolítica e econômica cujos

desdobramentos são capazes de submeter à humanidade, até mesmo, a uma terceira guerra mundial com uso de armas nucleares. Tal acontecimento abala diretamente a economia e a política da maioria dos países, incluindo o Brasil.

É interessante observar que muitas das letras e canções da Legião Urbana, embora escritas a 30 ou 40 anos atrás ainda fazem bastante sentido na contemporaneidade. A humanidade parece dar passos para frente e outros para trás no que diz respeito ao pacifismo e ao avanço da justiça social e econômica.

Diante de tais conjunturas, acreditamos que nosso trabalho se faz oportuno por trazer reflexões sobre os impactos poderosos que a música apresenta para o ensino de história. Nesse sentido, a reflexão consciente e crítica sobre determinadas músicas da Legião Urbana (*Que País é Este?* e *A Canção do Senhor da Guerra*) são pertinentes neste ano de 2022 para nosso diálogo com os discentes em sala de aula, relacionando passado e presente, concomitantemente.

Tal inventiva nos é relevante para justamente trabalhar com temáticas históricas contemporâneas que estão em evidência nesse período: as eleições brasileiras e os futuros rumos políticos do país; e o contexto de guerra europeu que afeta o mundo inteiro, trazendo consequências para a conjuntura política, econômica e social brasileira.

Realçamos a importância da consciência histórica ou da conscientização crítica ao pensar a redemocratização brasileira inserida dentro de um processo da geopolítica mundial; e a nosso ver, a democracia no Brasil ainda é muito imatura, pouco consolidada e precisa ser valorizada cada vez mais, levando em consideração, ideais e valores pautados no respeito às diversidades, à solidariedade, à melhoria das condições econômicas da população, à ciência, à liberdade, à educação, à cultura, à saúde e ao bem-estar do povo brasileiro, dentre outros direitos humanitários vitais que são negados em contextos históricos de crises.

### **1.1 Relato: prelúdio para um pensamento musical**

Bem, agora falaremos de experiências pessoais como ser humano e professor de história. Tal relato subjetivo se faz importante para exemplificar a nossa consciência histórica individual e como esta pode refletir em nosso trabalho docente e em nosso diálogo com os estudantes.

Em vista de tratar-se de uma dissertação de um mestrado profissional de história cujo objetivo essencial é valorizar o trabalho do docente em sala de aula, como um sujeito

protagonista que apresenta a sua experiência existencial e docente para contribuir com a reflexão crítica dos discentes e docentes, tal passagem de nosso trabalho se faz oportuna. Diante disso, a trajetória do docente é importante para compreender a sua conscientização crítica (FREIRE, 1979) que vai dialogar com a consciência histórica dos discentes (RÜSEN, 2001).

Como comentamos na introdução deste trabalho, possuir consciência histórica é ter consciência do tempo, saber delimitar e estar ciente dos eventos que entrelaçam o passado, o presente e o futuro, o que constitui como uma colcha de retalhos as complexidades de nossas vidas. Porém, para que essa delimitação temporal se organizasse de maneira mais evidente e um tanto menos caótica, o ser humano inventou formas de condicionamento do tempo, como os calendários, por exemplo.

Nesse sentido, além dos calendários, as datas neles contidas são importantes para a história, pois localizam e revelam memórias e experiências. Também orientam perspectivas e despertam pensamentos e emoções. Ocasionalmente, talvez, por exemplo, pode acontecer de nos perguntarem: onde você estava quando as torres gêmeas do World Trade Center em New York caíram em 11 de Setembro de 2001? Onde você estava quando a seleção brasileira ganhou pela quinta vez a Copa do Mundo de futebol em 2002? Onde você estava quando soube da morte de Renato Russo? Ou, onde você estava quando em 24 de Fevereiro de 2022 a Rússia invadiu a Ucrânia? Em síntese, do trivial ao mais impactante, as datas fazem parte da construção da nossa identidade pessoal como marcos de consciência história.

Dando continuidade ao nosso trabalho e de acordo com a temática escolhida (entre tantas outras), por exemplo, citaremos uma data em especial sob a ótica de um relato pessoal para elucidar mais o nosso problema:

Onze de outubro de 1996. Sexta-feira. Dezoito horas. O autor dessa dissertação chegava a sua casa nesse dia e horário, cansado de mais uma tarde de estudo na escola. Cursava na época a 7ª série do ensino fundamental. Ligava a televisão e ao sentar no sofá da sala de sua residência assistia a um programa jornalístico chamado *Aqui Agora* transmitido pelo *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT).

Uma notícia então havia chamado bastante a sua atenção: naquele dia, Renato Russo, o cantor, compositor, poeta e letrista da sua banda favorita na época, a Legião Urbana, havia morrido no Rio de Janeiro aos 36 anos de idade em virtude de problemas de saúde decorrentes da AIDS (Renato era HIV positivo desde 1989, mas nunca tinha assumido publicamente a doença). Ele não queria passar pelo martírio público assim como Cazuza passou. Renato

preferira se isolar em casa após a conclusão de gravação e lançamento do melancólico álbum de despedida *A Tempestade*. Quis morrer em paz (DAPIEVE, 2000).

As homenagens ao artista seguiram pelo resto do dia em outros telejornais e se alongaram durante todo aquele fim de semana nas redes de televisão, nos jornais e rádios em todo o Brasil. No sábado à noite a atualmente extinta, TV Manchete, transmitiu um show da Legião Urbana em Porto Alegre realizado em 1990 no ginásio Gigantinho durante a turnê do álbum *As Quatro Estações*. Domingo à tarde foi a vez da TVE exibir um show no ginásio Maracanãzinho em 1988 e à noite a TV Bandeirantes passara uns dos últimos shows da Legião Urbana, em 1994 na prestigiosa casa de shows Metropolitan no Rio de Janeiro. Havia um clima triste no ar para os fãs da banda naquele final de semana. Alguns fãs de Renato Russo mais extremamente desolados suicidaram-se (MARCELO, 2009). A idolatria e o extremismo são sempre ideias perigosas.

Ainda na sexta, o Jornal Nacional da Rede Globo fez uma longa reportagem e homenagem de mais de meia hora a Renato Russo. O apresentador William Bonner, no camarim cantara para sua colega Lillian Witte Fibe os 159 versos (que milhões de brasileiros conhecem de cor) dos nove minutos da narrativa da longa canção *Faroeste Caboclo*, como forma de homenagear Renato Russo, demonstrar a sua importância para a cultura brasileira e convencer a colega, que não era fã da Legião Urbana, sobre a importância de dedicar o tempo quase todo do jornal a morte e a vida de Renato Russo.

Renato Russo, ainda em vida, foi chamado de poeta, porta-voz de uma geração e guru da *Geração Coca-Cola*, embora o próprio Renato em suas entrevistas e canções rejeitasse esse papel. Ele que dizia que não se via como profeta e nem messias. É como ele canta em *Teorema* (título tirado de um filme de Pier Paolo Pasolini, polêmico cineasta marxista, gay e italiano e grande influência de Renato), canção do primeiro álbum da Legião Urbana.

Nesta canção, ele defende a singularidade, a autonomia e a liberdade de cada pessoa fazer as suas próprias escolhas existenciais: *é só você quem deve decidir o que fazer pra tentar ser feliz*. Outros artistas e jornalistas avaliavam e lamentavam a perda precoce. As rádios do Brasil não paravam de tocar as suas canções.

Onze dias após a morte de Renato Russo, no dia 22 de Outubro de 1996, os integrantes remanescentes do conjunto musical, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá, anunciavam numa coletiva de imprensa na sede da gravadora EMI no Rio de Janeiro, o fim da Legião Urbana<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Ver: MARCELO, Carlos. **Renato Russo**: o filho da revolução. São Paulo: Planeta, 2009.

Retomaremos mais adiante relatos referentes à nossa adolescência para ajudar a compor a argumentação que almejamos imprimir aqui nesse trabalho. Sobretudo, no que diz respeito em como a Legião Urbana foi importante em nossa trajetória de vida e por isso, também influenciou e ainda influencia o papel docente do autor deste trabalho. No entanto agora, dado esse pequeno prelúdio circunscrito acima, cabe pensar o contexto histórico ao qual a banda e seu vocalista Renato Russo surgiram, para então poder lançar as bases das análises posteriores.

## 1.2 A banda na história de um novo Brasil

Novamente é preciso falar de dados cronológicos: outra data importante para esta dissertação. Cinco de setembro de 1982. Essa, relativa a um começo em vez de um fim. “*E depois do começo o que vier vai começar a ser o fim*<sup>4</sup>”. Em Patos de Minas, um município mineiro, a primeira formação musical do grupo, com Renato Russo no vocal e no contrabaixo elétrico, Eduardo Paraná na guitarra, Paulo Paulista no teclado e Marcelo Bonfá na bateria, realiza o primeiro show da Legião Urbana no festival amador *Rock no Parque*, que termina com a prisão da banda e dos companheiros da Plebe Rude (outra banda de Brasília) pelos policiais militares que não gostaram das letras e discursos críticos dos dois grupos. Era um tempo de forte censura e repressão, quando escrever letras com criticidade política era considerado um ato de subversão e punível com encarceramento.

Pouco tempo depois, com a saída de Paulista e Paraná (por incompatibilidade musical) e a rápida contribuição e desistência (por medo de palco) de Ico Ouro-Preto na guitarra, o Brasil conhece enfim a configuração clássica do grupo com Renato Russo no vocal, Dado Villa-Lobos na guitarra, Renato Rocha (um dos poucos músicos pretos da história do *rock* nacional) que ficou no contrabaixo até 1988 e o baterista Marcelo Bonfá.

Em janeiro de 1985, o primeiro álbum da Legião Urbana era lançado pela gravadora EMI. Sincronicamente nesse mesmo mês e ano, o festival de música *Rock in Rio* (sem a participação da Legião Urbana), era celebrado na *Rede Globo* de televisão e na então *Cidade do Rock*, como ficou conhecida a enorme área construída para abrigar shows nacionais e

---

<sup>4</sup> Verso de *Depois do Começo*, canção da Legião Urbana gravada no álbum *Que País é Este* 1978/1987.

internacionais de renomados artistas<sup>5</sup>. Tal evento contribuiu de forma decisiva para a popularização do *rock* brasileiro durante a década de 1980.

Contextualizando historicamente o mês de janeiro de 1985, podemos dizer que o Brasil vivia um clima de redemocratização no ar após vinte anos de ditadura civil-militar (1964-1984). “*Depois de vinte anos na escola, não é difícil aprender todas as manhas do seu jogo sujo, não é assim que tem que ser?*”, cantava e indagava jocosamente Renato Russo na música *Geração Coca-Cola*, fazendo uma irônica alusão aos anos de repressão.

Os anos 1980 haviam chegado com essa esperança de que por fim a censura iria acabar no Brasil e a liberdade de expressão e a democracia realmente iriam vingar no seu lugar. Podemos também dizer que a eleição de Jimmy Carter, um presidente democrata nos Estados Unidos que governou de 1977 a 1981, (que tinha um projeto de governo crítico às ditaduras, favorável aos direitos humanos e contra a tortura) enfraqueceu ainda mais o regime militar no Brasil, visto que é inegável a influência que os Estados Unidos possuem sobre o Brasil e no tabuleiro geopolítico mundial.

Durante o final dos anos 1970, o Brasil já experimentara o que seria uma “abertura lenta, gradual e segura” para a democracia nos últimos dois mandatos do regime militar no território nacional. A Lei da Anistia de agosto de 1979 (que “perdoava” os chamados presos políticos que eram contra o regime militar, como também os torturadores da ditadura) se tornaria um reflexo dessa transformação política pela qual passava o país. O tal “milagre econômico” que alavancara o consumo dos brasileiros durante a ditadura estava em decadência, fazendo com que a sombria realidade social e econômica do povo brasileiro (principalmente, o mais pobre) viesse à luz de forma cada vez mais tenebrosa naquele período<sup>6</sup>.

Outro relevante impacto desse período de metamorfose política brasileira foi o movimento político e civil chamado de *Diretas Já*, que podemos considerar um reflexo de uma luta coletiva por dias melhores, no que diz respeito principalmente à participação popular no sistema eleitoral. Milhões de brasileiros insatisfeitos foram às ruas clamar por democracia e eleições diretas para Presidente da República.

É importante frisar que, no aspecto econômico, o Brasil atravessava uma fase de crises ocasionadas pela forte inflação, pela desvalorização da moeda nacional, pelo desemprego, pela fome, pela gigantesca desigualdade econômica entre as classes sociais, pela

---

<sup>5</sup> Ver: ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de luta**: o rock e o Brasil dos anos 80. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

<sup>6</sup> Ver: NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

concentração de renda, pelo precário sistema público de saúde, pelo aumento da violência urbana, entre outras mazelas sociais, que foram denunciadas em muitas das canções da Legião Urbana durante a sua trajetória artística e que continuam afligindo a população brasileira nos dias atuais. É como dizia poeticamente Cazuza em uma de suas canções: “*Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não pára*”.

Em 25 de Abril de 1984, os democratas brasileiros amargaram um dissabor que atrasaria em cinco anos as eleições democráticas diretas no Brasil. O projeto de emenda constitucional organizada pelo deputado federal Dante de Oliveira que pretendia reestabelecer democraticamente as eleições diretas para presidente por voto popular fora rejeitado no Congresso Nacional. Ainda que o civil Tancredo Neves, filiado ao PMDB, tenha vencido as eleições em 15 de janeiro de 1985, de forma indireta por votação no Congresso, este não chegou a assumir a presidência, pois:

Quando o futuro já despontava promissor, o presidente eleito foi internado às pressas no Hospital de Base de Brasília, na véspera da posse. Ele tinha um processo infeccioso agudo no abdome e sentia fortes dores havia algumas semanas. Embora tivesse sintomas do câncer que o levaria à morte, preferira fazer contatos pelo país até a posse e adiar o tratamento por receio de dar um pretexto para a intervenção de militares contrariados. Sete cirurgias não bastaram para impedir a morte de Tancredo em 21 de abril de 1985. (GRANGEIA, 2016, p. 31)

Foram anos de poder executivo, legislativo e judiciário concentrado nas mãos dos militares e entre apoiadores políticos destes, como foi o caso de José Sarney, antigo aliado da ditadura, vice de Tancredo Neves, e que assumiu a presidência e governou o Brasil de 1985 a 1989. Apenas em 1989, o povo brasileiro elegeu de maneira direta um presidente da República, entregando o poder a Fernando Collor de Mello.

Dentro desse contexto de angústia e caos político e social dos anos 1980, a Legião Urbana surge como uma banda de rock politizada com forte influência do movimento *punk*<sup>7</sup>, apresentando características rebeldes e contestadoras ao *status quo* político. A Legião Urbana mediante a temática de suas canções, (por exemplo, *Que País é Este?*) conquistou muito sucesso de público e crítica, e seguidores apaixonados pelas músicas ora politizadas, ora líricas, potencializadas pelo canto barítono de Renato Russo.

A banda tornou-se por assim dizer, um exemplo de subversão demonstrando o potencial que a arte tem para conscientizar, instigar críticas aos problemas políticos e sociais e também emocionar os que por ela são afetados.

---

<sup>7</sup> Ver: BIVAR, Antônio. *O que é punk?* São Paulo: editora brasiliense, 1982.

Sobre a questão da conscientização, é interessante ressaltar novamente que nesta dissertação trabalharemos a utilização da música da Legião Urbana durante o ensino de história relacionando-a com o conceito de consciência histórica similar a ideia de conscientização defendida por Paulo Freire em seus trabalhos, e que de acordo com a definição do historiador alemão Jörn Rüsen (2001, p. 57) é a “suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”.

Para explicitar mais esse conceito, corroboramos que

Consciência histórica é a expressão utilizada contemporaneamente para designar a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo. A constituição da consciência histórica é um momento lógico da operação do pensamento histórico e está imersa no ambiente abrangente da cultura histórica. Cultura histórica é o “acervo” dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana ao longo do tempo. A consciência histórica precisa da memória – individual e coletiva – como referência dos conteúdos. (MARTINS, 2019, p. 55)

Foi em vista do que foi dito acima, que no início deste capítulo fizemos um relato pessoal sobre o impacto que a morte de Renato Russo causou em nossa subjetividade. Fizemos isso como uma maneira de exemplificar que a relação entre memória individual e coletiva junto à consciência histórica e as subjetividades dos sujeitos estão intrinsecamente vinculadas e devem ser valorizadas para uma maior compreensão das individualidades de cada estudante e de cada docente.

Tal compreensão, a nosso ver, contribui bastante com o labor pedagógico em sala de aula, pois a consciência histórica do professor é capaz de dialogar com a consciência histórica dos estudantes, e resultar em uma troca de experiências e aprendizados enriquecedores para ambas as partes.

Dessa forma, a consciência histórica é algo inerente ao ser humano (CERRI, 2011) e estaria presente como uma estrutura fundamental do pensamento que auxiliaria a orientação dos indivíduos no tempo, relacionando passado, presente e futuro. Dentro dessa lógica, quando lembramos algumas datas específicas (como as que recordamos no início deste capítulo) estamos fazendo um exercício de consciência histórica. De modo que utilizamos de nossa memória individual que também é produto de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990).

Assim, tal fator racional de pensamento recordativo nos servirá para realizarmos neste trabalho, um relato da importância que a Legião Urbana possui em nossa jornada existencial e pedagógica como docente de história. Ademais, isso nos auxiliará também para dissertarmos a respeito de como a música tem afetado a nossa prática de ensino de história em relação ao uso da sua arte como instrumento didático interessante e provocativo a ser trabalhado em sala de aula.

Assim, tendo estabelecido brevemente alguns acontecimentos do contexto histórico de redemocratização do país, momento importante que influenciará as letras e as batidas da banda que propomos utilizar e que retomaremos adiante, cabe neste momento de maneira sucinta realçar a importância da música em vários aspectos e sentidos.

### **1.3 Breves considerações sobre a importância da música**

A música se tornou uma das práticas artísticas mais valiosas, belas e enobrecedoras para a humanidade. Tal fato inspirou o filósofo alemão Friedrich Nietzsche afirmar em 1888 na sua obra *Crepúsculo dos Ídolos* que “sem música, a vida seria um erro”. Sob essa perspectiva laudatória e para elucidar mais o tema é interessante refletir que a:

Música é, antes de tudo, movimento. E sentimento ou consciência de espaço-tempo. Ritmos; sons, silêncios e ruídos; estruturas que engendram formas vivas. Música é igualmente tensão e relaxamento, expectativa preenchida ou não, organização e liberdade de abolir uma ordem escolhida; controle e acaso. Música: alturas, intensidades, timbres e durações – peculiar maneira de sentir e de pensar. A música que mais me interessa, por exemplo, é aquela que me propõe novas maneiras de sentir e de pensar. (MORAES, 2010, p.87, apud RODRIGUES, 2016, p. 19).

E além dessa conceituação filosófica geral, no plano individual podemos constatar que desde nossa infância a música é nossa companheira em diversos momentos de nossas vidas. Desde as canções de ninar que outrora nos cantavam nossos pais e familiares que a música é nossa amiga.

Nos “*parabéns pra você*” em festas de aniversário, no hino nacional cantado na escola e em eventos esportivos, nos cânticos religiosos que conhecemos em nossa formação existencial, em momentos de alegrias e de tristezas também, a música tem nos feito rir, chorar, refletir – em suma, ela tem nos sensibilizado de diferentes maneiras.

Da *Marselhesa* (o hino francês, um verdadeiro convite bélico) até *All You Need Is Love* (canção *flowerpower*<sup>8</sup> dos Beatles que curiosamente começa com a introdução da *Marselhesa*, transformando uma vigorosa melodia apologética à violência em uma suave canção cujo título e refrão traduzido para a língua portuguesa diz que *tudo o que você precisa é de amor*), a música tem sido usada para realçar os mais diversos contrastes que existem na vida e no mundo.

Existem músicas para todos os momentos, como bem poetizou Arnaldo Antunes (ex-vocalista dos Titãs e colega roqueiro geracional de Renato Russo) na letra de *Música para ouvir*, que transcrevemos abaixo devido à inventividade poética que esta possui para chancelar o que estamos argumentando a respeito da grande diversidade de usos que se pode fazer da música.

Música para ouvir no trabalho/Música para jogar baralho/Música para arrastar corrente/Música para subir serpente/Música para girar bambolê/Música para querer morrer/Música para escutar no campo/Música para baixar o santo/Música para ouvir/Música para ouvir/Música para ouvir/Música para compor o ambiente/Música para escovar o dente/Música para fazer chover/Música para ninar nenê/Música para tocar novela/Música de passarela/Música para vestir veludo/Música pra surdo-mudo/Música para estar distante/Música para estourar falante/Música para tocar no estádio/Música para escutar rádio/Música para ouvir no dentista/Música para dançar na pista/Música para cantar no chuveiro/Música para ganhar dinheiro/Música para ouvir/Música para ouvir/Música para ouvir/Música pra fazer sexo/Música para fazer sucesso/Música pra funeral/Música para pular carnaval/Música para esquecer de si/Música pra boi dormir/Música para tocar na parada/Música pra dar risada. Música para ouvir/Música para ouvir/Música para ouvir. (ANTUNES, 1998)

No entanto, neste trabalho optamos por abordar a música de protesto da Legião Urbana, tendo em vista a especificidade de nossa temática e os recortes que ela propõe.

À título de síntese de um conceito tão profundo e complexo, podemos afirmar que a música é a arte e a ciência de combinar sons agradáveis ou instigantes à audição. Detentora de toda uma teoria e prática consistente de conceitos importantes como melodia, harmonia, acorde e ritmo (dentre outros), a música tem sido um canal relevante de expressão de pensamentos e emoções de vários indivíduos e grupos sociais de diferentes culturas e gerações.

---

<sup>8</sup> Slogan usado pelos hippies dos anos 60 até o começo dos anos 70, como símbolo da ideologia da não-violência e de repúdio à Guerra do Vietnã. Fonte: <https://www.floreseflores.com.br/index.php/dicas-e-curiosidades/flower-power-o-poder-das-flores-na-filosofia-hippie-nos-anos-60-e-70/>. Acesso em: 24 out.2021.

Além disso, a música pode também ser utilizada como um importante e envolvente recurso didático durante o ensino e a aprendizagem da disciplina de história e será justamente sobre esse importante uso que nos deteremos a seguir.

#### **1.4 A música como recurso didático instigante e transformador para o ensino de história**

A música pelo seu caráter múltiplo oferece diferentes possibilidades de abordagem em sala de aula. Sobretudo, aquelas produzidas com letras que denotam críticas sociais e políticas. Muitas delas se notabilizam por uma riqueza reflexiva capaz de promover denúncias e instigar à ação ao serem cantadas. Essa forma de música emergiu do sistema musical ocidental e transformou-se numa importante fonte histórica digna de ser pesquisada, pois esta contribui para uma maior compreensão da produção cultural das sociedades. (BITTENCOURT, 2011). Em vista disso,

As canções podem ser importantes documentos para a pesquisa e as representações sociais, facilitam a compreensão do conhecimento histórico pelo vínculo que estabelecem entre os alunos e os grupos que viveram em outros contextos históricos. A música revela momentos, épocas e culturas, constituindo-se uma das formas mais significativas da expressão humana. As atividades que envolvem composições musicais proporcionam, na sala de aula, momentos agradáveis, pois envolvem também o lúdico. (MEDEIROS, 2007, p. 67).

Em nossa experiência como docente de história, até o momento, observamos que os discentes tem tido uma razoável receptividade no que diz respeito à utilização da música em sala de aula, como objeto de análise, não só de letras, mas também de ritmos, harmonias, melodias, ideologias políticas e estéticas dentre outros aspectos interessantes a serem estudados quando relacionamos a pesquisa musical e o ensino de história. Em vista disso, nossa prática tem sido consoante com a metodologia adotada por Marcos Napolitano (2002, p. 7), no sentido de que:

A história, no seu frenesi contemporâneo por novos objetos e novas fontes, tem se debruçado sobre o fenômeno da música popular. Mas esse namoro é recente, ao menos no Brasil. A música popular se tornou um tema presente nos programas de pós-graduação, sistematicamente, só a partir do final dos anos 70, sendo que o boom de pesquisas, no Brasil, ocorreu a partir do final dos anos 80. Apesar da presença constante do tema nos trabalhos acadêmicos, há muito que discutir, debater, investigar. [...] Não se pode mais reproduzir certos vícios de abordagem da música popular, sob o risco de não ser integrado ao debate nacional e internacional. Em minha opinião, esses vícios podem ser resumidos na operação analítica, ainda presente em alguns trabalhos, que fragmenta este objeto sociológica e culturalmente complexo, analisando “letra” separada da “música”, “contexto” separado da “obra”, “autor” separado da “sociedade”, “estética” separada da “ideologia”. [...] Minha perspectiva aponta para a necessidade de compreendermos as várias manifestações e

estilos musicais dentro da sua época, da cena musical na qual está inserida, sem consagrar e reproduzir hierarquias de valores herdadas ou transformar o gosto pessoal em medida para a crítica histórica.

Ante essa visão proposta, nosso trabalho pretende também apresentar uma contribuição para tentar empreender uma abordagem da música de forma integrada, interdisciplinar e não segmentada, como as diferentes áreas e trabalhos acadêmicos costumaram fazer ao longo do tempo.

Essa nossa perspectiva visa justamente pensar que a música não é um todo constituída de partes que não se conectam entre si, mas que ela distende e alarga o espaço material que ela mesma ocupa enquanto corpo. Nesse sentido, sua letra, seu ritmo, sua harmonia, os instrumentos, as partituras usadas e a época e os afetos a que ela está ligada tecem uma teia que se interpenetram e que não podem de modo nenhum ser dissociados.

Ponderando sobre isso, agora lembramos que um dos principais objetivos que tivemos em nossa experiência em trabalhar e “pensar canções” (no sentido de não só ouvi-las, mas também meditar acerca das suas mais variadas características e peculiaridades) em sala de aula, junto com os estudantes analisando as temáticas e problematizações trazidas por elas (em especial, canções da Legião Urbana com vieses políticos), foi justamente propor aos discentes uma maior conscientização crítica, sobretudo acerca dos fatos políticos ocorridos no Brasil desde a sua época colonial até a contemporaneidade, tendo em vista que a Legião Urbana teve como projeto artístico preponderante refletir acerca da história do Brasil enfatizando os seus aspectos mais problemáticos<sup>9</sup>. Sobre isso, o filósofo Marcos Carvalho Lopes pondera que:

Inspirado em Pasolini, se existe uma dimensão constante no trabalho de Russo, essa é de combate ao fascismo e as formas autoritárias de existência, sempre ressaltando que o tempo de ditadura militar havia moldado modos de vida em que a desigualdade e o desrespeito pela liberdade individual eram ocultados em nome de um projeto de nação. (LOPES, 2011, p. 55)

Sobre esse aspecto essencial existente na visão política de Renato Russo, é importante salientar que o cantor e compositor tinha considerações críticas a respeito do período ditatorial brasileiro, inclusive escrevendo canções que retratavam essa fase da história do Brasil, como a canção *1965 (Duas Tribos)* que possui referências à tortura praticada pelos militares contra os críticos ao regime militar. Ainda sobre a supracitada canção, antes de apresentá-la ao vivo no Programa Livre, no SBT, em 1994, Renato Russo ponderou que:

---

<sup>9</sup> Ver: LOPES, Marcos Carvalho. **Canção, estética e política: ensaios legionários**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

Esta música é sobre um momento do nosso país, em que, de repente, fechou tudo. Eu acho sempre importante lembrar – eu, pelo menos, gosto de me lembrar – que hoje a situação pode estar difícil para caramba, mas a gente tem uma coisa muito preciosa, que é a liberdade. Então, eu posso vir aqui cantar, vocês fazem o que vocês quiserem. Isso eu acho muito, muito importante. A gente se esquece de que, até bem pouco tempo atrás, dependendo das idéias que se tivesse, seu irmão, seu namorado, iam bater na sua casa, eles iam pegar essa pessoa, e você nunca mais ia saber o que tinha acontecido com essa pessoa. E ficou por isso mesmo, e não se fala nisso. É uma coisa muito perigosa, eu acho a ideia: “Não, a gente era feliz naquela época”. Gente, eu não me lembro de ser feliz naquela época, não! Fazer redação dizendo que o presidente é maravilhoso, quando, muito tempo depois, a gente descobre que as pessoas estão sendo mortas, em nome de uma grande coisa que não se sabe o que é. Eu acho isso péssimo. E a música é sobre isso. A música fala especificamente de tortura, e fala dessa idéia toda de o Brasil ser o país do futuro. É sobre como seria legal se a gente encaminhasse o Brasil para ser um lance legal, porque chega de ser o país do futuro! A gente tem que ser o país do presente, a gente tem que viver agora! (RUSSO, 1994; apud: ASSAD, 2000, p. 86).

Nesse sentido, não foi por acaso a nossa escolha de duas canções da Legião Urbana (*Que País é Este* e a *Canção do Senhor da Guerra*) críticas à realidade social e política como objetos de mediação de uma possível expansão de conscientização e criticidade no universo dos estudantes.

Haja vista, que desde a nossa adolescência nos anos 1990, temos ciência da importância que o grupo musical brasileiro teve sobre a nossa formação intelectual, subjetividade estética e identidade, como também teve para toda uma geração.

Em nossa adolescência, não só ouvíamos fitas cassetes e cd's do grupo, como também líamos entrevistas de Renato Russo na revista *Bizz*, especializada em música e cultura *pop*. Em tais entrevistas, Renato não falava apenas de música, mas discorria sobre os mais diversos assuntos, incluindo política, sexualidade, sociedade, história, literatura, filosofia, etc.

Recordamos também que Renato Russo fazia citações de obras literárias e filosóficas que muito nos instigavam a curiosidade de pesquisá-las em bibliotecas para tentar conhecer mais a respeito da vida, da história e sobre a *grande fúria do mundo*<sup>10</sup>. O próprio sobrenome artístico Russo que Renato Manfredini Júnior (seu nome completo de batismo) adotou já era por si só uma referência intelectual. Era uma homenagem a três figuras históricas da filosofia e da arte que Renato admirava: os filósofos Jean-Jacques Rousseau e Bertrand Russell e o pintor Henri Rousseau.

Diante do exposto acima, reforçamos que a Legião Urbana foi uma influência positiva em nossa formação tanto de estudante quanto de professor de história. Lembramos que às

---

<sup>10</sup> Referência a um verso da canção *Pais e Filhos*, faixa 2 do álbum *As Quatro Estações* (1989) da Legião Urbana.

vezes nos utilizamos de citações de suas letras para fundamentar redações escolares que escrevíamos. Constatamos hoje que em nossa experiência individual a Legião Urbana foi mais que um grupo de rock para entretenimento fugaz, mas sim foi um projeto artístico que dialogou com nossa consciência histórica. Sob essa ótica:

A banda manteve um ponto central em todas as suas composições: o diálogo com os problemas do cotidiano, retratando nas canções os conflitos e dilemas dos jovens urbanos. As diferentes fases do grupo tiveram como fio condutor a vontade, o desejo e a necessidade de abrir um canal de interlocução com seu público jovem, envolto em inúmeras experiências decorrentes de um mundo em constante transformação. (PRADO, 2012, p. 130)

Diante dessa perspectiva, pretendemos através de nosso trabalho estabelecer um diálogo com os discentes acerca de dois temas históricos contemporâneos relacionados a duas músicas da Legião Urbana que utilizaremos como motes para discussão, a saber: em um plano nacional, a crise política brasileira (*Que País é Este?*) e em um âmbito internacional: a tensão geopolítica atual, intensificada pela guerra no Leste Europeu (*A Canção do Senhor da Guerra*).

É evidente que a Legião Urbana ainda é um grupo importante e influente na atualidade. Mas também é preciso ponderar que o rock brasileiro não tem mais a mesma veia de produção e as novas gerações passam por outro tipo de exposição musical, que não é a mesma que nós passamos outrora. Porém, observamos que as novas gerações têm (re) descoberto o trabalho dos legionários que continua impactante para a indústria cultural e para o público em geral.

Embora o grupo não tenha mais a mesma visibilidade de antigamente e não venda mais álbuns como outrora, o legado da Legião Urbana parece permanecer ainda relevante<sup>11</sup>. Muitas frases de Renato Russo retiradas de canções ou de entrevistas continuam notórias nas redes sociais deste início de século XXI<sup>12</sup>. Um exemplo dessa relevância cultural é que durante os últimos nove anos, três filmes foram feitos acerca da banda ou sobre músicas desta,

---

<sup>11</sup> Segundo a pesquisadora da obra da Legião Urbana, Chris Fuscaldo, autora do livro *Discobiografia Legionária* (Ed. Leya) a banda possui “uma obra fortíssima, com um vocalista que deixou esse legado de seguidores. É difícil tirar isso dele e a memória morrer. Mas corre esse risco de diminuir, de novas gerações chegarem e não conhecerem”. Sobre essa problemática é interessante ler: *Renato Russo: buscas por músicas solo e da Legião Urbana despencaram nos últimos anos*. Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/10/11/renato-russo-buscas-por-musicas-solo-e-da-legiao-urbana-despencaram-nos-ultimos-anos.ghtml>. Acesso em 24 out.2021.

<sup>12</sup> Sobre a importância atual da Legião Urbana para a cultura brasileira é interessante a leitura do artigo *Saudades do quê? Renato Russo, o Rock Brasileiro e o Bolsonarismo*. Escrito pelo jornalista Michel Laub. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/saudades-do-que/>. Acesso em 11 out.2021.

levando milhões de espectadores ao cinema. Foram eles: *Somos Tão Jovens* (2013), *Faroeste Caboclo* (2013) e *Eduardo e Mônica* (2020).

Mesmo sem Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá reativaram a banda em 2011 com a participação de outros músicos e vocalistas convidados (em especial, os atores Wagner Moura e André Frateschi) para fazer vários shows em todo o país celebrando o legado cultural e artístico do grupo e atraindo tanto fãs nostálgicos como novos apreciadores jovens e adultos do som do grupo.

Nos últimos anos, o nome da banda também veio à tona nos noticiários em virtude do imbróglio jurídico envolvendo o filho e herdeiro de Renato Russo (Giuliano Manfredini) e os músicos originais da banda, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá que lutam na justiça para poderem se apresentar como Legião Urbana em shows que pretendem fazer pelo país. O conflito de interesses ocorre devido ao registro jurídico que Renato Russo fez do nome Legião Urbana para si e em vista disso, o herdeiro quer ter controle total sobre o legado e a tudo que se relacione à banda de seu falecido pai.

Mas, voltando a falar sobre nosso relato pessoal, afirmamos que deliberadamente em diversas aulas, trabalhamos de maneira produtiva com a música da Legião Urbana, principalmente em suas tonalidades de indignação e denúncia dos grandes problemas brasileiros que tem se perpetuado por anos a fio.

Sobre essa experiência didática, concordamos com o historiador Marcos Napolitano (2002) em dizer que a música pode ser vista como uma fonte histórica bastante útil para a pesquisa de determinadas coletividades e eventos históricos, pois as canções trazem em si influências do contexto histórico em que foram produzidas e podem refletir as mentalidades relativas à época em que foram criadas. Para solidificar mais essa ideia concordamos que:

A música faz parte do cotidiano do ser humano. Ela está presente em vários momentos, no dia-a-dia das pessoas, tais como na televisão, rádios, computadores, celulares, na natureza, como no canto dos pássaros, nos barulhos em geral. É mais do que um enfeite ou um luxo, ela é um elixir indispensável à vida. Podemos dizer que a música é a arte de combinar sons conforme regras que variam de acordo com a época e civilização. A música tanto ajuda no nosso desenvolvimento intelectual como no estímulo a criatividade e também na possibilidade de expressar nossos diversos sentimentos por meio dos sons. É reconhecida por muitos pesquisadores como uma espécie de modalidade que desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporcionando um estado agradável de bem-estar, facilitando a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, em especial em questões reflexivas voltadas para o pensamento filosófico. (RODRIGUES, 2016, p. 24)

Em razão do que foi dito acima, percebemos que algumas canções são capazes de nos fazer refletir e indicar certos problemas que precisam ser debatidos não só na sala de aula,

como também nas ruas ou em outros ambientes sociais. Como exemplo desse singular estilo de canção, destacamos abaixo a letra de *Que País é Este?* de 1978, uma das primeiras composições de Renato Russo, feita durante a primeira leva de canções de estética *punk rock* do Aborto Elétrico, o seu primeiro grupo musical, numa fase anterior a Legião Urbana, mas gravada em estúdio posteriormente por esta em 1987.

Nas favelas, no Senado/Sujeira pra todo lado/Ninguém respeita a Constituição/Mas todos acreditam no futuro da nação/Que país é esse?/Que país é esse?/Que país é esse?/No Amazonas, no Araguaia/Na baixada fluminense/Mato Grosso, Minas Gerais/E no Nordeste tudo em paz/Na morte eu descanso/Mas o sangue anda solto/Manchando os papéis/Documentos fiéis/Ao descanso do patrão/Que país é esse?/Que país é esse?/Que país é esse?/Que país é esse?/Terceiro mundo se for/Piada no exterior/Mas o Brasil vai ficar rico/Vamos faturar um milhão/Quando vendermos todas as almas/Dos nossos índios num leilão/Que país é esse?/Que país é esse?/Que país é esse?/Que país é esse? (RUSSO, 1978)

Gravada e lançada em um álbum homônimo pela Legião Urbana, durante a crise econômica do governo Sarney, *Que País é Este?* além de ter se tornado um sucesso musical popular na época, ainda hoje pode ser considerada uma canção de protesto presente em manifestações políticas e sociais contra a corrupção e contra os desrespeitos sofridos pelos indígenas no Brasil (a Legião Urbana também problematiza essa temática em outras canções, como *Índios*, por exemplo). Lembrando que as lutas indígenas por seus direitos continuam na atual realidade brasileira de forma ainda bastante necessária e urgente. Sobre o contexto histórico da época de lançamento da canção supracitada, o jornalista Ricardo Alexandre assevera que:

Em março de 1987, autorizou-se o aumento dos alugueis. Em junho, houve saques a lojas, cem ônibus depredados, 58 feridos e noventa presos numa manifestação contra o aumento da passagem de ônibus no Rio de Janeiro. Em viagem à cidade, no mesmo mês, Sarney teve o ônibus de sua comitiva depredado, e um martelo atirado por populares estilhaçou o vidro ao lado do banco do presidente. [...] Em dezembro, quando a inflação acumulada no ano chegou a 365,99%, a Legião Urbana registrou em disco uma velha canção dos tempos de Aborto Elétrico: “Que País é Este?”. (ALEXANDRE, 2002, p. 282).

Outro ponto importante a se ressaltar é a bissexualidade de Renato Russo assumida por este em 1989 através de entrevistas e de uma canção da Legião Urbana intitulada *Meninos e Meninas*. Diante de tal fato, ressaltamos a subversividade do artista visto que a questão de assumir a bissexualidade, nos anos 80, era talvez algo mais complicado que na atualidade, pois dentro da opressiva sociedade patriarcal e machista, e o caos social vivido naqueles

tempos, a questão da homossexualidade e da bissexualidade era muito complexa devido aos preconceitos individuais e sociais. Isso porque:

[...] o advento da epidemia de HIV/AIDS, no início dos anos 80, pareceu significar em termos socioculturais, uma decretação de sentença de morte – individual e coletiva real e simbólica – dos gays. No entanto, após um momento inicial de forte recrudescimento do preconceito e da intolerância contra homossexuais e bissexuais, supostos culpados pelo surgimento da epidemia, a adoção paulatina pelo Estado, de políticas sociais de combate à difusão do vírus colocou na ordem do dia uma inédita necessidade de discussão da homossexualidade e da legitimidade dos desejos e das práticas sexuais e amorosas entre homens e, como corolário, também entre mulheres. (NETO, 1999, p. 23.)

É importante ressaltar, que a sexualidade de Renato Russo esteve presente em diversas composições do artista, seja numa estória de relacionamento heterossexual como em *Ainda é Cedo* ou em alusões ao homoerotismo veladas poeticamente em canções como *Soldados* e *Daniel na Cova dos Leões*. Durante a sua carreira solo, nos anos 1990, Renato Russo concebeu um disco todo de *covers* com músicas em inglês em que deliberadamente seu eu lírico cantou e trocou o pronome *Her* (ela) pelo *Him* (ele) como na versão transgressora de *If You See Her (Him), Say Hello*, de Bob Dylan.

Além disso, o título desse álbum chama-se *The Stonewall Celebration In Concert*, uma homenagem ao movimento de liberação gay ocorrido em Nova York em 28 de junho de 1969, data hoje considerada um marco para a comunidade LGBTQIA+ e que atualmente é o dia do orgulho desta. Russo também utilizava em apresentações camisas e botões com um triângulo rosa invertido (símbolo nazista usado durante a Segunda Guerra Mundial para discriminar e matar homossexuais) como forma de protesto e lembrete de que se deve continuar lutando contra o nazi-fascismo e a homofobia. Tudo isso reflete a carga libertária e transgressora de Renato Russo, não apenas quanto à ousadia de expor a sua sexualidade num país e época sabidamente conservadores, mas de pensar sobre a diversidade sexual nas suas composições muito antes que se tornasse tema nas discussões contemporâneas vindouras.

Retornando a questão didática, ao trabalhar uma canção como *Que País é Este?*, é interessante contextualizar historicamente a sua produção. Dizer aos discentes que ela é um produto de um tempo de ditadura militar, de certos silenciamentos (POLLAK, 1989) impostos a determinados setores sociais.

É importante também analisar as características musicais, o tom de voz indignado de Renato Russo ao cantar a letra sob um ritmo *punk*. É preciso observar as impressões dos estudantes ao analisar tal canção num esforço de tentar compreender o que realmente essa canção tenta passar ao ouvinte como forma de arte política e subversiva.

Nesse caso, surge a necessidade de que a problematização da atividade inclua também estudar a biografia ou o perfil do autor das canções e o contexto histórico em que a composição musical foi criada. Há que se refletir também acerca da temática abordada na letra e a interpretação do significado desta, porém deve-se ter em mente que uma canção além de representar um período em questão pode adquirir diversos significados para diferentes pessoas ressaltando assim que cada indivíduo possui a sua própria experiência existencial que se reflete no modo como este representa o seu mundo (CHARTIER, 1991).

Em vista disso, em nossa experiência docente, pudemos também observar certas dificuldades trazidas justamente pela singularidade que cada estudante apresenta no que diz respeito aos níveis cognitivos diferentes que cada um possui. Se por um lado esse fenômeno é enriquecedor, pois demonstra a grande pluralidade de conhecimentos prévios inerentes à consciência histórica dos indivíduos (CERRI, 2011) assim como a existência de múltiplas inteligências (GARDNER, 1995), por outro lado é desafiador para a nossa prática de ensino de história a utilização do texto e da música da Legião Urbana em sala de aula.

À título de exemplificação, lembramos que em determinadas aulas de outrora, alguns alunos demoravam a entender o uso da figura de linguagem chamada ironia nas letras de certas canções escritas por Renato Russo. Tal engenho textual está presente em várias canções escritas pelo *trovador solitário*<sup>13</sup>, como que para reforçar um discurso que fosse ao mesmo tempo denunciador e sarcástico no que concerne aos absurdos encontrados na realidade política e social brasileira. Verificamos esse recurso textual, por exemplo, na catártica letra de *Perfeição*, que citamos na íntegra abaixo.

Vamos celebrar a estupidez humana/ A estupidez de todas as nações/ O meu país e sua corja de assassinos covardes/Estupradores e ladrões/Vamos celebrar a estupidez do povo/Nossa polícia e televisão/Vamos celebrar nosso governo/E nosso Estado que não é nação. Celebrar a juventude sem escola, as crianças mortas/Celebrar nossa desunião/Vamos celebrar Eros e Thanatos/Persefône e Hades/Vamos celebrar nossa tristeza/Vamos celebrar nossa vaidade/Vamos comemorar como idiotas/A cada fevereiro e feriado/Todos os mortos nas estradas/Os mortos por falta de hospitais/Vamos celebrar nossa justiça/A ganância e a difamação/Vamos celebrar os preconceitos/O voto dos analfabetos/Comemorar a água podre e todos os impostos/Queimadas, mentiras e sequestros/Nosso castelo de cartas marcadas/O trabalho escravo, nosso pequeno universo/Toda a hipocrisia e toda a afetação/Todo roubo e toda indiferença/Vamos celebrar epidemias/É a festa da torcida campeã/Vamos celebrar a fome/Não ter a quem ouvir, não se ter a quem amar/Vamos alimentar o que é maldade/Vamos machucar o coração/Vamos celebrar nossa bandeira/Nosso passado de absurdos gloriosos/Tudo que é gratuito e feio/Tudo o que é normal/Vamos cantar juntos o hino nacional/A lágrima é verdadeira/Vamos celebrar nossa saudade/E comemorar a nossa solidão/Vamos

---

<sup>13</sup> Ver: DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo**: o trovador solitário. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

festejar a inveja/A intolerância, a incompreensão/Vamos festejar a violência/E esquecer a nossa gente/Que trabalhou honestamente a vida inteira/E agora não tem mais direito a nada/Vamos celebrar a aberração/De toda a nossa falta de bom senso/Nosso descaso por educação/Vamos celebrar o horror de tudo isto/Com festa, velório e caixão/Está tudo morto e enterrado agora/Já que também podemos celebrar/A estupidez de quem cantou essa canção/Venha!/Meu coração está com pressa/Quando a esperança está dispersa/Só a verdade me liberta/Chega de maldade e ilusão/Venha!/O amor tem sempre a porta aberta/E vem chegando a primavera/Nosso futuro recomeça/Venha que o que vem é perfeição. (RUSSO, 1993)

Ao ler uma letra pungente como essa que realmente toca as grandes feridas da realidade cruel brasileira e contextualizando-a de acordo com o tom de protesto audível na voz do compositor e intérprete da obra, e analisando a biografia do autor, constatamos que este se utilizava da ironia para tecer uma crítica aos vários problemas existentes no Brasil (LOPES, 2011). A ironia aqui é uma ferramenta de crítica e de subversão de sentido.

Outro obstáculo evidente em nossa prática docente, de outrora, ao trabalhar com a Legião Urbana, diz respeito também ao gosto estético dos discentes. Muitos preferem o chamado *sertanejo universitário*, o *funk*, o *k-pop* (e outros ritmos mais) como gêneros musicais favoritos contemporâneos, em vez do *rock and roll*, gênero musical predominante dos *legionários*.

Uma pesquisa relativamente recente, (RODRIGUES, 2016) realizada como produto pedagógico em uma dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História, apresenta dados interessantes a se levar em conta no que se refere ao gosto musical da juventude contemporânea. Entre as preferências acerca dos gêneros musicais, o sertanejo aparece na frente do *rock* no Brasil quanto à predileção popular atual referente aos adolescentes e jovens que cursam a educação básica hoje em dia.

Buscamos uma explicação para esses dados, constatando que o *rock* no Brasil não se faz muito presente nas grandes mídias atuais. O estilo que foi *mainstream*<sup>14</sup> no Brasil durante os anos 1980 foi progressivamente perdendo espaço nas rádios e na chamada televisão aberta. Acerca disso é importante refletir que:

O rock dos anos 80 nasceu na tentativa (e necessidade) de uma geração de criar sua própria identidade e ainda sobrepor modelos já distantes e ineficazes. Pela primeira vez no país, o pop-rock deixaria de ser algo alternativo, para se tornar *mainstream*. As novas bandas, formadas pela molecada, saíam das ruas, animadas pelas novidades do pós-punk e da *new wave* inglesa – mais adiante,

<sup>14</sup> *Mainstream* representa o fluxo principal, o mais popular, o que é mais comercializado e está fazendo sucesso. Este conceito está relacionado com o mundo das artes, principalmente com a música e a literatura. Por exemplo, o que está mais popular em veículos de comunicação como TV, Youtube, Spotify, Deezer, entre outros, são considerados conteúdos do *mainstream*. Fonte: <https://audiotape.com.br/o-que-e-mainstream-e-underground/>. Acesso em 24.out.2021.

entrariam na receita resquícios da própria Jovem Guarda e um discurso inteligente, afinado com os ares da já iminente democracia. (ROSA apud ALEXANDRE, 2002, p. 39).

Com o fim da MTV Brasil original (que nos anos 1990 apoiava e divulgava bastante o *rock*), o gênero musical se viu relegado novamente ao *underground*<sup>15</sup> no Brasil, assim como era nos anos 1970 (exceto pelo sucesso de Raul Seixas, Rita Lee e o grupo Secos e Molhados).

O que se vê e se ouve atualmente na maior parte do *mainstream* musical contemporâneo é o grande investimento de produtoras e empresas em um processo de massificação cada vez maior da música brasileira em prol de letras repetitivas e superficiais acerca de temas como: hedonismo exagerado e escapista e glamourização do alcoolismo, do anti-intelectualismo e da misoginia.

Não observamos mais uma preocupação em grande parte dos artistas atuais em depurarem as suas letras e fazerem o povo refletir sobre questões políticas e existenciais mais profundas, assim como a Legião Urbana fazia, tanto enquanto grupo *underground* no início, quanto *mainstream* quando conquistou através de seu trabalho sucesso de público e crítica (MAGI, 2013).

Embora, existam exceções no meio musical contemporâneo, como Emicida, Criolo, Djonga e outros artistas atuais ligados ao *hip hop*, que se preocupam em informar e fazerem seus ouvintes pensarem de maneira crítica acerca da realidade política e social, grande parte dos artistas do chamado sertanejo propagam ideais políticos reacionários e declaram apoio a candidatos de extrema-direita.

Foge ao foco deste estudo analisar de forma mais aprofundada a relação entre a música sertaneja e as ideologias políticas de direita, embora consideremos um tema relevante para futuras pesquisas a serem realizadas. E, além disso, ressaltamos que dentro mesmo da seara sertaneja, o chamado *feminejo* (estilo musical sertanejo cujas letras são cantadas e compostas por mulheres) apresenta perspectivas femininas importantes acerca do empoderamento, superação e independência femininas, o que no seio de uma sociedade machista e patriarcal, é louvável.

---

<sup>15</sup> *Underground* é o contrário de *mainstream*, é uma palavra em inglês também que pode ser traduzida como subterrâneo ou subsolo. Como o próprio nome indica, o conceito de *underground* implica algo que não é disponibilizado para um grande número de pessoas, e não tem grande reconhecimento geral. No entanto, tem um grande valor artístico agregado dentro de nichos específicos. Por exemplo: estilos musicais como rock, blues, jazz, mpb, pagode, não estão em alta no momento. Mas existem públicos ativos para cada um desses estilos, mesmo não tendo alta visibilidade no momento. Fonte: <https://audiotape.com.br/o-que-e-mainstream-e-underground/>. Acesso em 24 out.2021.

Ao retornarmos para nossa temática principal, constatamos que apesar da popularidade histórica do grupo musical escolhido como objeto de pesquisa desta dissertação, muitos estudantes adolescentes desconhecem (ou conhecem superficialmente) a existência da Legião Urbana, tendo em vista a desigualdade no acesso às informações históricas e artísticas mesmo entre adolescentes da mesma faixa etária.

Ainda dentro dessa problemática, no que diz respeito ao ensino de história, observamos também que os adolescentes e jovens estudantes atuais da chamada *Geração Z* parecem viver em um “presente eterno”, inseridos em um mundo digital e tecnológico extremamente veloz em novidades e inovações.

Muitos possuem o afã de rejeitar a cultura histórica de tudo que é passado e relevante e que pode fortalecer e aprofundar mais a consciência histórica em suas mentes. Diante desse fato, o ensino de história – que tem o escopo de promover debates instigantes, críticos e reflexivos acerca de como o passado influencia o presente e estes produzem o futuro de maneira causativa (para o bem ou para o mal) – carrega em si um grande desafio perante a realidade atual dos indivíduos e da sociedade.

Realçamos esse pensamento também como uma forma de resistência, pois uma das maiores tendências do fascismo é apagar o passado, destruir museus e fontes historiográficas, como vem ocorrendo ultimamente no Brasil.

A valorização da história como ciência e arte compromissada com fatos, e que estuda o passado em sua relação com o presente, faz-se cada dia mais imprescindível para combater a violência fascista e negacionista que mente a respeito de ditaduras, torturas, holocaustos e outras barbaridades mais que violam os direitos humanos.

Com essa missão em mente, concordamos que o papel do professor de história consiste em apresentar e dialogar temáticas importantes (FREIRE, 1997) fomentando a autonomia e a reflexão crítica dos discentes, valorizando os seus conhecimentos prévios mediante avaliações diagnósticas de seus saberes e predileções culturais. E com essa dinâmica, num clima de respeito propício a novas aprendizagens em que tanto o docente como os discentes compartilham conhecimentos, acreditamos que é possível estabelecer aulas que utilizem canções importantes e significativas do passado como fomentadoras de mais consciência histórica ou conscientização crítica no âmbito do ensino de história.

Em nosso próximo capítulo, falaremos mais a respeito da Legião Urbana e suas canções, traçando um perfil mais específico sobre a banda, bem como também a relacionando ao fio temporal da música de protesto no Brasil (seja na chamada MPB ou no *rock* nacional) e

a história do *rock* internacional, com destaque para o *punk rock*, que foi seminal para o surgimento e para a carreira da Legião Urbana. E nessa linha de pensamento, iremos propor e relatar como foi o nosso trabalho teórico e prático com os discentes conectando a questão da consciência histórica e a utilização de músicas da Legião Urbana durante o ensino de história.

## CAPÍTULO 2

### A LEGIÃO URBANA NO CONTEXTO HISTÓRICO DA MÚSICA DE PROTESTO

*Rock é uma atitude, não é moda. É música da África; não é música americana. Tem no mundo inteiro. O rock só vai mudar alguma coisa se puder servir de instrumento para seus ouvintes. Você pode pegar o rock como uma disciplina e crescer, conhecer o mundo, conhecer a si mesmo. Entrar num processo intelectual. O rock é algo que tem história.*

Renato Russo

O *rock and roll* surgiu durante a década de 1950 nos Estados Unidos primeiramente como uma forma de entretenimento e produto de consumo vinculado à juventude. Os temas de suas primeiras canções eram geralmente relacionados a carros, paqueras e festas. As primeiras músicas de seus jovens pioneiros na época como Elvis Presley, Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lee Lewis, Carl Perkins, Eddie Cochran e outros confirmam esse fato.

Era a época da Guerra Fria entre o capitalismo estadunidense e o socialismo soviético e nesse contexto percebemos que o *rock and roll* no seu início pode ser considerado como uma importante transformação cultural que modificou as relações sociais no mundo, pois além de ser um ritmo musical, foi também um catalisador de mudanças estéticas e comportamentais, sobretudo na seara da juventude<sup>16</sup>.

Sob essa ótica, podemos realçar também o caráter subversivo que o *rock and roll* apresentou em sua origem ao refletirmos que a criação do ritmo deu-se por uma fusão étnico-musical (em um período de segregação racial nos Estados Unidos) juntando entre diferentes outros estilos existentes, o *blues* dos negros e o *country* dos brancos. Conforme Muggiati, “o rock nasceu de um grito, o primeiro grito do escravo negro ao pisar em sua nova terra, a América.” (1981, p. 8). É importante salientar que:

O rock surgiu como o grito de revolta de uma nova geração. Em Woodstock (o filme), um repórter de televisão pergunta a Mike Lang, principal organizador do festival, qual a razão maior daquele sucesso. ‘A música’, responde o jovem de 24 anos. O entrevistador contra argumenta: ‘A música sempre existiu e nunca reuniu tanta gente assim’. Responde Lang: ‘Sempre existiu música, é certo, mas nunca com o envolvimento social de hoje em dia’. Este envolvimento social da música se reflete, mais do que em qualquer outra época, na ação política. (MUGGIATI, 1981, p. 14).

Desde as suas origens nos anos 1950 nas periferias negras e pobres, até se tornar o gênero musical que introduziu a juventude de classe média branca no mercado consumidor

---

<sup>16</sup> Ver: FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll**: uma história social. 6ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2010.

fonográfico, o *rock* sempre esteve associado às inconformidades sociais, mudanças de comportamento e manifestações políticas.

Há que se destacar aqui a grande representatividade negra e feminina existente em Sister Rosetta, mulher pioneira no uso da guitarra elétrica e dona de um potente canto negro. E ainda que com o passar do tempo, o *rock* tenha se ramificado em diversos outros subgêneros oriundos do *heavy metal*, adquirindo através da mídia e do imaginário do grande público uma evidente branquitude na pele e no visual de cabelos compridos lisos (e na maioria, loiros) de seus principais artistas, é preciso ainda que haja uma maior valorização histórica dos artistas negros (alguns silenciados historicamente) para assim problematizar a colonização cultural dos homens brancos sobre o *rock*.

Nessa época, em que os estudos e pesquisas decoloniais avançam cada vez mais, faz-se necessária uma crítica cultural revisionista capaz de problematizar acerca do embranquecimento quase total do *rock*, que teve em suas origens, raízes negras e africanas muito relevantes para a constituição tribal e estética do ritmo. Daí porque na epígrafe deste capítulo mencionamos uma fala de Renato Russo sobre o *rock* ser uma música vinda das entranhas e raízes da África para o mundo inteiro.

Apesar disso, a partir da existência do *rock and roll*, o jovem passou a ter uma música feita por ele e para ele que servia como trilha sonora para suas experiências existenciais. Diante disso, o *rock and roll* se tornou por assim dizer um estilo de vida que tinha a sua própria estética, a sua linguagem e seus códigos de comportamento, que geralmente enalteciam a rebeldia e a liberdade.

Nesse ambiente, a partir da década de 1960, ocorreu um amadurecimento nas temáticas em comparação com os assuntos mais juvenis da década anterior. Os anos 1960 nasceram com a ameaça cada vez mais perigosa de eclosão de uma terceira guerra nuclear e o conseqüente medo da extinção da humanidade. A luta pelos direitos civis de negros, homossexuais e mulheres, fomentou no clima daquela década, fortes desejos por revoluções políticas e sociais.

A Guerra do Vietnã, o movimento hippie, o Maio de 68 na França, foram, enfim, acontecimentos determinantes que marcaram esse período e que acabaram por influenciar no processo evolutivo do *rock*.

Apesar do aparecimento de bandas inglesas como The Beatles e Rolling Stones como grandes fenômenos culturais – é com o cantor e compositor estadunidense Bob Dylan e suas

canções de protesto que o *rock* se volta de forma mais incisiva para o debate de questões políticas e sociais importantes.

Bob Dylan, oriundo de uma tradição de música *folk* iria fundir tal estilo ao *rock* durante a década de 1960, mesclando letras politizadas que debatiam questões referentes aos direitos civis ao som melódico do violão e ao ritmo vibrante da guitarra elétrica.

Há que se ressaltar que Bob Dylan era influência confessa de Renato Russo, e segundo este o trovador norte-americano de Minnessota era seu compositor favorito (ASSAD, 1994, p.59), pois era inspirador como Dylan sabia unir comentários sociais, protesto político ao lado de temáticas amorosas em suas multifacetadas, polissêmicas e intrigantes letras que influenciaram também diversos compositores em todo o mundo; incluindo os brasileiros Caetano Veloso, Raul Seixas, Belchior e Humberto Gessinger, dentre outros. Sobre a importância e versatilidade *dylaniana*, o filósofo Daniel Lins comenta em seu livro sobre Bob Dylan – a liberdade que canta:

Como ser simplesmente Bob Dylan no século XXI, quando seu nome brota como uma lenda do século precedente, e condensa em si mesmo uma década louca que revolucionou as vidas, algo entre Kennedy, Fidel Castro, Che Guevara, Martin Luther King, os Beatles, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Frank Zappa, José Celso Martinez Corrêa, por exemplo? É pertinente observar que Bob Dylan é o músico com mais letras citadas em processos nos EUA: juízes e advogados usam suas canções em argumentos de defesa ou sentenças de seus clientes, sem negligenciar o humor presente na poesia, no canto, em suma, na rebeldia *dylaniana*, sem bandeira nem camisa. Na verdade, a tarefa do humor na arte poética do artista é imprescindível, até quando o tema é severo, grave. Refiro-me à canção Joey, do álbum *Desire* que tem como cenário a figura do gangster: Joey Gallo, cuja trajetória é contada em onze minutos, abarcando seu trágico final, baleado quando estava almoçando com a família em um bar. O que, de modo difuso, e, nem sempre evidente, caracteriza sua aptidão e vontade de viver, é a destreza, é o jeito manhoso de sacudir a existência, de exigir muito mais do que ela se limita a oferecer, retirando-a do marasmo, do sono profundo ou do desmaio do desejo de nada mais desejar. Em suma, em relação ao cotidiano flácido e à repetição entediante de uma existência que recusa a singularidade e busca abrigo na homogeneidade, travando-a, embaçando-a, Bob Dylan canta a diferença velada cuja energia, uma vez desembaraçada da demência ou do ócio não criativo, põe-se a surfar, a ondular, a agitar e a transmutar pessoas, lugares e coisas por onde passa. (LINS, 2017, p. 39).

Temáticas como a guerra estavam presentes nas composições seiscentistas de Dylan, assim como nas de Renato Russo. Interessante é a referência que há entre *A Canção do Senhor da Guerra* da Legião Urbana (que trabalharemos em nossa sequência didática com os discentes) e a música *Masters Of War* (Mestres da Guerra) de Dylan.

Nesse sentido, apesar de que o *rock and roll* tenha surgido como música para diversão juvenil, com o passar dos anos e seu amadurecimento, o estilo ganhou características

politizadas com canções capazes de trazer para o debate público, problemáticas importantes, que se referem a transformações que o mundo pós-segunda guerra mundial estava passando.

É importante salientar que o *rock* de protesto pode ser um catalisador de maior conscientização histórica, pois ao abordar temas políticos e mediante aspectos artísticos e lúdicos, esse tipo de *rock* é capaz de despertar no ouvinte sentimentos e pensamentos que floresçam disposições para transformar as estruturas políticas e sociais.

Além disso, as canções de *rock* são representações artísticas da época em que foram produzidas e podem ser instigantes fontes históricas para se compreender vários períodos estudados durante as aulas de história.

Além disso, não podemos negar que dos anos 1960 em diante a utopia por justiça social, a busca pela liberdade individual e pela expansão da consciência pelo uso de drogas psicodélicas, as lutas feministas, gays e antirracistas caminharam lado a lado com a evolução do *rock* mais ligado a movimentos anarquistas e de esquerda.

Não podemos negar que existiram e ainda existem artistas do *rock* vinculados à direita política com posicionamentos retrógrados, mas assim como o sertanejo citado no primeiro capítulo, foge ao intuito desse trabalho analisar setores artísticos mais conservadores no que diz respeito aos costumes e as transformações políticas progressistas.

Por ora, nos atemos a vincular o poder conscientizador da música de protesto progressista aos ideais de consciência histórica cuja mediação pedagógica através do uso de canções politizadas em sala de aula é primordial para uma educação como prática da liberdade (HOOKS, 2020).

E falando na relação entre música e consciência histórica iremos agora dissertar sobre a década de 1960 no Brasil sob o viés da música de protesto dos festivais e do tropicalismo até chegarmos no *punk*, no *pós-punk* e na Legião Urbana, como grupo capaz de ser um mediador instigante de consciência histórica no trabalho de ensinar história.

Mas, para tal escopo, é importante unir a perspectiva teórica e a prática pedagógica no momento oportuno deste trabalho e nesse caso, continuaremos dissertando mais sobre a relação entre música e conscientização histórica e política até chegarmos de fato no relato de nossa experiência docente atual relativa à utilização da música da Legião Urbana em aulas de história.

## 2. 1 A música brasileira contra a ditadura: festivais, protestos e tropicália

A partir de 1964 foi instaurada uma ditadura civil-militar no Brasil. Apoiada por setores conservadores ligados ao projeto capitalista estadunidense, tal postura política de grande parte da população conservadora brasileira da época se apegou a ideia de que era preciso combater o avanço do socialismo no Brasil.

Tal fato desencadeou transformações significativas na sociedade e cultura brasileira. Era um período em que várias ideologias políticas disputavam o poder político e econômico em nosso país.

Dentro desse contexto histórico, vários artistas ligados a esquerda política e a movimentos artísticos de vanguarda articulavam maneiras de resistir à hegemonia política da direita cuja agenda era pautada pelo conservadorismo na política de costumes e no alinhamento a setores sociais oligárquicos brasileiros que apoiavam com veemência os Estados Unidos no contexto da guerra fria contra o socialismo soviético.

Interessante notar, que dentro desse campo de guerra política, espacial e cultural, os artistas brasileiros da época se dividiam ideologicamente durante esse período, tendo como vínculo afetivo somente o inimigo em comum a ser combatido, o governo ditatorial brasileiro com sua censura e violenta repressão.

Para exemplificar os conflitos entre artistas da época, citamos que os músicos ligados ao Centro Popular de Cultura (vinculado a União Nacional dos Estudantes e a uma esquerda nacionalista) eram totalmente contra o *rock and roll* e a utilização da guitarra elétrica na música, pois viam isso como uma submissão ao imperialismo cultural exploratório estadunidense, que mediante o *rock and roll* estaria alienando e “americanizando” os brasileiros no que diz respeito ao engajamento na luta contra a ditadura da direita.

Famigerada ficou para a história a chamada Marcha Contra a Guitarra Elétrica, realizada em 1967, liderada por artistas como Elis Regina, e acompanhada por artistas da então inventada sigla MPB (música popular brasileira).

Dentro dessa zona cultural de esquerda nacionalista, que valorizava mais os ritmos brasileiros como o samba e a bossa nova (esta com uma roupagem mais politizada na década de 1960), encontramos Geraldo Vandré, autor de *Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores*, que se tornou uma espécie de hino de protesto contra a ditadura ao ser cantada a plenos pulmões durante as passeatas e manifestações da esquerda contra a ditadura.

Vandré assim como outros compositores e cantores dessa tradição nacionalista como Chico Buarque (que teve durante a década de 1970 diversas canções censuradas pela ditadura) são por assim dizer, filhos dos festivais da TV Record, verdadeiro manancial de exposição de novos artistas que com o passar dos anos foram se estabelecendo como ícones da música brasileira, entre estes, Caetano Veloso e Gilberto Gil, artífices da tropicália.

A tropicália ou o tropicalismo foi um movimento artístico que englobava música, cinema, literatura, teatro e artes plásticas, dentre outras intervenções estéticas. Diferentemente da música dos artistas nacionalistas mais por assim, dizer, puritanos, e que desprezavam a guitarra elétrica do *rock*, os tropicalistas abraçavam a contracultura da época de maneira antropófaga (à maneira do modernismo de Oswald de Andrade) ao misturar o *rock* e o samba com a bossa nova, colocando no mesmo caldeirão musical, a tradição e a vanguarda. Diante disso, diferente dos tradicionalistas, os tropicalistas aceitavam e utilizavam a guitarra elétrica e o *rock* assim como os artistas da Jovem Guarda, capitaneada por Roberto Carlos.

Em 1969, Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos, desarticulando assim o tropicalismo, que teve vida breve, mas que plantou sementes que resultaram numa grande renovação estética para a cultura brasileira.

Quanto ao resto do mundo, a década de 1960 foi marcada por diversas transformações sociais. No âmbito da música, pode-se dizer que o *rock and roll* caiu no gosto da maioria da juventude, tornando-se um elo cultural entre diferentes pessoas em um mundo cada vez mais em processo de globalização.

Festivais como o de Monterrey e Woodstock nos Estados Unidos e o da Ilha de Wight na Inglaterra movimentaram milhões de jovens em busca de diversão, de sentido e identidade para suas vidas.

No Brasil, a ditadura ficava cada vez mais violenta, com a decretação do Ato Institucional 5 (AI-5), que dilapidou a liberdade de expressão no Brasil, fortalecendo a censura, a tortura e a repressão aos sujeitos e grupos discordantes ao governo militar.

Nesse período, grandes intelectuais brasileiros comprometidos com o processo de conscientização histórica e política brasileira foram perseguidos. O educador Paulo Freire foi preso e exilado. Durante o exílio no Chile, escreveu obras importantíssimas como *Educação Como Prática da Liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*.

Na área musical, dois artistas ligados à ala mais nacionalista da música brasileira, Chico Buarque e Geraldo Vandré, também saíram do país. No âmbito cinematográfico,

Glauber Rocha, o inovador cineasta baiano propagador do Cinema Novo e crítico ao imperialismo estadunidense também foi exilado.

No plano político, guerrilheiros que haviam partido para a luta armada contra a ditadura, Carlos Marighella e Carlos Lamarca, foram assassinados pela repressão. Vários militantes foram torturados, muitos perderam a vida. Com a imprensa amordaçada, as universidades esvaziadas de seus projetos socialistas, a década de 1970 no Brasil começava de maneira bastante asfixiante para quem não concordava com a política da ditadura, mantenedora do *status quo* econômico dos ricos, dos latifundiários e da classe média alta burguesa brasileira.

## **2.2 Anos 1970: desbunde, crise do petróleo e do *rock progressivo*, ascensão da discoteca e do *punk rock***

O *rock and roll* durante a década de 1970 se ramificou bastante em diversas misturas musicais e estilos. Assim como as inovações tecnológicas, que desde o início do século XX norteiam as transformações musicais, do gramofone ao MP3, os artistas de *rock* setentistas influenciados por esse sentido de mutação produziram novos estilos e canções inovadoras.

De uma evolução do psicodelismo produzido no final dos anos 1960 (orquestrado por The Doors, Jimi Hendrix e Pink Floyd, entre outros artistas) nasceu o chamado *Rock Progressivo*, uma fusão de *rock*, *blues*, música erudita, *jazz* e experimentalismos sonoros. Bandas como Yes, Genesis, Emerson Lake & Palmer e King Crimson foram bastante representativas nesse segmento.

Dentro da esfera do som mais pesado, com guitarras mais distorcidas e vocais mais gritados, surge o *Hard Rock/ Heavy Metal* com o Led Zeppelin, o Black Sabbath e o Deep Purple, como bandas de maior destaque no início desse estilo. Outros grupos que se destacaram nesse segmento durante a década de 1970 e 1980 foram o Aerosmith, o Kiss, o AC/DC, o Van Halen, o Iron Maiden, o Metallica, Scorpions e os Guns and Roses, dentre outros grupos.

Outra vertente que fez sucesso na época supracitada foi o *Glam Rock*. Marcado por roupas extravagantes, pela ambiguidade sexual e performances teatrais com muitos trajes espalhafatosos e futuristas, esse estilo teve em David Bowie, Queen, New York Dolls, T. Rex, Lou Reed e Iggy Pop, alguns de seus principais protagonistas. Eram os tempos da androginia e glamour no *rock*. No Brasil, tal estilo foi bem representado pelo grupo Secos & Molhados.

Também no Brasil, o chamado “desbunde” pós-tropicalista entrou em evidência. Com a volta de Caetano e Gil do exílio em Londres, e com a ascensão de novos artistas ligados a contracultura roqueira como Raul Seixas, Mutantes, Novos Baianos, Arnaldo Baptista, Rita Lee e até mesmo dos chamados “malditos da MPB” (como Luiz Melodia, Walter Franco, Sérgio Sampaio, Jorge Mautner, Jards Macalé e outros), a cultura musical brasileira experimentava novas formas de retratar a realidade da época.

Isso ocorria através de um comportamento de protesto com textos menos diretos de ataque ao regime militar, porém cheios de metáforas que articulavam maneiras de viver de forma livre através da vivência do lema “sexo, drogas e *rock and roll*”, ainda que numa ditadura bastante repressiva (HERMETO, 2012).

Sob o viés econômico, a década de 1970 caracterizou-se pela forte crise do petróleo iniciada no Oriente Médio em 1973, o que refletiu em transformações políticas em todo o mundo, aumentando problemas como a inflação, o desemprego, a violência e a fome.

Tal situação difícil também se refletiu no Brasil com a decadência do chamado “milagre econômico”, projeto da ditadura, que por alguns anos chegou a iludir economicamente o povo brasileiro, elevando o consumismo da classe média baixa.

No âmbito cultural e internacional, a crise do petróleo iria influenciar o surgimento do *punk rock* nos Estados Unidos e na Inglaterra, principalmente, em meados dos anos 1970.

Com a estagnação do rock progressivo com suas músicas cada vez mais longas e com temas e letras geralmente fantasiosas e cada vez mais distantes de retratar os reais problemas da juventude e da sociedade da época; o *punk* foi ganhando muito espaço na mídia e na juventude como estilo mais contundente como forma de protesto a respeito dos problemas políticos e sociais.

Tal movimento refletia a angústia da época tanto no modo de se vestir, de se portar de seus protagonistas, como também no estilo realista de denúncia e crítica política através de suas letras na maior parte das vezes, cheias de indignação (BIVAR, 1988).

O *punk rock* veio a ser o antípoda da chamada música de discoteca, relacionada a um modo de viver e se divertir nas discotecas através de músicas dançantes e encarando de forma escapista os problemas políticos, econômicos e sociais, mas que, no entanto, contribuiu para uma expansão de músicas relacionadas a grupos LGBTQIA+ e ao orgulho gay, como as do grupo Village People.

Outro aspecto atrativo do *punk* para os corpos e espíritos mais revoltados da época e que influenciou bastante as bandas surgidas durante o final da década de 1970 (como o

Aborto Elétrico, grupo pré-Legião Urbana) foi o fato de que a música *punk* privilegiava a simplicidade na produção das músicas (muitas com apenas três ou quatro acordes), o que tornava o estilo propício para jovens músicos sem erudição musical mais profunda, mas com bastante vontade de expressar seus pensamentos e emoções acerca da realidade política e social que os atravessava e indignava.

Além disso, a estética *punk* valorizava o que era considerado feio para os padrões mais conservadores da sociedade. Nesse sentido, o uso de *jeans* rasgados, cabelos coloridos ou com corte moicano, o uso de tatuagens e *piercings* e alfinetes no corpo, modo de falar desbocado, sarcástico e comportamento rebelde eram, portanto, signos que compunham e caracterizavam os corpos *punks* desses jovens, inconformados com a situação política e dispostos a *desafinar o coro dos contentes*, como dizia o poeta piauiense Torquato Neto, ligado ao tropicalismo. E entre esses jovens, destaca-se a figura de Renato Russo, o líder da Legião Urbana.

### **2.3 Renato Russo: o começo de tudo**

Renato Manfredini Júnior nasceu em 27 de Março de 1960 no Rio de Janeiro. Filho de um pai economista do Banco do Brasil e de uma professora, e tendo uma irmã mais nova, Renato passou a sua infância entre o Rio de Janeiro e Nova York. Aos treze anos, foi com a família morar em Brasília, distrito federal.

Fora desde a mais tenra idade, um grande apreciador de música e desde cedo passou a gostar de *rock and roll*, sobretudo Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan, Beach Boys, The Doors, Mamas And Papas, Genesis, Pink Floyd, Emerson Lake and Palmer e outros grupos mais. Embora o *rock* fosse seu estilo musical favorito, Renato também escutava às vezes em sua adolescência, MPB (sobretudo Chico, Caetano e os músicos mineiros do Clube da Esquina), durante a sua formação musical.

Entre os quinze e dezessete anos sofre de uma doença chamada epifisiólise, o que o deixa de cama em casa durante praticamente um ano. Nesse período, Renato lê bastante literatura, filosofia e livros e revistas sobre música, principalmente a publicação inglesa *Melody Maker*, responsável por familiarizá-lo com as mais recentes novidades do mercado musical anglófilo.

É importante ressaltar que as leituras realizadas por Renato Manfredini durante a sua adolescência irão influenciar as suas letras e composições musicais futuras. O filósofo Marcelo Carvalho Lopes em seu livro *Canção, Estética e Política* (2011), contempla em

muitas canções de Renato Russo, referências às ideias de Jean-Jacques Rousseau (idealismo romântico e o mito do “bom selvagem”, como na canção “Índios”), Bertrand Russel (a crítica a guerra fria), Marcel Proust (a preocupação com a fugacidade da vida como se evidencia na canção *Tempo Perdido*), Friedrich Nietzsche (a morte de Deus, presente em *Depois do Começo* e “Índios”), Sören Kierkegaard e Jean-Paul Sartre (a angústia existencialista diante do passar do tempo e a expectativa da morte, do nada, de saber que tudo passa, nada é para sempre); como também posteriormente Russo beberia de fontes bíblicas (libadas na canção *Monte Castelo*) e orientais como o budismo (a música *Quando O Sol Bater na Janela do Teu Quarto* é um exemplo dessa influência) para desenvolver o seu projeto artístico.

A leitura de distopias como *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, 1984 de George Orwell e *Laranja Mecânica* de Anthony Burgess, também influenciaram bastante o ideário político de Renato Russo (MARCELO, 2009).

Nesse sentido, queremos frisar e trazendo mais para o objetivo pedagógico deste trabalho, a importância de um repertório intelectual histórico para a produção de obras que contenham aspectos imbuídos de consciência histórica.

Sabe-se que Renato Russo em suas letras manifestou preocupações políticas diante dos rumos do Brasil e do mundo durante os anos 1980 e 1990. Diante disso, como docente de história, realçamos a importância de apresentarmos para nossos discentes referências de cultura histórica, sem nos restringirmos ao cânone europeu, mas também mediando conhecimentos das mais diversas culturas, entre elas a oriental, a africana, a indígena, etc. Tal proposta de ensino visa enriquecer o arcabouço intelectual dos estudantes, estimulando assim diferentes visões críticas destes a respeito da história.

Sendo assim, nos interessa agora saber como a questão da consciência histórica (explanada em nosso primeiro capítulo) relaciona-se à produção da Legião Urbana, sabendo, portanto, que o grupo estava dentro de um processo histórico da música de protesto mundial e brasileira, pois as suas criações artísticas foram construídas mediante referências já existentes na linha do tempo da canção popular (HERMETO, 2012).

## **2.4 Consciência histórica nas canções da Legião Urbana**

Quando escutamos as canções da Legião Urbana, observamos que muitas das suas temáticas dizem respeito a uma busca por ética, humanismo e justiça social (*essa justiça*

*desafinada, é tão humana e tão errada*<sup>17</sup>) dentro de um mundo complicado, corrupto e angustiante.

Diferente das bandas oitentistas mais alegres e debochadas do *rock* nacional (como por exemplo, Dr. Silvana, Inimigos do Rei, Ultraje a Rigor, esta, de tendência política direitista na atualidade), o trabalho da Legião Urbana almeja ser visto como uma produção séria, compenetrada em criticar “o sistema” (oscilando entre uma postura anárquica e uma solução humanista e pacifista em algumas de suas críticas para as crises da civilização) e, ao mesmo tempo, em fazer o ouvinte refletir e buscar por si mesmo soluções para os seus problemas individuais e coletivos.

Dentro do âmbito da historicidade, ainda que falassem de temas como a ditadura militar (como em *Geração Coca-Cola* ou *1965*), as canções da Legião Urbana são instigantes fontes históricas para se compreender a década de 1980, principalmente, no Brasil.

Devemos levar isso em consideração, visto que a arte do grupo é um produto das vicissitudes do seu tempo histórico, caracterizado pelo final da ditadura militar e a incipiente redemocratização brasileira. Era, pois, um período de transição para o país, o que gerava muitas dúvidas e inseguranças principalmente na juventude daquela época. *Será que ela conseguiria vencer ou se perderia entre monstros da sua própria criação?*<sup>18</sup>

E essa angústia diante de problemas daquela época (ainda graves na atualidade) como a inflação, o desemprego, a corrupção política, a guerra, a ameaça nuclear (denunciada na música *Angra dos Reis*), eram fonte de inspiração para que o grupo expressasse suas preocupações políticas através de suas músicas, tentando através do seu trabalho informar e conscientizar historicamente o seu público.

Nesse sentido, a questão política é inerente à conscientização ou a consciência histórica dos indivíduos e sujeitos (FREIRE, 1997). A tomada de consciência e o ato de refletir a respeito dos grandes problemas políticos e de analisar a historicidade das mazelas sociais, de desnaturalizá-las pesquisando as origens destas no passado, relacionando permanências e rupturas no presente e tentar através dessas reflexões criar perspectivas e orientações sobre o futuro, é um exercício de consciência histórica. (RÜSEN, 2001)

Diante disso, defendemos neste trabalho a ideia de que a questão da consciência histórica é muito pertinente ao trabalho artístico da Legião Urbana, e não só com temáticas que espelham o ambiente público, mas também o privado, visto que como a feminista e

---

<sup>17</sup> Verso de *Baader-Meinhof Blues*, canção de 1985, que faz referência ao nome do grupo guerrilheiro de extrema-esquerda alemão, evidenciando o referencial político da música da Legião Urbana.

<sup>18</sup> Referência à música *Será*, faixa um do primeiro álbum da Legião Urbana.

professora bell hooks pontuou em sua obra *Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática* (2020), as questões privadas também são políticas.

É sob esse viés, que também o tom confessional de algumas letras de Renato Russo (como em *Meninos e Meninas*, por exemplo, que se refere a sua sexualidade) é importante para compreendermos como as questões subjetivas dos indivíduos se relacionam às questões políticas mais amplas.

Dentro desse modo de pensar, e amarrando ao trabalho docente, é importante refletirmos que também os relatos pessoais de nossos alunos e alunas devem ser ouvidos, pois são igualmente reflexos de historicidades e consciências históricas individuais, mas relacionados a vastos aspectos históricos e políticos. E nesse sentido, tanto as suas falas como as suas produções escritas (que apresentam as suas leituras de si mesmos e do mundo) devem ser consideradas, tanto nos trabalhos acadêmicos de pesquisa histórica como no ensino de história, postura esta defendida neste trabalho e praticada na intervenção pedagógica relatada no terceiro capítulo desta dissertação.

Em vista disso, reforçamos que a conscientização crítica acerca da realidade política não se doa e não se impõe como dizia Paulo Freire, pois todos nós temos consciência histórica, porém a ampliação desta é uma conquista educacional que depende da dialogicidade entre docentes e discentes.

Consoante ao pensamento do intelectual pernambucano, nós como professores e aprendizes em formação profissional contínua, podemos e devemos mediar diálogos instigantes com o alunado, debatendo com eles desde questões mais políticas de amplitude macroeconômicas, como também problemáticas mais microfísicas e culturais que digam respeito às suas mentalidades e consciência histórica íntima, que de modo mais amplo e coletivo influem socialmente na comunidade em que estes vivem.

Diante das argumentações acima, reconhecemos um grande potencial pedagógico no trabalho com as canções da Legião Urbana durante o ensino de história. Como exemplo dessa possibilidade, analisemos umas das letras do grupo (*A Canção do Senhor da Guerra*) que apresenta e discute a problemática da guerra, tema que atravessa de forma abrangente, vários livros didáticos de história, visto que a guerra desde épocas primitivas faz parte da experiência humana.

Existe alguém esperando por você/Que vai comprar a sua juventude/E convencê-lo a vencer /Mais uma guerra sem razão /E já são tantas as crianças com armas na mão /Mas explicam novamente que a guerra gera empregos /Aumenta a produção/Uma guerra sempre avança a tecnologia/Mesmo sendo guerra santa/Quente, morna ou

fria/Pra que exportar comida?/Se as armas dão mais lucros na exportação/Existe alguém que está contando com você/Pra lutar em seu lugar já que nessa guerra/Não é ele quem vai morrer/E quando longe de casa/Ferido e com frio o inimigo você espera/Ele estará com outros velhos/Inventando novos jogos de guerra/Que belíssimas cenas de destruição/Não teremos mais problemas/Com a superpopulação/Veja que uniforme lindo fizemos pra você/E lembre-se sempre que Deus está/Do lado de quem vai vencer/O senhor da guerra/Não gosta de crianças/O senhor da guerra/Não gosta de crianças/O senhor da guerra/Não gosta de crianças. (RUSSO, 1985)

Observamos que na composição dessa canção, Renato Russo utiliza-se de ironia para criticar os malefícios das guerras, ainda que sob uma ótica capitalista que valorize mais a tecnologia e os lucros financeiros, as guerras sejam vantajosas.

O recurso linguístico da ironia é uma forma inteligente e sagaz para trabalhar com os discentes percepções mais aguçadas acerca da realidade. Há uma grande crítica ao capitalismo nessa música e é interessante dialogar com os discentes a historicidade do capitalismo como um sistema econômico que *troca vidas por diamantes*<sup>19</sup>.

Ainda é importante ao dialogar com a consciência histórica dos discentes mediante a análise dessa canção, a questão de que existem diferenças históricas entre as guerras da Idade Antiga e as da contemporaneidade, no sentido de que na antiguidade, os reis participavam da guerra no campo de batalha (tal qual Alexandre, o Grande), enquanto que na contemporaneidade, os líderes políticos apenas enviam soldados para lutar e morrer durante as guerras.

Ademais, é importante frisar que a supracitada canção ainda é muito pertinente para refletirmos acerca do atual momento político brasileiro. Estamos há quase quatro anos sob um governo de extrema-direita que propaga ideais belicistas, defendendo o uso cada vez maior de armas pela população e misturando uma ideologia miliciana com o extremismo religioso, sendo que o estado brasileiro é laico e deve promover a paz entre o seu povo, de acordo com a Constituição Federal de 1988. Nesse sentido, os versos “*que belíssimas cenas de destruição, não teremos mais problemas, com a superpopulação, veja que uniforme lindo fizemos pra você, e lembre-se sempre que Deus está do lado de quem vai vencer*”, além de serem uma crítica contundente às políticas armamentistas, também são uma denúncia a atitudes genocidas que fundamentaram vários governos fascistas e disseminaram o ódio no mundo.

Durante o desenvolvimento de nosso produto pedagógico junto com os discentes analisamos a letra e a música dessa canção visando fomentar nestes o pensamento crítico,

---

<sup>19</sup> Referência a canção *Terra de Gigantes*, da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii, que ao lado da Legião Urbana é uma importante fonte histórica e musical de criticidade política e social, presente na história do *rock* nacional.

estimulando uma escrita consciente da problemática histórica da guerra, como um assunto que se refere não só a história contemporânea, moderna, medieval, antiga ou pré-histórica, mas também como algo operante no presente, pois a guerra e a violência estão no cotidiano de todos nós, não só entre países, mas no cerne das complexas relações sociais cotidianas.

Fazendo uma análise do momento bélico atual, o escritor e filósofo esloveno Slavoj Žižek comenta que:

Vladimir Putin está tentando impor um novo modelo de relações internacionais. Em vez de guerra fria, deve haver paz quente: um estado de guerra híbrida permanente em que intervenções militares são declaradas sob o pretexto de missões humanitárias e de manutenção da paz. (Žižek, 2022, p. 6)

Diante da afirmação acima, podemos perceber a dinamicidade das relações internacionais no que diz respeito à problemática da guerra e em como os fatos do passado se vinculam ao presente, porém articulando novas conjunturas geopolíticas e crises sob um novo formato histórico.

Ainda sobre como as guerras tem afetado a humanidade, é importante ponderar que:

As guerras, que na modernidade adquiriram um extremo potencial de destruição em massa, representaram a força dessa razão autoritária e destruidora. As duas grandes guerras mundiais, em particular, a primeira, pôs em xeque a razão emancipadora, capaz de trazer o bem e a paz. Mostraram a violência não só relacionada ao potencial ofensivo das armas, mas de imposição da lógica da guerra como a única alternativa possível, em um discurso unilateral. O indivíduo, assim, ocupou um espaço sem que sua voz pudesse expressar outro sentido que não o da violência. As revisões das condutas da lógica belicista não passavam pelo crivo das vítimas. Tanto o soldado quanto os civis vitimados constituíram partes mudas, quando não obstadas de manifestar suas opiniões. A guerra fria, que ocupou grande parte do cenário mundial na segunda metade do século XX, foi o ponto máximo de uma razão que define e despreza, que abusa da premissa do poder; impera sobre os países e as pessoas a expressão do medo, da desilusão e da frustração do projeto utópico de paz. (GOMES, 2014, p. 148)

Diante dessa problemática, a Legião Urbana, na *Canção do Senhor da Guerra*, escarnece dessa lógica de guerra isenta de direitos humanos e mais preocupada com valores de ambição capitalista, em detrimento das vidas humanas que são perdidas nesses contextos bélicos.

A guerra é criticada nessa canção como sendo um veículo de consolidação de uma estratégia política de dominação e poder que despreza as vidas dos sujeitos desrespeitando os direitos humanos, ressaltando o aspecto ganancioso dos motivos que fazem emergir as guerras. O avanço da tecnologia, a indústria bélica, o aumento da produção, compra e venda de armas, pensados dentro de um universo de interesses e demandas de uma parte da população com ideais belicistas, são motivos que explicam a eclosão das guerras.

## 2.5 Trabalhando com as canções da Legião Urbana durante o ensino de história

Além das duas canções já citadas nesse texto (*Que País é Este?* e *A Canção do Senhor da Guerra*) que tiveram as suas letras reproduzidas e comentadas nesta dissertação, nessa parte de nosso texto, pensamos ser oportuno aprofundar mais a nossa perspectiva acerca da trajetória da Legião Urbana relacionando-a a prática de ensino em história. Dessa forma, pretendemos colocar como sugestões para outros colegas de ofício, músicas da Legião Urbana que possuem um bom potencial para fomentar mais consciência história no trabalho em sala de aula.

Para isso, é importante salientar que a Legião Urbana pode ser analisada como uma banda de rock fruto do seu tempo caracterizado pela fase de transição entre a ditadura e a redemocratização brasileira.

Sob essa visão, é importante ressaltar que a influência do *punk rock* se fez notória no trabalho dos *legionários*, apresentando conceitos importantes como o *do-it-yourself* (faça você mesmo), conceito libertário e minimalista surgido durante o século XX que colocava no sujeito a responsabilidade por si mesmo diante da vida, fazendo uma crítica ao estado autoritário e as instituições e corporações totalitárias.

O *punk rock* como fenômeno de política cultural semeou nas mentes dos jovens brasileiros da Legião Urbana um tipo de conscientização e identidade existencial e filosofia de vida alternativa que num contexto de ditadura e repressão os fazia pensar criticamente acerca das realidades de desigualdade social e econômica existente no Brasil.

A Legião Urbana foi influenciada por grupos estadunidenses como os Ramones e bandas inglesas, com discurso socialista como o The Clash ou anárquico como os Sex Pistols cujo lema niilista *no future* (não há futuro) inspirou canções angustiantes e politizadas da banda em sua fase inicial.

Aqui citamos algumas dessas canções *punks* como: *Que País É Este* (uma crítica à corrupção política brasileira, sobretudo), *Química* (um grito de guerra dos vestibulandos como o próprio Russo a definiu no encarte do álbum de 1987 da Legião e uma crítica ao sistema educacional brasileiro vinculado ao projeto tecnicista da ditadura.), *Conexão Amazônica* (canção sobre drogas, outro tema bem presente no trabalho da Legião) *Tédio* (com um T bem

grande pra você, canção sobre o *spleen*<sup>20</sup> da vida, temática cara aos poetas ultrarromânticos e simbolistas do século XIX como Charles Baudelaire, do qual Renato era apreciador, fato este que o fez batizar a canção *Flores do Mal* como uma referência ao bardo francês e sua obra poética). Todas essas canções supracitadas são da época do Aborto Elétrico<sup>21</sup>, exceto as *Flores do Mal*.

Sobre as temáticas apresentadas pela banda em sua jornada, é relevante salientar que o grupo é vinculado a pautas importantes para as lutas progressistas atuais. Senão, vejamos.

Desde o lançamento de seu primeiro álbum em 1985, a Legião Urbana teve um discurso contestatório sendo perceptível o tom de crítica a diversas problemáticas em suas canções, como *A Dança* que apresenta uma crítica ao machismo/sexismo, ainda presentes na contemporaneidade. A letra da música em questão é endereçada a um misógino que vive “*tratando as meninas como se fossem lixo... como um objeto pra usar e jogar fora depois de ter prazer*”.

Já na letra de *O Reggae* há uma forte crítica ao sistema educacional autoritário, em que Renato Russo compara a escola com uma prisão nos versos “*ainda me lembro aos três anos de idade, meu primeiro contato com as grades, o meu primeiro dia na escola, como eu senti vontade de ir embora...*”. A crítica de Renato Russo ao sistema educacional é referente à ideologização alienante proposta pela ditadura que não valorizava o pensamento crítico dos discentes.

---

<sup>20</sup> Em francês, o termo *spleen* representa o estado de tristeza pensativa ou melancolia associado ao poeta Charles Baudelaire. O *spleen* baudelaireano é um profundo sentimento de desânimo, isolamento, angústia e tédio existencial, que Baudelaire exprime em vários dos seus poemas reunidos em *Les Fleurs du mal*. Embora o termo tenha sido muito difundido pelo poeta francês durante o decadentismo, já fora utilizado anteriormente, em particular na literatura do romantismo. Em muitas das canções da Legião Urbana, essa melancolia é transbordante, daí talvez por isso que muitos críticos considerem a banda depressiva. Interessante observar que Renato Russo em entrevista ao Jô Soares Onze e Meia em 1994 (entrevista esta disponível no *Youtube*) se define como romântico e dependente químico que inclusive se internou numa clínica de reabilitação em 1993, o que segundo o próprio teve essa doença (a dependência química) como inspiração de algumas das músicas da Legião Urbana como *Metal Contra as Nuvens*, *A Montanha Mágica*, *Vinte e Nove*, *Só Por Hoje* (esta última, inspirada nos doze passos de *Alcoólicos Anônimos*) canções que relatam o seu processo de luta contra o abuso de drogas. Para mais informações sobre essa problemática do cantautor, recomendamos a leitura da obra *Só por Hoje e Pra Sempre: Diário do Recomeço*, relato escrito por Russo e importante documento histórico e autobiográfico sobre si e seu processo de reabilitação publicado pela Companhia das Letras em 2015.

<sup>21</sup> Em 2005, o Capital Inicial (banda de *rock* brasileiro também, que herdou um espólio do Aborto Elétrico, pois seu baixista Flávio e o baterista Felipe Lemos ao lado de André Pretorius (morto em 1987) foram integrantes e auxiliares de composição no Aborto) lançou o álbum MTV Especial: Aborto Elétrico, com dezoito canções do repertório do Aborto Elétrico, quatro que já haviam sido gravadas pelo Capital Inicial (Fátima, Ficção Científica, Música Urbana, Veraneio Vascaína), cinco que já haviam sido gravadas pela Legião Urbana (Conexão Amazônica, Geração Coca-Cola, Que País é Este?, Química, Tédio (Com Um T Bem Grande pra Você)) e mais nove inéditas (Anúncio de Refrigerante, Baader-Meinhof Blues I, Benzina, Construção Civil, Despertar dos Mortos, Helicópteros no Céu, Heroína, Love Song One, Submissa). (FUSCALDO, 2016, p. 10)

Um dado biográfico relevante a citar sobre isso, é que Renato fora professor de língua e literatura inglesa (inclusive utilizando a música em sala de aula, principalmente composições de Bob Dylan como suporte didático) antes de ser músico profissional, o que também é um indício significativo que explica o tom professoral existente na sua trajetória como artista e pensador crítico.

É evidente mediante a análise de várias fontes históricas que houve uma deterioração da educação brasileira durante a ditadura militar, quando houve uma desvalorização do ensino de história, filosofia, sociologia e demais ciências humanas em prol de uma validação da ditadura e da alienação educacional e cultural da população brasileira.

Diante disso, observamos que a crítica ao tipo de escola dogmática e sufocante, criticada por Renato Russo na canção supracitada se faz pertinente, e é importante lembrar que:

O recorde negativo do Brasil em educação era um dos piores no mundo em desenvolvimento. A década de 1980 viu uma deterioração ainda maior desse recorde desanimador. Nas principais cidades em que a escola pública ensinara outrora as crianças da classe média, os sistemas escolares estavam em abandono físico e decadência educacional. [...] As crianças nas escolas brasileiras repetiam as séries elementares numa proporção mais alta do que em qualquer outro país. (SKIDMORE, 1998, p. 280-281).

A crítica à violência, indiferença e frieza humana muito influenciada pelo modelo de tecnofascismo cultural e torturador imposto pela ditadura militar surge na canção *Baader-Meionf Blues*, em que o estado brasileiro tradicional é posto como um projeto político opressivo para a liberdade do indivíduo como revelam os versos “*não estatize os meus sentimentos, pra seu governo o meu estado é independente*”.

Há nesse sentido, uma grande crítica de Russo ao sistema educacional brasileiro ditatorial que se coaduna com as propostas contestatórias de Paulo Freire e bell hooks, no sentido de que o estado totalitário e repressivo massacra e oprime o indivíduo em sua liberdade criativa e existencial, querendo torná-lo um mero reproduzidor de discursos que o vigiam e punem (FOUCAULT, 1975).

Reiteramos que todas essas problemáticas podem ser debatidas em sala de aula, inclusive as percepções de Russo sobre as relações afetivas e a sua desconstrução de discursos paradigmáticos sobre o papel masculino/feminino nas relações afetivas como em *Eduardo e Mônica*.

Na canção *Faroeste Caboclo* Renato Russo trata de temáticas como racismo, desigualdade social, migração, luta de classes e tráfico de drogas, trazendo como protagonista

da narrativa fluente da canção, um preto marginalizado pelo sistema capitalista eurocêntrico, como podemos perceber pelos seguintes versos da música: “*não entendia como a vida funcionava – discriminação por sua classe e sua cor*”.

*Fábrica*, canção de 1986 do álbum *Dois*, cuja temática se refere à luta de classes, também é uma boa sugestão de canção legionária a ser discutida no chão da escola. Nessa música, observamos a visão de um eu lírico inconformado com a exploração capitalista do trabalho do proletariado e também preocupado com a destruição do meio ambiente, provocada pela ganância do capitalismo.

Nessa época atual de desmatamento, queimadas, avanço do aquecimento global e poluição ambiental, o lamento contido nos versos, “*o céu já foi azul, mas agora é cinza, o que era verde aqui, já não existe mais*”, ainda é bastante pertinente.

A Legião Urbana costumava abrir com *Fábrica* seus shows na região do grande ABC, zona industrial paulista, berço político do Partido dos Trabalhadores e do grande líder sindical, o pernambucano Luís Inácio Lula da Silva, primeiro presidente metalúrgico do Brasil e forte candidato a vencer as eleições presidenciais de 2022.

A obra artística da Legião Urbana é, portanto, muito rica de significados e problemáticas que podem ser trabalhadas durante a prática pedagógica, inclusive, de maneira interdisciplinar, relacionando a história a outras disciplinas como a literatura, a sociologia, a filosofia, a geografia, a arte, etc.

Torna-se necessário esclarecer para o leitor que delinearemos os três discursos (ou fases) da Legião Urbana em diferentes períodos históricos (LOPES, 2011) para uma compreensão mais sintética e didática da história do grupo que durante toda a sua trajetória artística buscou estabelecer maneiras de pensar a realidade do Brasil de acordo com as transformações existenciais que Renato Russo sofria, vinculando a sua trajetória artística e trágica com as transformações políticas que o Brasil veio a ter durante a sua fase de redemocratização.

## **2.6 Os três discursos (ou fases) da Legião Urbana**

Para finalizar nosso segundo capítulo, iremos sintetizar o projeto artístico da Legião Urbana em três fases: a primeira fase contempla os três primeiros álbuns, o homônimo, de 1985, *Dois*, de 1986 e *Que País É Este*, de 1987. Nesse primeiro período, bastante

influenciado pelo *punk* e pelo *pós-punk*<sup>22</sup> de bandas inglesas como Public Image Ltd, Joy Division, The Cure, Bauhaus, Gang of Four, U2, Echo and The Bunnymen, The Smiths (entre outros grupos), podemos perceber uma banda com um discurso contestatário forte, crítico e politizado. É dessa fase as duas canções (*Que País É Este?* e *A Canção do Senhor da Guerra*) que selecionamos para trabalhar com os discentes e criar o nosso produto pedagógico que vai ser mais bem explicado no terceiro capítulo deste trabalho.

É um momento bipolar de forte confusão ideológica, em que a banda às vezes assume ares anarquistas e negativistas a respeito do Brasil e do futuro mundial, ao mesmo tempo em que tenta articular um discurso de que é preciso acreditar no processo de redemocratização do Brasil, exercitando um revisionismo histórico que abraça nessa concepção de um “novo país”, uma maior e urgente valorização dos povos indígenas, das mulheres e dos pretos como cidadãos e cidadãs que devem ter seus direitos respeitados nesse novo contexto histórico e democrático brasileiro que estava surgindo.

Em um segundo momento que vai do álbum *As Quatro Estações*, de 1989 passando pelo álbum *V*, de 1991 até *O Descobrimento do Brasil*, de 1993, o grupo sem perder a sua veia crítica, vai articulando novos discursos que abraçam a espiritualidade ecumênica, um pouco de otimismo e uma valorização maior das coisas simples da vida junto com uma preocupação vinculada a resolver problemas existenciais através da amizade e do bom convívio familiar e social.

A decepção com o governo Collor e os escândalos de corrupção é exarcebada nessa fase em que Russo através de suas letras realiza uma analogia entre sua forte crise existencial (devido a descobrir-se portador do vírus HIV e a piora de sua dependência química) e o momento crítico do país que não consegue melhorar economicamente. É a fase em que Renato Russo ao mesmo tempo em que perde o controle sobre o uso de drogas, procura ajuda e reabilitação.

A última fase da banda compreende a despedida de Renato Russo. Podemos caracterizar esse período com o lançamento do álbum *A Tempestade*, de 1996 e o póstumo *Uma Outra Estação*, de 1997 que continha canções como *La Maison Dieu*, um forte e sombrio *blues* crítico à ditadura militar e à tortura imposta por esta.

---

<sup>22</sup> O *pós-punk* é um amplo gênero musical surgido na Inglaterra após o auge do movimento *punk* em 1977 quando os músicos partiram da simplicidade crua e do tradicionalismo do *punk rock* e resolveram diversificar as suas sonoridades, linguagens, modos de ser e se vestir multiplicando as suas influências artísticas. O *pós-punk* foi a base do *rock* alternativo, ampliando a estética sonora do *rock* para um estilo minimalista e mais livre (MAGI, 2013).

Essa fase final é como uma espécie de capítulo três da banda com suas considerações finais que compreendem uma síntese da jornada existencial e artística de Renato Russo em companhia de seus parceiros musicais legionários.

Feitos esses esclarecimentos, agora em nosso terceiro e último capítulo iremos fazer o relato de nosso trabalho em sala de aula com a música da Legião Urbana e o consequente produto pedagógico que construímos de maneira interativa junto aos discentes.

### CAPÍTULO 3

## RELATO DE NOSSO TRABALHO DE DIMENSÃO PEDAGÓGICA

*O pensamento crítico é um processo interativo, que exige participação tanto do professor quanto dos estudantes.*

*bell hooks*

Em um primeiro momento, criamos um grupo em uma plataforma online (*Whatsapp*) no qual foram inseridos, junto com o professor/pesquisador, os trinta alunos matriculados no 9º ano A da Escola Municipal Albertina Furtado Castelo Branco, do município de Parnaíba, no estado do Piauí. A estes discentes foi aplicado um questionário, elaborado por meio de um formulário eletrônico criado no *Google Forms*, contendo sete questões, dentre as quais, três eram referentes a aspectos socioeconômicos, sendo destinadas a traçar o perfil dos alunos e alunas e as demais perguntas, objetivavam aferir uma avaliação dialógica a respeito de conhecimentos culturais prévios dos estudantes.

Após a aplicação do questionário, o professor/pesquisador ministrou uma aula expositiva e dialógica na qual explanou a respeito da história da banda Legião Urbana contextualizando historicamente a sua existência em um período de transição entre a ditadura militar e a redemocratização brasileira.

Dando prosseguimento ao estudo, foram realizadas, entre os meses de abril e maio de 2022 de forma presencial, durante os horários das aulas de história, rodas de conversas nas quais os discentes e as discentes foram convidados e convidadas a se expressarem a respeito de seus conhecimentos prévios (protonarrativas) sobre a história da banda Legião Urbana e o período de redemocratização ocorrido no Brasil durante os anos de 1980.

Após essa etapa inicial e o esclarecimento de que o alunado participaria de uma pesquisa referente a esta dissertação, foram apresentadas aos discentes as duas músicas que selecionamos (*Que País é Este?* e *A Canção do Senhor da Guerra*) e realizada uma discussão com os estudantes a respeito das temáticas apresentadas pelas supracitadas canções as contextualizando com o conteúdo programático da disciplina de história do nono ano do ensino fundamental de acordo com habilidades da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Em relação à música *Que País é Este?* foram consideradas as habilidades EF09HI22 e EF09HI24 da BNCC (BRASIL, 2018), a primeira com a incumbência de discutir o papel da mobilização da sociedade brasileira do final do período ditatorial até a Constituição de 1988 e a segunda, analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores

democráticos. O verso da música em questão, “*nas favelas, no senado, sujeira pra todo lado*”, demonstra um sentimento de indignação do eu lírico diante da corrupção existente na sociedade brasileira, devido à sujeira moral e ética existente no âmbito político gerar atraso e prejuízo para a população com vulnerabilidades sociais e econômicas.

Tal canção apesar de retratar o caos político e econômico existente no Brasil entre o período da ditadura e da redemocratização apresenta uma série de críticas que permanecem contundentes na realidade brasileira atual. A proposta de reflexão trazida pela música em questão e dialogada em sala de aula com os estudantes cumpre com as habilidades da BNCC supracitadas e prioriza o fomento de criticidade nos discentes durante o ensino de história.

É instigante observar que ao nos depararmos com a crítica que uma canção escrita há 42 anos ainda pode ser utilizada para descrever a situação sociopolítica contemporânea da realidade brasileira, o que nos leva a refletir e fazer questionamentos acerca do enraizamento de problemas presentes na política nacional.

No que diz respeito à música *A Canção do Senhor da Guerra* foi importante analisá-la em sala de aula, pois tal exercício nos propiciou meios para fazer uma correlação entre o período da Guerra Fria (1946 a 1991) e a guerra no Leste Europeu, entre Rússia e Ucrânia (2022), cuja relevância deve-se ao fato de que de acordo com a habilidade da BNCC EF09HI28 (BRASIL, 2018) cabe ao educador a tarefa de identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.

Nesse sentido, tal temática deve ser trabalhada na disciplina de história visando dialogar com a consciência histórica presente nos estudantes, relacionando o passado com a contemporaneidade, momento em que estamos vivenciando uma guerra entre os países Rússia e Ucrânia. Com isso o entendimento de que fatos passados estão intimamente relacionados com fatos da atualidade foi algo perceptível nas discussões com os discentes, os quais demonstraram mais entusiasmo com a disciplina e assim motivados a produzirem textos de forma crítica consoante com a temática mencionada acima.

### **3.1 Aplicação do primeiro questionário discente**

Como o objetivo geral da presente pesquisa de campo consiste em analisar o que a adolescência atual pensa a respeito de problemáticas como a corrupção política, a violência e a guerra, o início da intervenção pedagógica que nos propomos a realizar deu-se com a

aplicação de um primeiro questionário aos discentes, contendo sete questões, conforme demonstrado no Quadro 1.

QUADRO 1: AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DOS DISCENTES

<b>PRIMEIRO QUESTIONÁRIO DISCENTE</b>	
<b>QUESTÕES</b>	<b>RESPOSTAS</b>
1. QUAL SUA IDADE?	( ) 13 ANOS
	( ) 14 ANOS
	( ) 15 ANOS
	( ) 16 OU MAIS DE 16 ANOS
2. QUAL SEU GÊNERO/SEXO?	( ) MASCULINO
	( ) FEMININO
	( ) NÃO BINÁRIO
3. QUAL A RENDA DA SUA FAMÍLIA?	( ) DE 0 A 1 SALÁRIO MÍNIMO
	( ) 1,5 A 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
	( ) MAIS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
4. QUAL SEU ESTILO DE MÚSICA PREFERIDO?	( ) SERTANEJO
	( ) FORRÓ
	( ) FUNK
	( ) RAP
	( ) REGGAE
	( ) ROCK
	( ) MPB
	( ) GOSPEL
	( ) SAMBA
( ) OUTROS	
5. POR QUAIS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO VOCÊ COSTUMA SE INFORMAR?	( ) REDES SOCIAIS
	( ) TELEVISÃO
	( ) BLOGS/SITES OFICIAIS

	( ) LIVROS/REVISTAS
	( ) OUTROS
6. COMO VOCÊ CONSIDERA SEU CONHECIMENTO SOBRE POLÍTICA E DEMOCRACIA?	( ) PÉSSIMO (NÃO SEI NADA SOBRE OS ASSUNTOS)
	( ) RUIM (SEI MUITO POUCO SOBRE OS ASSUNTOS)
	( ) REGULAR (NÃO SEI POUCO E NEM MUITO SOBRE OS ASSUNTOS)
	( ) BOM (SEI O SUFICIENTE SOBRE OS ASSUNTOS)
	( ) ÓTIMO (SEI BASTANTE SOBRE OS ASSUNTOS)
7. SOBRE A BANDA LEGIÃO URBANA, RESPONDA A QUESTÃO QUE MELHOR DEFINE SEU CONHECIMENTO A RESPEITO DO GRUPO.	( ) NÃO CONHECIA A BANDA E NUNCA TINHA OUVIDO FALAR
	( ) JÁ TINHA OUVIDO FALAR, MAS NÃO A CONHECIA
	( ) CONHECIA ALGUMAS CANÇÕES DA BANDA
	( ) CONHEÇO MUITAS MÚSICAS DA BANDA

FONTE: Primeiro questionário discente elaborado pelo pesquisador para avaliação diagnóstica dos discentes participantes da pesquisa; acervo do pesquisador (2022).

Conforme podemos observar as três primeiras questões buscavam traçar um perfil etário e socioeconômico dos alunos e alunas participantes da pesquisa. As demais questões levantaram informações de gostos estéticos e de protonarrativas do corpo discente com o escopo de entendermos melhor os estudantes com que iríamos desenvolver um produto pedagógico.

### 3.2 Análise do primeiro questionário discente

O primeiro questionário foi aplicado aos 30 alunos do 9º Ano A do ensino fundamental da Escola Albertina Furtado Castelo Branco, porém apenas 26 o responderam. Seguem nos quadros abaixo os resultados obtidos.

QUADRO 2 – PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	Nº DE DISCENTES (% DISCENTES)
1. QUAL SUA IDADE?	( ) 13 ANOS	0 (0%)
	( ) 14 ANOS	25 (96,2%)
	( ) 15 ANOS	0 (0%)
	( ) 16 OU MAIS DE 16 ANOS	1 (3,8%)
2. QUAL SEU GÊNERO/SEXO?	( ) MASCULINO	7 (26,9%)
	( ) FEMININO	18 (69,2%)
	( ) NÃO BINÁRIO	1 (3,8%)
3. QUAL A RENDA DA SUA FAMÍLIA?	( ) DE 0 A 1 SALÁRIO MÍNIMO	18 (69,2%)
	( ) 1,5 A 2 SALÁRIOS MÍNIMOS	5 (19,2%)
	( ) MAIS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS	3 (11,5%)

FONTE: Questões sobre perfil etário e socioeconômico dos participantes da pesquisa; acervo do pesquisador (2022).

Com base no Quadro 2 percebemos que em relação à idade, trata-se de uma amostra homogênea, pois entre os participantes da pesquisa, 96,2% possui a idade 14 anos, faixa etária condizente com o nono ano da educação básica, há apenas um aluno que está em condição de distorção ano/idade, pois sua idade é de 16 anos, sendo que tal aluno apresenta o espectro autista.

Quanto ao gênero dos participantes, 69,2% são do sexo feminino, 26,9% masculino e 3,8% declarou-se não binário.

Em relação à condição econômica, 69,2% dos participantes declararam que sua renda familiar gira em torno de 0 a 1 salário mínimo, enquanto que 19,2%, possuem 1,5 a 2 salários mínimos e apenas 11,5% declararam possuírem renda acima de 2 salários mínimos.

QUADRO 3: GOSTOS MUSICAIS DOS DISCENTES

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	Nº DE DISCENTES (% DISCENTES)
4. QUAL SEU ESTILO DE MÚSICA PREFERIDO?	( )SERTANEJO	1 (3,8%)
	( )FORRÓ	2 (7,7%)
	( )FUNK	0 (0%)
	( )RAP	5 (19,2%)
	( )REGGAE	0 (0%)
	( )ROCK	3 (11,5%)
	( )MPB	3 (11,5%)
	( )GOSPEL	4 (15,4%)
	( )SAMBA	0 (0%)
( )OUTROS	8 (30,8%)	

FONTE: Questão sobre os gostos musicais dos discentes; acervo do pesquisador (2022)

Referente aos gostos musicais, a maioria dos participantes, correspondente a 30,8% da amostra respondeu que aprecia outros estilos musicais diferentes dos apresentados no questionário. Seguida por Rap, com 19,2% de apreciação e Gospel com 15,4% como escolha musical favorita dos discentes. Rock e MPB obtiveram o mesmo percentual de preferência musical dos discentes, correspondendo a 11,5% da amostra. O forró atingiu 7,7% e o sertanejo apenas 3,8%. Os estilos musicais Funk, Reggae e Samba não obtiveram nenhuma porcentagem de preferência da amostra.

QUADRO 4: PROTONARRATIVAS DOS DISCENTES

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	Nº DE DISCENTES (% DISCENTES)
5. POR QUAIS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO VOCÊ COSTUMA SE INFORMAR?	( )REDES SOCIAIS	21 (80,8%)
	( )TELEVISÃO	1 (3,8%)
	( )BLOGS/SITES OFICIAIS	2 (7,7%)

	( ) LIVROS/REVISTAS	2 (7,7%)
	( ) OUTROS	0 (0%)
6. COMO VOCÊ CONSIDERA SEU CONHECIMENTO SOBRE POLÍTICA E DEMOCRACIA?	( ) PÉSSIMO (NÃO SEI NADA SOBRE OS ASSUNTOS)	4 (15,4%)
	( ) RUIM (SEI MUITO POUCO SOBRE OS ASSUNTOS)	5 (19,2%)
	( ) REGULAR (NÃO SEI POUCO E NEM MUITO SOBRE OS ASSUNTOS)	10 (38,5%)
	( ) BOM (SEI O SUFICIENTE SOBRE OS ASSUNTOS)	5 (19,2%)
	( ) ÓTIMO (SEI BASTANTE SOBRE OS ASSUNTOS)	2 (7,7%)

FONTE: Questões sobre meios de busca por informações e autoavaliação dos discentes acerca de seus conhecimentos sobre política e democracia; acervo do pesquisador (2022).

De acordo com o Quadro 4, os meios utilizados para a obtenção de informação de 80,8% dos participantes deste estudo são as redes sociais, seguidas pelos blogs/sites oficiais bem como livros e revistas que correspondem a 7,7% dos discentes, enquanto que apenas 3,8% dos estudantes utilizam a televisão como veículo informativo.

Ao serem instigados a fazerem uma autoavaliação relativa ao nível de conhecimento sobre política e democracia, obtivemos os seguintes resultados: 38,5% dos discentes consideram regular, admitindo que não têm pouco e nem muito saber sobre os assuntos; 19,2% revelaram terem um bom grau de conhecimentos; 19,2% avaliaram como ruim seus conhecimentos nesses assuntos; 15,4% consideram péssimo; e 7,7% declararam como ótimos.

#### QUADRO 5: CONHECIMENTOS PRÉVIOS SOBRE A LEGIÃO URBANA

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	Nº DE DISCENTES (% DISCENTES)
7. SOBRE A BANDA LEGIÃO URBANA, RESPONDA A QUESTÃO QUE MELHOR DEFINE SEU	( ) NÃO CONHECIA A BANDA E NUNCA TINHA OUVIDO FALAR	3 (11,5%)

CONHECIMENTO A RESPEITO DO GRUPO	( ) JÁ TINHA OUVIDO FALAR, MAS NÃO A CONHECIA	6 (23,1%)
	( ) CONHECIA ALGUMAS CANÇÕES DA BANDA	14 (53,8%)
	( ) CONHEÇO MUITAS MÚSICAS DA BANDA	3 (11,5%)

FONTE: Questão sobre conhecimento dos discentes a respeito da Legião Urbana; acervo do pesquisador (2022).

Com base nos dados do Quadro 5 a respeito de conhecimentos prévios dos estudantes sobre a banda musical escolhida para ser trabalhada nesta pesquisa sobre o ensino de história, a saber, o grupo Legião Urbana, obtivemos os seguintes resultados: 53,8% dos participantes afirmaram que conheciam algumas canções da banda; 23,1%, assentiu que já tinham ouvido falar, mas não a conheciam; já entre os discentes que não conheciam a banda e nunca tinham ouvido falar e os discentes que conhecem muitas músicas da banda houve um empate com um percentual de 11,5% para ambos.

Partindo das nossas primeiras impressões referentes aos dados aferidos pelo questionário aplicado aos discentes, decidimos que teríamos como produto pedagógico a construção de textos dissertativos e críticos com base na reflexão sobre as músicas *Que País é Este?* e *A Canção do Senhor da Guerra* associado ao estudo de contextos históricos relativos ao conteúdo programático de um nono ano do Ensino Fundamental.

Para fundamentar nossa intervenção pedagógica, nos inspiramos na sequência didática proposta pelos autores Almeida, Fonseca e Oliveira (2012) na obra *A reflexão e a prática no ensino de história*. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa estão sistematizados no Quadro 6 e serão detalhados nos próximos parágrafos.

#### QUADRO 6: SISTEMATIZAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS REALIZADOS NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PROPOSTA

<b>Sequência didática: linguagem musical e história</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>
● Módulo 1: Comunicação por meios	- Apresentar a proposta desta pesquisa sobre a utilização da	- Criação de um grupo com os discentes na plataforma

digitais	música como ferramenta metodológica para o ensino de história.	<i>WhatsApp</i> para apresentação do processo de pesquisa.
● Módulo 2: Aula expositiva e dialógica 1	- Estabelecer uma relação entre a banda Legião Urbana e o contexto histórico trabalhado na disciplina.	- História da Legião Urbana e o período de transição entre a ditadura e a redemocratização brasileira.
● Módulo 3: Aula expositiva e dialógica 2	- Fomentar diálogos com os discentes sobre a importância da música como suporte didático para o ensino de história; - Compreender o perfil relativo ao gosto musical dos discentes.	- Sensibilização e diálogo com os discentes sobre o papel da música na cultura brasileira; - Avaliação diagnóstica do gosto musical dos discentes e seus familiares.
● Módulo 4: Aula expositiva e dialógica 3	- Apresentar um panorama geral da história da música brasileira.	- Apresentação do histórico da música popular brasileira contemplando seus estilos e contextos históricos.
● Módulo 5: Aula expositiva e dialógica 4	- Apresentar o trabalho musical da Legião Urbana, destacando a audição e análise das músicas selecionadas ( <i>Que País é Este?</i> e <i>A Canção do Senhor da Guerra</i> ).	- Estudo do Rock Nacional dos anos 1980; - Aprofundamento do perfil da banda Legião Urbana e do contexto histórico em que ela desenvolveu seu trabalho musical; - Apresentação das canções que seriam trabalhadas para o desenvolvimento do produto pedagógico.
● Módulo 6: Roda de conversa 1	- Promover diálogos com os discentes a respeito das canções escolhidas para análise.	- Diálogos promovendo interpretações das músicas relacionando o contexto histórico em que foram

		produzidas e a contemporaneidade.
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Módulo 7: Comunicação por meios digitais</li> </ul>	- Orientar e esclarecer dúvidas a respeito do desenvolvimento do produto pedagógico	- Instruções, via WhatsApp, sobre a produção de textos dissertativos pelo alunado a respeito das temáticas discutidas em sala de aula relacionando-as com uma das canções selecionadas, à sua escolha.
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Módulo 8: Roda de conversa 2</li> </ul>	- Avaliar o produto pedagógico produzido pelos discentes e promover discussões sobre os pontos de vistas dos discentes abordados nos seus respectivos textos.	- Socialização e leituras dos textos feitas pelos próprios discentes que os produziram e diálogos a respeito das reflexões e opiniões críticas colocadas no produto pedagógico provocado e inspirado pelas canções da Legião Urbana.

FONTE: Sistematização dos procedimentos realizados na sequência didática proposta; acervo do pesquisador (2022).

Dando início à sequência didática proposta, realizamos uma aula expositiva sobre a história da Legião Urbana e o período de transição entre a ditadura e a redemocratização brasileira. O objetivo dessa tarefa foi apresentar conhecimentos, a partir da linguagem musical, sobre a história do Brasil e a história mundial contemporânea estabelecendo relações históricas entre a produção da música urbana brasileira e os processos políticos, culturais, sociais e econômicos do século XX. (ALMEIDA; FONSECA; OLIVEIRA, 2012).

Desenvolvendo a nossa sequência didática, ocorreu o momento de sensibilização e de diálogo com os discentes para que eles reconhecessem o papel que a música exerce na cultura brasileira. Em seguida fizemos um breve levantamento dos estilos, ritmos, gêneros e artistas de que gostam, bem como incluímos nesse levantamento o que seus familiares escutam com maior frequência, a fim de compreendermos melhor as influências geracionais existentes.

Sentimo-nos instigados a compreender e questionar durante o diálogo em sala de aula quais seriam os estilos a que os alunos e alunas se referiram ao marcar o item “outros” do questionário, visto que tal item da pesquisa foi o que recebeu o maior número de votos em relação à preferência de estilos musicais, demonstrando que nenhum dos ritmos musicais propostos dentre os nove mais tradicionais (Sertanejo, Forró, Funk, Rap, Reggae, Rock, MPB, Gospel e Samba) que estavam disponíveis no questionário foram satisfatórios para definir o gosto musical dos discentes.

Durante os diálogos em sala de aula, os alunos revelaram que o estilo musical que tem o favoritismo da turma é o chamado *piseiro*, visto que esses estudantes costumam se informar e apreciar músicas por meio das redes sociais, é compreensível que o estilo mais popular na mídia em geral se torne o favorito dos jovens contemporâneos, bastante influenciados por plataformas digitais como *Tik tok*, *Instagram*, *Telegram*, *WhatsApp* e *Youtube*. Essa etapa de nossa sequência didática propiciou um diálogo entre as escutas atuais e as referências possíveis com outras gerações.

Em seguida, em um novo momento de aula expositiva e dialógica, apresentamos um breve histórico da música popular brasileira enfatizando os estilos que caracterizaram determinados contextos históricos, a saber: Samba – Era Vargas; Bossa Nova – Populismo e Desenvolvimentismo; Música Engajada, Tropicalismo, Jovem Guarda – Ditadura Civil-Militar. Dessa forma expomos as características desses estilos refletindo acerca das influências que eles ainda exercem dentro da cultura brasileira.

Por fim, em outra aula expositiva e dialógica, nos aprofundamos no estudo do *rock* nacional dos anos 1980 e da sua relação com os processos de reabertura política e redemocratização brasileira ocorridos após um longo período de ditadura civil-militar. Nesse momento foi apresentado o contexto geral do *rock* nacional daquele período da história do Brasil destacando quais os artistas mais famosos e representativos daquela época, onde eles se apresentavam para o público, focando na banda Legião Urbana e no seu trabalho artístico politizado. A motivação da escolha desse grupo musical não foi uma proposta aleatória, mas sim vinculada ao período histórico a ser estudado por esta turma de nono ano de acordo com o conteúdo proposto pela BNCC.

Após fazermos um breve histórico sobre o grupo em questão, e distribuir as letras das músicas impressas para que os discentes pudessem acompanhá-las, passamos a ouvi-las juntos aos discentes, através de uma plataforma de *streaming* musical.

Concluída a audição das canções (*Que País é Este?* e *A Canção do Senhor da Guerra*) foi realizada uma roda de conversa com os discentes onde eles puderam expressar livremente as suas impressões e interpretações sobre as temáticas apresentadas nas músicas mencionadas. Ainda nesse momento didático analisamos a letra, a música, o perfil da banda e as temáticas das canções.

Nesse momento também, diálogos foram estabelecidos para promover interpretações das duas músicas, relacionando o contexto histórico em que foram produzidas e a contemporaneidade, exercitando assim a consciência histórica, que é um conceito importante para entendermos as relações intrínsecas entre passado, presente e futuro (CERRI, 2011).

Realizamos tal discussão tendo em vista a importância de se manter um diálogo aberto com os alunos e alunas, valorizando assim um ensino de história que fomente a autonomia (FREIRE, 1997) e o pensamento crítico (HOOKS, 2020) dos estudantes.

Ao final das rodas de conversa realizadas em sala de aula, delimitamos um período de uma semana para que os discentes produzissem textos dissertativos que posteriormente seriam analisados pelo docente a fim de constatar se o uso da música como recurso didático/pedagógico trouxera benefício, no que diz respeito ao fomento de um senso crítico nos discentes, bem como facilitara o aprendizado do conteúdo histórico.

Em seguida, passamos a colocar em um grupo de WhatsApp (criado com o intuito de otimizar a comunicação com os discentes e facilitar e mediar o desenvolvimento do produto pedagógico deste trabalho de dissertação), vídeos, artigos, notícias, entrevistas sobre a Legião Urbana e a redemocratização brasileira para que dessa maneira ocorresse uma familiarização maior do alunado com a temática da pesquisa em questão. Neste momento orientamos e esclarecemos dúvidas que surgiram ao longo do desenvolvimento da produção textual que resultou em nosso produto pedagógico, que está disponível para leitura e análise no anexo desta dissertação.

Durante os diálogos realizados na plataforma WhatsApp percebemos que os estudantes apontaram relações entre as músicas apresentadas com problemas atuais tanto no Brasil como no mundo, o que ficou evidente na posterior produção textual dos mesmos.

Além disso, notamos que os discentes observaram diferenças temáticas entre o estilo musical da Legião Urbana e os estilos musicais mais populares na contemporaneidade. Pois enquanto o primeiro expressava em suas músicas e letras reflexões críticas e contestatórias a respeito da realidade política, o segundo parece alheio às problemáticas sociais de acordo com as percepções dos discentes.

Por fim, propomos à turma a produção de textos dissertativos que expusessem as suas opiniões fundamentadas nas letras das músicas supracitadas, para que estes pudessem se inspirar nessas canções com o objetivo de contemplarmos a dimensão pedagógica de nosso trabalho.

### 3.3 Produção de textos críticos pelos discentes

Os discentes produziram textos dissertativos, inspirados por uma das duas canções selecionadas pelo professor/pesquisador da banda Legião Urbana. A escolha da canção sobre a qual se propuseram a escrever ficou a critério de cada discente. Dos vinte e oito alunos que realizaram a atividade, catorze optaram pela canção *Que País é Este?* e catorze, pela música *A Canção do Senhor da Guerra*.

Durante o período em que ocorria o processo de produção dos textos, houve um intenso contato através da plataforma WhatsApp entre o docente e os discentes por meio do qual eram feitas interações e trocas de informações, pontos de vista, ou seja, diálogos pertinentes ao desenvolvimento do produto pedagógico.

A análise, que sucedeu a escrita dos textos pelos discentes, nos revelou que realmente existe no conteúdo dos textos um pensamento crítico desenvolvido pelos estudantes. Através da leitura dos textos, que se encontram no anexo deste trabalho, podemos perceber que as canções da Legião Urbana são capazes de instigar os discentes a fazerem reflexões sobre a realidade política brasileira e mundial inspirados por essas canções.

Quanto à análise dos textos inspirados na canção *Que País é Este?* observamos que os alunos e alunas lançaram múltiplos olhares que oscilavam entre o pessimismo e sua impotência diante de um sistema corrompido e o otimismo e a esperança em dias melhores se colocando, enquanto jovens, como atores principais em um processo de mudança.

O fato de perceberem aspectos políticos dos dias atuais em uma música escrita em 1978 corroborou com a sensação de impotência e pessimismo quanto ao futuro, devido à permanência da corrupção dentro da política brasileira.

Diferente da canção anterior, em relação à música *A Canção do Senhor da Guerra* houve uma maior homogeneidade nas opiniões emitidas nos textos. O que vimos de uma forma geral foi um conflito geracional no qual os jovens se veem como vítimas de uma geração anterior mais preocupada com lucro e poder político em detrimento das vidas e direitos humanos. Segundo os discentes, apesar dos avanços tecnológicos trazidos pelas

guerras, os danos causados pelas mesmas são considerados maiores, portanto, se mostraram contra a existência de guerras em geral.

### 3.4 Aplicação do segundo questionário discente

Após o processo de escrita dos textos, foi aplicado aos discentes um segundo questionário, que pode ser visto no Quadro 7, contendo três questões formuladas pelo professor/pesquisador com o intuito de entender melhor as percepções dos alunos e alunas no que diz respeito à motivação de suas escolhas das canções, assim como à prática pedagógica que propomos. Há dois discentes que não responderam ao primeiro questionário, no entanto participaram de todo o projeto e responderam ao segundo questionário, daí uma diferença no número de participantes entre aquele e este questionário.

QUADRO 7: SEGUNDO QUESTIONÁRIO DISCENTE

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	Nº DE DISCENTES (% DISCENTES)
1. DENTRE AS DUAS OPÇÕES DE MÚSICAS SELECIONADAS PELO PROFESSOR, QUAL VOCÊ ESCOLHEU PARA SUA PRODUÇÃO TEXTUAL?	( ) QUE PÁIS É ESTE	14 (50%)
	( ) A CANÇÃO DO SENHOR DA GUERRA	14 (50%)
2. EM RELAÇÃO À QUESTÃO ANTERIOR, ESCOLHA, DENTRE AS OPÇÕES ABAIXO, A QUE MELHOR DEFINE O MOTIVO DE SUA ESCOLHA:	( ) ME IDENTIFIQUEI COM O TEMA DA MÚSICA QUE ESCOLHI	7 (25%)
	( ) JÁ CONHECIA A MÚSICA	2 (7,1%)
	( ) ACHEI A LETRA MAIS CLARA E FÁCIL DE INTERPRETAR	17 (60,7%)
	( ) OUTRO MOTIVO	2 (7,1%)
3. VOCÊ ACHA IMPORTANTE O USO DE MÚSICAS DA BANDA LEGIÃO URBANA NO ENSINO DE HISTÓRIA?	( ) SIM, POIS AUMENTA MEU INTERESSE PELOS TEMAS DA DISCIPLINA E MEU SENSO CRÍTICO	14 (50%)
	( ) SIM, PORQUE AULAS DE HISTÓRIA COM MÚSICAS SE TORNAM MAIS DIVERTIDAS	4 (14,3%)
	( ) SIM, PORQUE AS MÚSICAS ME FAZEM	8 (28,6%)

	CONSEGUIR ENTENDER MELHOR O ASSUNTO	
	( ) NÃO, PORQUE NÃO ACHO QUE USO DE MÚSICAS NA APRENDIZAGEM TENHA A VER COM AULAS DE HISTÓRIA	0 (0%)
	( ) NÃO, PORQUE NÃO GOSTO DO ESTILO MUSICAL DA LEGIÃO URBANA	2 (7,1%)

FONTE: Segundo questionário discente, acervo do pesquisador (2022).

Como mostra o Quadro 7, no que diz respeito à escolha da canção para produção do texto, 50% dos discentes escolheram a música *Que País é Este*, e os demais escolheram *A Canção do Senhor da Guerra*.

Quanto à motivação da escolha acima, 25% alegaram identificação com a temática trabalhada pela música, 7,1% responderam que sua escolha foi devida a um prévio conhecimento da canção, 60,7% consideraram a facilidade de interpretação da letra da música como o critério da sua escolha e 7,1% apontaram que houve outros motivos determinantes em sua escolha.

Sobre a importância do uso de músicas da banda Legião Urbana no ensino de história, 92,9% dos discentes consideram tal metodologia válida, sendo justificado por 50% deles devido ao fato de proporcionar um aumento do interesse pelos temas da disciplina e do senso crítico nos alunos e alunas, 14,3% por considerarem que as aulas se tornam mais divertidas e 28,6% por tornarem os assuntos mais compreensíveis. No entanto, 7,1% da turma não considera o uso das músicas da Legião Urbana importante no ensino de história por não gostarem do estilo musical da banda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como temática o ensino de história e a utilização de músicas da Legião Urbana com o intuito de estabelecer aulas expositivas e dialógicas com os discentes resultando em um produto pedagógico desenvolvido por estes. A escolha do tema derivou em virtude da importância cultural que a Legião Urbana teve em nossa formação pessoal e docente. Isso se deu devido principalmente ao fato de as letras da banda discutirem problemáticas relevantes acerca da realidade política brasileira e mundial aguçando nosso senso crítico e nos levando a refletir sobre temas relevantes como a corrupção, a violência e a guerra, entre outros.

O objetivo geral deste trabalho foi estabelecer diálogos com os discentes através de aulas expositivas, rodas de conversa e produções textuais que fomentassem uma maior compreensão de suas consciências históricas relacionando o passado e o presente com as temáticas trabalhadas em duas canções da Legião Urbana.

Nossos objetivos específicos foram conhecer mediante uma avaliação diagnóstica os conhecimentos prévios dos estudantes acerca das canções da Legião Urbana; analisar duas canções selecionadas com temáticas políticas e sociais da Legião Urbana (*Que País é Este* e *A Canção do Senhor da Guerra*) durante as aulas de história e discutir, com os estudantes, problemáticas levantadas por essas canções, tendo em vista as suas relações com eventos e contextos históricos.

Outro objetivo específico foi fomentar a escrita de textos dissertativos do alunado que se inspirassem nas canções supracitadas da Legião Urbana e que fizessem os discentes refletirem com criticidade acerca da realidade brasileira e mundial de outrora e a contemporânea.

No primeiro capítulo de perspectiva teórica discutimos o conceito principal de nosso trabalho: a consciência histórica, uma categoria de conhecimento intrínseca à historicidade do ser humano. Tendo como apropriação teórica os estudos de Jörn Rüsen, Luís Fernando Cerri e Paulo Freire sobre o assunto, nosso texto objetivou utilizar esse referencial teórico como esteio para as análises posteriores de nossa pesquisa com a meta final de desenvolver um produto pedagógico que fosse instigante e inspirador para outros pesquisadores e professores (sobretudo das ciências humanas e sociais) e para os discentes participantes da pesquisa.

No segundo capítulo de nosso trabalho discutimos a respeito da história da banda Legião Urbana dentro de um contexto histórico da música de protesto e do *rock and roll* como

um tipo de arte contestatária e subversiva. No desenvolvimento deste capítulo estabelecemos relações entre o trabalho da Legião Urbana e temáticas contemporâneas relevantes como a questão indígena, o racismo, homofobia, uso e abuso de drogas, misoginia e outros temas relevantes para novas pesquisas e trabalhos conectando música e ensino de história.

No terceiro capítulo, fizemos um relato de todo o desenvolvimento do projeto pedagógico que culminou na produção de textos dissertativos pelos discentes, bem como a organização e sistematização do nosso trabalho realizado em sala de aula presencialmente e de forma remota por meio das mídias digitais. Também descrevemos a sequência didática adotada com o objetivo de fomentar no alunado o pensamento crítico, relacionando as temáticas das canções aos contextos históricos sem deixar de contemplar as habilidades da BNCC, conectando permanências e rupturas nas temáticas apresentadas nas canções, relacionando o passado e o presente com perspectivas de futuro.

Ainda no terceiro capítulo, tecemos análises sobre os perfis socioeconômicos e culturais dos participantes da pesquisa, bem como fizemos reflexões sobre os textos produzidos pelos discentes, que contemplaram a dimensão pedagógica de nossa dissertação.

Ao finalizar a nossa intervenção pedagógica, percebemos através da análise dos textos que nossos objetivos foram contemplados, pois comprovamos a presença de senso crítico dos discentes em suas escritas, o que favoreceu um maior desenvolvimento de suas competências intelectuais e expressão de seus pensamentos individuais.

Diante do exposto, reiteramos que nosso trabalho se coloca como uma sugestão de práticas metodológicas de ensino de história que relacionem o uso da música da banda Legião Urbana contextualizando-a ao conteúdo programático da disciplina tendo como principal finalidade aguçar a autonomia e o pensamento crítico dos discentes auxiliando no fomento e expansão de suas consciências históricas e cidadanias, preparando-os para o mundo do trabalho, visando torna-los seres mais ativos e intervenientes politicamente.

Além disso, foi um grande desafio realizar este trabalho em um período de pandemia de Covid-19 e aulas remotas. Vivenciamos momentos de muita angústia, não só pela crise sanitária, mas também pelo isolamento social que esta produziu, ocasionando episódios de ansiedade e incerteza quanto ao futuro.

Consideramos este trabalho como uma essência extraída até o momento de nossas vivências como docente, acadêmico e ser humano. O processo de escrita nos fez revisitar velhas memórias e referências musicais e afetivas, mas também aguçou o nosso olhar para o

presente e para o futuro, ao perceber a importância do fortalecimento urgente das lutas antirracistas, feministas, antifascistas e da valorização das reflexões decoloniais na atualidade.

Buscamos nesta dissertação aliar teoria e prática com a consciência de que mediante a união desses dois universos é que contribuiremos para um ensino de história mais engajado em realmente transformar positivamente os indivíduos e as sociedades, com mais informações verdadeiras e conscientização crítica sobre a realidade.

A produção deste trabalho também nos proporcionou momentos de prazer e autoconhecimento. As leituras e pesquisas que fizemos, as reflexões, as autoavaliações e a interação com os discentes foram oportunidades de amadurecimento existencial e profissional.

De modo que esta dissertação se constitui como mais um registro histórico de nossa época tão conturbada e preocupante, agravada por uma ideologia fascista e genocida presente na presidência no Brasil, que demorou muito para comprar as vacinas e que está conduzindo de maneira desastrosa o Brasil nos últimos anos, desgoverno este que ficará para a história como o responsável pela morte de milhares de brasileiras e brasileiros, vítimas do descaso da extrema-direita durante a condução da pandemia.

No contexto mundial, testemunhamos a eclosão de uma guerra entre Rússia e Ucrânia, fato este que agravou a situação socioeconômica, já castigada pela pandemia. Em vista disso, nos preocupamos em dialogar com os discentes essas temáticas atuais com o objetivo de fazê-los pensar criticamente acerca da realidade que os atravessa e afeta.

Os textos produzidos por estes são registros históricos importantes para analisarmos as mentalidades dos jovens participantes da pesquisa, como também são uma fonte histórica relevante, assim como este trabalho como um todo, que poderá servir como inspiração para pesquisas futuras.

Ao chegarmos à conclusão desta nossa viagem pela música da Legião Urbana e sua relação com o ensino de história, queremos reiterar a atitude política que fluiu em nosso trabalho: a luta e a resistência contra o fascismo.

Renato Russo se destacou na história cultural brasileira como um antifascista, um precursor brasileiro do movimento LGBTQIA+, defensor das causas indígenas e da democracia, e um grande crítico à ditadura militar, às políticas armamentistas e a todas as formas de violência e opressão. A sua arte é o seu grande legado e atestado disso.

No mais, finalizamos nosso trabalho com a sensação de dever cumprido e sabendo que ele pode ser lido também como um manifesto de resistência em favor da história e das ciências humanas e sociais, tão perseguidas em contextos fascistas.

Por uma vida não-fascista, queremos bradar no volume máximo do nosso coração, em alto e bom som, tendo a Legião Urbana como trilha sonora afetiva de nossa vida: abaixo o discurso de ódio, o fascismo e o desmonte da educação, da arte e da cultura brasileira! Viva a liberdade, a democracia, a equidade social, a solidariedade e a empatia! Respeito às diversidades e alteridades! Por um ensino e uma aprendizagem de história cada vez mais prazerosa, artística, amorosa e crítica é que finalizamos aqui o nosso texto, cheio de esperança por dias melhores para nós, para o Brasil e para o mundo!

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo, Paz e Terra. 1999.
- ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos 80**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. **Família no Brasil nos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual**. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Brasília, Brasília, 1999.
- ALMEIDA, Vanusia Lopes de; FONSECA, Vitória Azevedo; OLIVEIRA, Regina Soares de; CANO, Márcio Rogério de Oliveira, coordenador. **A reflexão e a prática no ensino de história**. São Paulo: Blucher, 2012.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: São Paulo, Edusc, 2006.
- ASSAD, Simone. (Coord.) **Renato Russo de A a Z: as ideias do líder da Legião Urbana**. Campo Grande: Letra Livre, 2000.
- BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. **História & música**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Celta: 2017.
- BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BIVAR, Antônio. **O que é punk?** São Paulo: editora brasiliense, 1982.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CERRI, Luiz Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CHACON, Paulo. **O que é rock?** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. volume 5, nº 11. São Paulo Jan./Apr. 1991.
- CUNHA, Diogo; DINIZ, André. **A república cantada: do choro ao funk, a história do Brasil através da música**. São Paulo: Zahar, 2014.

DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo: o trovador solitário**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social**. 6a ed., Rio de Janeiro: Record, 2010.

FUSCALDO, Chris. **Discobiografia legionária**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas – a teoria na prática**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GOMES, Angela de Castro. (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

GOMES, Cristiano Vinicius de Oliveira. **Renato Russo - temos nosso próprio tempo: modernidade e identidade**. Curitiba: Appris, 2014.

GRANGEIA, Mario Luis. **Cazuza, Renato Russo e a transição democrática**. 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de história: palavras, sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

LAUB, Michel. **Saudades do quê? Renato Russo, o Rock Brasileiro e o Bolsonarismo**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/saudades-do-que/>. Acesso em 11 out.2021.

LINS, Daniel. **Bob Dylan: a liberdade que canta**. Rio de Janeiro: Ricochete, 2017.

LOPES, Marcos Carvalho. **Canção, estética e política: ensaios legionários**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

MAGI, Érica Ribeiro. **Rock and roll é o nosso trabalho: a Legião Urbana do *underground* ao *mainstream***. São Paulo: Alameda, 2013.

MARCELO, Carlos. **Renato Russo: o filho da revolução**. São Paulo: Editora Planeta, 2009.

MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Coord.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 55-58.

MEDEIROS, Elisabeth Weber. **Ensino de história: fontes e linguagens para uma prática renovada**. VIDYA, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez, 2005 - Santa Maria, 2007.

MERHEB, Rodrigo. **O som da revolução: uma história cultural do rock, 1965-1969**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MONTEIRO, Edilson dos Santos. **Impactos da contracultura roqueira em Parnaíba**. Monografia. Universidade Estadual do Piauí. Parnaíba, 2010.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2010.

MUGGIATI, Roberto. **O grito e o mito: A música pop como forma de comunicação e contracultura**. Petrópolis: Vozes, 3<sup>o</sup> edição, 1981.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte. 1<sup>o</sup> ed. Autêntica: 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio.”** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, n<sup>o</sup> 3, 1989.

PRADO, Gustavo dos Santos. **A verdadeira Legião Urbana são vocês (1985-1997)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

RODRIGUES, Magna Abrantes. **História, ensino e música: o rock brasileiro da década de 1980**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Araguaína, 2016.

ROSA, Samuel. Prólogo. In: ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos 80**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica**. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: UNB, 2007.

RUSSO, Renato. **Só por hoje e para sempre: diário do recomeço.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOARES, Cleber Sigals. **Rock nacional, década de 80 e ensino de história: redemocratização do Brasil em estado violência.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2021.

ZIZEK, Slavoj. **Da guerra fria à paz quente.** Instituto Humanitas Unisinos, 2022.  
Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/617669-da-guerra-fria-a-paz-quente-artigo-de-slavoj-zizek> >. Acesso em: 20 jun. 2022.

**ANEXO:** Textos dissertativos dos discentes.

Aluno: A. D.

Idade: 14 anos

Turma: 9º ano A

Que país é este?

“Nas favelas, no senado, sujeira *pra* todo lado. Ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação” fala sobre quão ruim é aquela realidade. Temos uma constituição que escrita é belíssima, mas quem disse que essa constituição é respeitada por alguém? É uma constituição cheia de benefícios, mas muitos deles não são levados a sério, todo mundo sabe reclamar e acredita em um futuro, mas acredita nesse futuro sem sair da zona de conforto, sem se manifestar, sem fazer por onde. Acredita que vai mudar sem ele fazer nada obviamente não é verdade.

“No Amazonas, no Araguaia, na Baixada Fluminense, Mato Grosso, Minas Gerais e no nordeste tudo em paz”, aqui temos uma referência a diversos lugares violentos que também representam fatos opressivos da história brasileira: guerrilha do Araguaia, Regime Militar na baixada Fluminense que apresenta índices de violência até hoje alto. O tráfico de drogas no Amazonas quando ele fala tudo em paz é uma forma debochada de dizer que tudo isso é ignorado.

“Na morte eu descanso, mas o sangue anda solto, manchando os papéis, documentos fiéis ao descanso do patrão” aqui a única maneira de descansar é depois da morte que o uso dos poderes sangram os papéis manipulando as pessoas por intermédio da força e do poder.

“Terceiro mundo se for piada no Exterior, mas o Brasil vai ficar rico, vamos faturar um milhão, quando vendermos todas as almas dos nossos índios num leilão” ele tenta expressar que o Brasil vai demorar muito para ser uma nação. Infelizmente isso não mudou, o quanto cresce a população, cresce a corrupção. “Quando vendermos todas as almas dos nossos índios num leilão” expressa que o Brasil vai chegar ao patamar dos grandes países quando venderem o átomo que na verdade é o primeiro e mais verdadeiro dono da terra brasileira que são os índios, famosa “queima de arquivo” aqueles que realmente podiam fazer algo, fazem vista grossa, não se importam com a situação do país.

Aluna: A. G. V.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### A Canção do Senhor da Guerra

A Canção do Senhor da Guerra, um título bem interessante e, se formos pensar, há grande semelhança com o que vem acontecendo com a nossa realidade, conflitos e guerras entre dois países de grandes influências. Observa-se também a linguagem usada, onde vê-se que é muito utilizada em diversas frases a ironia. Podemos ver uma grande crítica no verso “Que vai comprar sua juventude; e convencê-lo a vencer”, com esse verso podemos entender que muitos jovens, que na maioria das vezes nem tem algo a ver com a guerra, são obrigados a lutar, matar e machucar pessoas, que sequer fizeram algo a eles.

A guerra vem se tornando um grande problema para a população, porém alguns tendem a dizer que também é uma forma de avanço considerado muito bom, podemos ver um exemplo parecido no verso: “Deus está do lado de quem vai vencer”, dito propriamente pelo vencedor, o vencedor da guerra, afinal Deus estaria do lado das pessoas mortas? A resposta é simples, vivemos em um mundo que gira em torno de condições financeiras, as maiores guerras surgem por isso, até quando isso vai continuar assim? Não é possível saber, já que nosso dever é esperar o dia de nossas mortes.

Aluna: D. C. S.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Aos Senhores da Guerra

“Quando os ricos fazem a guerra, são sempre os pobres que morrem” diz o escritor, filósofo e crítico Jean-Paul Sartre, a respeito da guerra. Enquanto os velhos ricos estão sentados em seus tronos de ouro e cristal, perante a sua corte perversa, nós pobres e crianças sofremos com a consequência de uma guerra que não é nossa.

O Senhor da Guerra não gosta de crianças e nós, crianças, não gostamos do Senhor da Guerra. É na guerra onde nossos livros são trocados por armas e nossa paz pelo temor. São mortes e mais mortes, doença, fome e destruição. Quanto mais a guerra avança, mais o planeta se destrói.

“Para que exportar comida se as armas dão mais lucros na exportação?” aponta o compositor Renato Russo na música. Os grandes senhores da guerra, com seus belos e arrumados ternos, deixam de investir na população para comprar armas de destruição.

O fim das guerras só acontecerá com a extinção da humanidade. Enquanto houver o que conquistar, os queridos guerreiros não vão parar, e o verde militar continuará a se pintar de vermelho vibrante. Aos senhores da guerra, eu digo uma coisa: Que Deus esteja ao seu lado quando vencer.

Aluna: M. F. S.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### A nação ainda tem um pouco de esperança de um futuro melhor

A política do Brasil nunca foi uma das melhores, vários políticos gerem dinheiro público de maneira ineficaz e, na maioria das vezes, corrupta. “Nas favelas e no senado, sujeira para todo lado”, esse é um trecho da música “Que País é Este?”, ela representa muito a antiga e também atual situação da população brasileira, porque um dos grandes motivos de existirem favelas no Brasil é justamente culpa dos políticos que só mostram uma falsa imagem de que tudo está indo bem, mas a realidade é outra, totalmente diferente.

Várias regiões do país têm graves problemas sociais, no Nordeste, por exemplo, os níveis de pobreza são enormes. “Na morte eu descanso, mas o sangue anda solto, manchando os papéis, documentos fiéis...”, outro trecho que mostra o quanto a sujeira está espalhada para todo lado, ela deixa claro que os “poderosos” abusam do seu poder para benefício próprio e também para esconder provas que ligam eles a alguma coisa ruim.

O Brasil tem que melhorar muito ainda em várias questões, só que os políticos acham que o país só vai enriquecer se vender a sua própria cultura para o governo que eles participam, mas a nação tem um pouco de esperança, nem que seja mínima de um futuro melhor para o nosso país.

Aluna: M. B. F. M.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Armas na mão e soldados no chão

A Guerra é um conflito bem grande envolvendo vários países, existem vários motivos como disputa territorial, desentendimentos religiosos, políticos, econômicos, entre outros.

Na letra da música “A Canção do Senhor da Guerra” existe uma ironia, por exemplo, no próprio nome da música. O fato do Senhor ser O SENHOR DA GUERRA não gostar de crianças quer dizer que a guerra não fará bem a ninguém, por tirar vidas de várias pessoas, principalmente jovens e crianças.

Na minha opinião, a guerra é um conflito desnecessário que enganou muitas pessoas por meio de supostos benefícios que nunca serão alcançados. “Nenhuma guerra pode ser santa”...começando o entendimento da sua interpretação. Juventude seria em sua teoria, a idade da energia dos Sonhos, dos projetos.

Quando deixamos de seguir nossos projetos para sermos obrigados a seguir projetos dos outros, realmente compraram nossa liberdade, nossa escolha, nesse caso, para guerrear por interesse que não são seus.

Aluna: K. S. C.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Que país é este?

A música “Que País é Este?” do grupo Legião Urbana faz críticas aos problemas que os brasileiros têm que conviver diariamente. A composição, criada há mais de 40 anos, nos fala sobre questões que eram comuns na década de 80 e que continuam existindo atualmente, e infelizmente isso só comprova a falta de mudança na sociedade brasileira. País de uma beleza natural incrível, que vem sendo destruída por hipócritas. Um país mal administrado. País onde a lei diz que o direito é para todos, mas sabemos que não é, pois vivemos em uma sociedade desigual.

Em um trecho da música o compositor diz: “Nas favelas, no senado, sujeira *pra* todo lado. Ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação”, esse trecho fala que o povo brasileiro tem dificuldade em cumprir com as leis, mas fala principalmente sobre a política brasileira. A política nacional é marcada negativamente pela corrupção e pelo não cumprimento de leis. A corrupção afeta diretamente o bem-estar da população quando eles diminuem os investimentos públicos na saúde, na educação, em infraestrutura, segurança, entre outros direitos essenciais à vida. Na música tem outro trecho que diz: “na morte eu descanso, mas o sangue anda solto”, esse trecho quer dizer que os políticos usam suas forças para calar os mais fracos pois logo em seguida tem outro trecho que diz: “manchando os papéis, documentos fiéis” significa que os políticos usam influências para sumir com provas ou alterar documentos importantes.

“No Amazonas, no Araguaia, na Baixada Fluminense, Mato Grosso, Minas Gerais e no nordeste tudo em paz” acho que esse trecho só quer mesmo dizer que é óbvio que não está tudo em paz. “Mas o Brasil vai ficar rico, vamos faturar um milhão quando vendermos todas as almas dos nossos índios num leilão”, mais uma frase muito intensa da música. Enfim, falando dos índios, a área dedicada à preservação dos índios representa  $\frac{1}{4}$  do território nacional e infelizmente garimpeiros ilegais e desmatadores estão invadindo a área destinada à preservação deles e estão fazendo minas ilegais que acabam contaminando a água que eles bebem e desmatando a flora de seu território e muitas vezes ocorrendo incêndios criminosos ou que acabam prejudicando os índios, ou seja, esse trecho da música está mostrando que

daqui a um tempo até mesmo o local destinado a preservação indígena estará diminuído drasticamente para satisfazer àqueles que tem mais dinheiro e produtores rurais que precisam de terras para aumentar suas plantações e suas criações de animais.

Infelizmente essa música fala realmente sobre tudo que estamos passando ultimamente no Brasil. A sociedade está cada dia mais egoísta, individualista e estressada. Temos que melhorar urgentemente! Na minha opinião, tudo começaria a se resolver se o sentimento de empatia invadissem todo mundo, pois se as pessoas se colocassem no lugar do outro antes de fazer qualquer coisa errada, eles com certeza não fariam nada de errado. Deveríamos nos preocupar com o futuro, pois é essa preocupação que iria mudar as nossas ações no presente, pois não somos imortais e o nosso maior compromisso é com a nossa geração futura.

Aluna: W. H.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### O que realmente acontece?

O que queremos para o nosso país? O que queremos para nossa sociedade? Um lugar onde desprezamos nossa própria origem, nossa cultura, um lugar onde maior parte da sociedade é preta, e mesmo assim, sofremos racismo, onde pessoas são mortas apenas pelo seu gênero ou orientação sexual, onde pessoas são julgadas pela conta bancária e o Estado não mexe um dedo para que esse tipo de situação não se torne comum, mas, infelizmente, sinto em dizer que é muito comum e isso tudo acontece pela estrutura do Estado, enquanto um civil não sabe nem o básico, e não o culpo, porque enquanto eles estiverem ganhando, eles não iriam ligar para quantos morrem de fome, ou quantas crianças se prostituem para que no fim do dia tenham comida.

Se ao menos soubessem o que realmente acontece, mas infelizmente nós só acreditamos no futuro da nação, mas ninguém respeita a constituição, como diz a letra da música da banda Legião Urbana.

Aluna: F. H.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Sem piedade

As guerras são atos de egoísmo, e esses atos podem gerar para as pessoas casas destruídas, sonhos e até mesmo a própria vida, a população civil não tem nada a ver com os conflitos que ocorrem, um exemplo é a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, o governante está gastando dinheiro com uma coisa que não é necessária, mas poderia está ajudando a população não os prejudicando.

Os senhores fazem essas guerras porque sabem que não são eles que vão lutar, são as pessoas que vão, estão passando fome, frio, sede e correndo risco de não poder ver mais quem amam, enquanto os senhores vão estar ganhando lucro no seu conforto, assistindo à destruição e inventando novas guerras.

Como dizia a Canção do Senhor da Guerra, da banda Legião Urbana, “e enquanto longe de casa, ferido e com frio, o inimigo você espera, ele estará com os outros velhos inventando novos jogos de guerra”. Se eles passassem por essas dificuldades e pesadelos não aconteceria tanta guerra assim.

Esses acontecimentos poderiam acabar proibindo as armas mais perigosas, um exemplo, é a bomba nuclear e acabando com as guerras, mas como isso seria difícil acontecer, as guerras só poderiam ocorrer se fossem algo de emergência. E as leis poderiam ser mais rígidas, assim aconteceriam menos conflitos.

Aluna: P. A. S. F.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Pindorama

No ano de 1500 os portugueses “descobriram” um novo território, um território lindo e com uma bela diversidade de flora e fauna. Inicialmente essas terras foram nomeadas como “Terra de Vera Cruz”, depois eles começaram a exportar árvores e com isso a população aumentou e a “Terra de Vera Cruz” se desenvolveu.

Antes disso, porém, já existiam pessoas que habitavam essas terras; os indígenas. Eles a chamavam de “Pindorama” que significa “terras das palmeiras”, terra essa que os tinha como guardiões, protetores. De repente chegam pessoas bem vestidas dizendo que descobriram aquelas terras que eles tanto prezavam e tirando o que pertencia a eles e fazendo deles escravos de sua própria casa. Essas pessoas não fizeram de escravos só os indígenas, mas também os africanos que foram obrigados a trabalhar sem receber nada em troca. A maior parte dos negros e indígenas foram mortos com a escravidão.

De acordo com o censo de 2010, menos de 0,5% da população brasileira é indígena e 1,4% são pretos. Esse número só vem baixando com o passar do tempo, daqui a alguns dias não teremos mais ninguém da população indígena e pouquíssimos da população negra.

Para alguns o Brasil que conhecemos hoje está perfeito, Brasil, um dos países onde mais são assassinados negros, indígenas e mulheres, um país onde é preocupante a pessoa sair depois das sete da noite e não voltar vivo, onde a região Nordeste de onde vem a maior parte da população é esquecida.

Como dizia Renato Russo “nas favelas, no senado, sujeira pra todo lado”. Como será que iremos avançar sendo que nem a população nem os doutores da lei respeitam a constituição?

Deveríamos nós mesmos fazer a diferença, não esperar pelo poder político fazer alguma coisa. Perdemos familiares todos os dias pela violência, pela saúde precária, pela falta de saneamento básico e por muitos outros motivos. Não podemos esperar até que este apenas um de nós, temos que fazer a nossa parte como cidadãos e como descendentes de pessoas que contribuíram para que o Brasil fosse o que é hoje.

Aluna: S. S. R.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Que país é este?

A música fala sobre o Brasil que, muitas vezes, se apresenta como um local corrupto. Apesar disso, em muitos casos, nosso país é visto de forma esperançosa por muitas pessoas de sua população. Isso pode ser confirmado nestes versos: “ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação”.

Além disso, o eu lírico afirma que o Brasil tem potencial para ser mais do que um país de terceiro mundo. Este fragmento confirma isso: “terceiro mundo se for, piada no exterior, mas o Brasil vai ficar rico, vamos faturar um milhão”. “Nas favelas, no senado, sujeira pra todo lado” esse fragmento indica que a sujeira, isto é, falta de transparência da sociedade brasileira ocorre em diferentes âmbitos, seja na favela (área com deficiência na questão socioeconômica) seja no senado (âmbito que precisaria estimular a confiança da população).

País de uma beleza natural e incrível, que vem sendo destruído por hipócritas. Um país mal administrado, onde menor pode matar, roubar, mas não vai preso.

Vivemos em um país que ainda há pessoas honestas, justas, onde uma boa parte passa fome ou trabalham de sol a sol, porém, levam um sorriso no rosto que contagia qualquer pessoa, país onde a lei diz que o direito é para todos, coisa que sabemos que não é, vivemos em uma sociedade desigual, e não sei até quando vamos viver nessa, que sociedade é essa que uma parte acha que está tudo bem, mas tem várias famílias passando fome, necessitando de algo, enquanto outros tem de sobra até se estragar.

Porém, lutar por uma sociedade justa é a única solução, para ver se daqui alguns séculos tenha melhorado algo.

Aluna: E. M. C.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Este país é o Brasil

A música “Que País é Este?”, escrita por Renato Russo relata uma situação caótica no país, que vem durando até os tempos atuais. A música tem a letra breve e clara e usa a ironia para “criticar” o governo e protestar contra a política brasileira.

A maior crítica que a canção faz é sobre a corrupção e podemos notar nos trechos “nas favelas, no senado, sujeira pra todo lado” e “na morte, eu descanso, mas o sangue anda solto, manchando os papéis, documentos fiéis”. O senado pode ser um lugar de alta classe monetária, porém a sujeira é perceptível, não no ambiente em si, mas sim em quem o frequenta. Manchando os papéis, documentos fiéis diz a respeito da lavagem de dinheiro e do desvio de verba pública, o que era para ser melhoria para o povo vira vantagem para quem eles elegeram o “futuro da nação”.

A música diz sobre o quão suja é a política brasileira, porém, um ponto importante a ser lembrado é que o povo contribui com isso. Vários eleitores vendem seu direito de voto livre para se beneficiar, isso parece piada, pois nos anos da primeira república o que eles queriam era o fim do voto controlado e também pediam por uma democracia justa, parece que todos os protestos foram em vão, se parar para refletir hoje quem traz a volta do voto controlado é o próprio povo.

O Brasil é um país com diversas culturas, uma ampla variedade de fauna e flora, mas mesmo assim é um país sujo, os políticos o tornaram assim. O atual governo fez com que nosso país virasse piada no exterior, assim como cita a música, mas se olharmos adiante podemos ver o rico Brasil que temos em nossas mãos. Juntos podemos melhorar tudo, só basta querer.

Acredito eu que a chamada “Geração Z” é o real futuro da nação, com todos os acontecimentos e revoltas presenciadas podemos notar o quão pobre ficará o Brasil se gente corrupta continuar em liderança. Cada um fazendo sua parte levará o país adiante, conheça seus direitos, reflitam e aprendam com a situação atual. Pessoas com ou maiores de 16 anos de idade, tirem seus títulos de eleitores, tenha uma escolha consciente e façam do Brasil um país justo, assim a história da população brasileira receberá uma nova postura de combate à corrupção.

Aluna: N. T. O.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Guerras e seus postulados

“A guerra é um lugar onde jovens que não se conhecem e não se odeiam se matam por decisões de velhos que se conhecem e se odeiam, mas não se matam” diz o autor Érich Hartman. E pensando bem, nada mais coerente que essa frase. Para que serve a guerra se não para espalhar o mal?

Ao longo dos séculos, na história deste planeta, sempre vemos que em cada parte da mesma há conflitos entre povos, grupos ou civilizações, na qual são explícitos variados motivos (todos fúteis), em que “vence” aquele que é mais forte, sempre em busca de poder. Desde o início havia conflitos em que os pequenos grupos primários da espécie humana disputavam entre si por pequenos territórios ou até mesmo por alimento, e, com o passar do tempo aperfeiçoaram suas armas de combate até se tornarem totalmente poderosas e mortais.

Entre diversos motivos para essas disputas estão os interesses econômicos dos países atualmente, que tem a ver com a venda e recebimento de mercadorias exportadas ou importadas entre os mesmos, em que seus governantes buscam cada dia mais ser mais poderosos neste sentido. Outro fator repugnante neste contexto é a luta por espaços ou territórios em que os países buscam cada dia mais expandir suas fronteiras ou até mesmo tomá-las de outros países, causando conflitos, além do desrespeito cultural, étnico, religioso e o não aceitação dos mesmos em que alguns grupos se acham superiores a outros, resultando em uma série de combates, entre outros fatores.

No contexto da guerra em si traz-se à tona o quanto esta traz destruição, sofrimento, fome, tristeza, morte e uma série de coisas ruins. A guerra destrói famílias, separa-as, acaba com as moradas de muitas pessoas e também com a vida delas. A guerra é algo desumano, cheia de ganância e egoísmo em que pessoas, usando a desculpa de que “uma guerra sempre avança a tecnologia” para guerrear.

Se observarmos os motivos em geral, todos levam a uma só nascente, a ganância. Em vista disso, concluímos que, quanto mais as pessoas vão atrás de saciar seus desejos egoístas, pensando apenas no seu próprio bem estar pessoal, mais elas ferem as outras ao seu redor,

resultando apenas em consequências desastrosas, maléficas tanto a um como a outro. Uma guerra não tem vencedores, apenas perdedores.

Aluno: D. S. S. O.

Idade: 16 anos

Série: 9º ano A

### O Brasil que eu queria

Nosso país é muito rico em floresta, minérios, rios etc. Infelizmente estão destruindo tudo isso e as autoridades não conseguem combater os empresários gananciosos.

Eu queria que nosso país tivesse autoridades que não deixassem acontecer as queimadas, a matança de índios, o desmatamento e que as pessoas não destruíssem a natureza com a poluição.

Nosso país é considerado de terceiro mundo, mas se respeitassem as leis e não tivesse corrupção nosso país seria bem melhor.

Nosso país é muito grande de norte a sul, ele apresenta problemas em comum, mas que um dia tudo será resolvido para que possamos viver num país melhor.

Aluno: A. M.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Brasil

A música “Que País é Este?” aborda um tema muito importante, fala sobre a realidade do Brasil, um país onde muitas pessoas passam por dificuldades. É triste falar sobre a realidade do Brasil difícil falar sobre o seu próprio país, onde você vê que a culpa não é só do governo, mas também das pessoas. Que país é este onde criança de 12 anos já aprende a traficar e roubar? Que país é este onde as pessoas não se respeitam mais? Que país é este onde a violência aumenta a cada dia mais? Que país é este onde as próprias pessoas causam o fim do seu país e mundo? Que país é este onde a esperança está se acabando a cada dia que passa?

Outro fator que a música aborda é a diferença entre a favela e a cidade, mostrando a qualidade de vida dos dois. A favela também precisa de atenção, a favela sofre muito também com a violência, falta de oportunidade e segurança e etc.

Também fala sobre o nosso nordeste, povo cabra da peste, nossa região tem que ser levada a sério, os nordestinos merecem respeito assim como qualquer povo, mas acredito na melhoria do Brasil. Nós, estudantes, somos o futuro da nação por isso que a gente luta por educação e respeito, só assim poderemos mudar o Brasil.

Aluno: W. S. S.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### A sociedade prejudicada por maus interesses políticos

É de conhecimento geral que a verba pública, ou seja, o dinheiro público tem tomado outros rumos. E quem acaba sendo lesado é a sociedade, pois, sempre os próprios interesses políticos estão à frente de tudo. Dentre outros problemas causados pela corrupção destaca-se a exclusão social.

Em consequência disso, vê-se, a todo instante, a fragilidade da saúde, segurança e educação. A Constituição Federal traz sua finalidade, mas encontra obstáculo, a corrupção. A corrupção dos poderosos políticos faz com que a lei falhe e o cidadão não consiga seus direitos, afetando seu bem-estar. “Nas favelas, no senado, sujeira *pra* todo lado. Ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação”, nesse trecho da música “Que País é Este?” da banda Legião Urbana são pontuados alguns problemas que assolam o Brasil, principalmente no que tange à política brasileira. O grande índice de corrupção.

Outrossim, a exclusão social tem aumentado e agravado no Brasil. Essa condição de desigualdade faz o indivíduo perder oportunidades e o que é direito acaba sendo privilégio. De acordo com o site de informações wikipédia, a pobreza, o desemprego, as minorias étnicas e culturais influenciam para o grande aumento de grupos excluídos socialmente. Consoante ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, “precisamos vencer a fome, a miséria e a exclusão social. Nossa guerra não é para matar ninguém, é para salvar vidas”. Desse modo, a união da sociedade é essencial para vencer a desigualdade.

Portanto, a corrupção aleija a sociedade deixando-a mais vulnerável. Para amenizar a situação é preciso que o cidadão tenha um código de conduta e passe a ser apto para fiscalizar os recursos públicos para que seja evitado o desvio de dinheiro. Essa medida deverá ocorrer por intermédio do próprio governo auxiliando na construção de conhecimento do cidadão. Tal ação tem a finalidade de impedir o desvio de dinheiro público para corruptos.

Aluno: M. C. P.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Que País é Este?

Que país é este? Um país em que ninguém respeita a constituição, um país cheio de sujeira, um país de desigualdade, um país onde o brasileiro não acredita na constituição, mas acredita no futuro da nação.

Essa música da banda Legião Urbana, retrata muito bem o que o nosso país passa hoje em dia, uma música tão antiga, mas a cada dia que se passa ela vai virando atual, uma música que fala sobre o nosso país, o nosso senado e nossa constituição, fala sobre os problemas que nosso país passa hoje em dia, fala sobre roubos de dinheiros, sobre candidatos péssimos e outras coisas.

Esses problemas retratados na música são típicos do nosso país, um país onde há muitos roubos de dinheiro da população, onde o cidadão é tratado como animal, um país onde muitos acham que é o pior país.

Esses problemas podem sim ser resolvidos, eles podem ser resolvidos com a ajuda dos candidatos do senado, podem se reunir e falar sobre a situação que o país está passando, podem resolver baixando o valor dos impostos que nós, população, pagamos para eles, parando de cobrar coisas que para eles são insignificantes, mas para a população é muito, isso é o nosso país, o Brasil.

Aluna: L. I. P. S.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Os dois lados de uma guerra

Uma guerra acontece por diferentes motivos, como, por exemplo interesses políticos e econômicos, rivalidades étnicas, disputas territoriais, intolerância religiosa, dentre outros motivos.

Muitos acreditam que a guerra é necessária e boa para a humanidade, visto que a tecnologia avança, gera empregos e aumenta a produção. Muitas das tecnologias que usamos no nosso cotidiano foram inventadas nas guerras, como, por exemplo, o micro-ondas, GPS, câmeras digitais, Internet, exploração espacial e computadores.

Entretanto, uma guerra possui mais pontos negativos que positivos, além das perdas humanas, também existem muitas perdas materiais. Diversas mortes, extrema violência, traumas nas vítimas que sobreviveram à guerra e destruição. Milhares de pessoas morreram nas guerras e milhares ficaram feridas, mutiladas e com problemas mentais sérios. As perdas materiais também eram enormes e tinham que reconstruir pontes, estradas e cidades.

No meu ponto de vista não existe lado bom em uma guerra. Como é citado no trecho "mais uma guerra sem razão", da banda Legião Urbana, para mim as guerras são sem razão e ocorrem por causa da ganância humana. As guerras poderiam ser evitadas se pensassem em resolver os conflitos sem violência e se os humanos fossem menos gananciosos.

Aluno: Y. C. A.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Velhas manias

O contexto histórico em que compreende a música foi feita em torno de uma época no mundo em que a ditadura militar no Brasil se encerrou e a Guerra Fria entre a URSS e os EUA estava quase se abrindo, influenciando a canção de Renato Russo, tanto que o decorrer da canção é em torno da história de um soldado estadunidense.

No que concerne à primeira estrofe da música A Canção do Senhor da Guerra – Legião Urbana, “Existe alguém esperando por você, que vai comprar sua juventude, e convencê-lo a vencer.”, consiste em que este “alguém” pode ser uma indireta ao governo ou ao sistema, comprando sua juventude falando que deve ir à guerra, no intuito de querer convencê-lo a vencer, porém isso foi criado por eles, não sendo uma ideia própria sua.

Diante da segunda e terceira estrofes, Renato Russo quis dizer que não há sentido em criar guerras, não justificando armar crianças de dezessete e dezoito anos para guerras futuras. Sobretudo, as guerras tiveram sim consequências positivas, gerando realmente empregos e o aumento da produção, porém, dizia o poeta, nenhuma ideia vale uma vida. Basta as pessoas saberem disso.

Adiante a quarta estrofe, a guerra nunca foi do povo, e sim do governo. Os governantes não lutam ou arriscam suas vidas, é loucura lutar por conceitos que não são seus e que você não tem a ver, Renato Russo quis dizer para que nós parássemos de ser tolos, de sentir que somos heróis por morreremos no lugar de quem não merece.

Em síntese, Renato Russo incluiu tudo que quis dizer na última estrofe da canção, “O Senhor da guerra não gosta de crianças!”, é como dizer que a guerra nunca trará bem algum, principalmente às crianças que são as mais afetadas em tese, medalhas dadas para um “herói” que não servem para nada, pois quem faz a guerra usualmente não compreende a sua finalidade, do porquê, sendo ignorante como uma criança.

Dessa forma, existindo pessoas como “os senhores da guerra”, guerras sempre existirão, o certo é que não podemos controlar o mundo, apenas mudarmos nossas atitudes, pois se nos tornarmos melhores, certamente o mundo se torna melhor.

Aluno: M. F. S.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Um Brasil melhor

Percebe-se que o Brasil é um país que ainda possui algumas desigualdades, isso poderia acabar se as pessoas e as grandes autoridades agissem de forma solidária. Na música “Que País é Este?” o compositor faz algumas críticas relacionadas aos políticos às corrupções que eles praticam, isso gera indignação para a população, que acaba às vezes gerando conflito.

No Brasil, a pobreza é muito grande, atualmente o nordeste é uma região que tem os maiores índices de pobreza no país, isso afeta diretamente a população que busca melhores qualidades de vida, melhores salários, boas escolas para seus filhos, por isso o sistema de educação deveria melhorar, mas isso acontece somente com a participação política agindo de forma honesta, assim vamos ter mais oportunidades.

Os políticos deveriam dar o real valor que o nosso país merece, grande parte dos prefeitos e governadores desvia dinheiro público que na verdade era para ser usado para a construção e reforma de hospitais, escolas e redes públicas em geral e não usar o dinheiro do povo para comprar carros, casas entre outros.

Uma forma de melhorar o nosso país seria se os políticos não cometessem corrupção, esse é um dos motivos que atrasam os avanços do país. Se os políticos trabalharem na legalidade, o Brasil vai ser um país muito melhor e também vai melhorar as condições de vida das pessoas e assim vamos ter um país muito mais desenvolvido.

Aluno: G. W. S. P.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Até quando?

No dia 24 de fevereiro de 2022 começou algo que destruiria e acabaria com sonhos, casas e vidas, tudo isso por causa da ignorância e a falta de amor e afeto com o próximo, pessoas tiveram que fugir de suas casas, fugir do seu país por causa disso, eu estou falando da guerra entre a Rússia e a Ucrânia que vem acontecendo recentemente, onde a Rússia quer controlar o sul da Ucrânia. Por que eles não param com essa guerra? Eles não pensam nas vidas das pessoas? Os seres humanos estão cada vez mais acabando com o planeta.

Em relação às guerras, eu acho uma grande perda de tempo, as causas dessas guerras muitas vezes são desentendimentos religiosos, interesses políticos e econômicos, disputas territoriais, rivalidades étnicas. Quanta desigualdade e ganância existe hoje no mundo! Por causa da cor ou etnia de outra pessoa algumas pessoas se acham superiores a outras, igual aconteceu nos campos de concentração nazistas.

Os trechos “existe alguém que está contando com você para lutar em seu lugar já que nessa guerra não é ele quem vai morrer” e “quando longe de casa, ferido e com frio o inimigo você espera ele estará com outros velhos inventando novos jogos de guerra” da música do Legião Urbana, mostra muito da realidade pois nunca são as pessoas que estão em conflito que lutam na guerra, sempre são jovens que não tem nada a ver com a história que vão, enquanto os donos da briga estão em casa “de boa”.

Muitos desses países que entram em guerra precisam de alimentos e de cuidados médicos, mas eles preferem investir em armas e equipamentos de guerra, pois sempre querem ter a melhor tecnologia para vencer o oponente, até porque vence quem está mais preparado.

Nós temos que ter mais compaixão com as pessoas, temos que pensar a melhor forma de resolver a situação. Existem várias formas de resolver conflitos, conversando é uma delas, pensem nas casas que foram destruídas, ninguém sabe o quanto aquela pessoa lutou para construí-la, pensem nas famílias, pensem nas crianças que são o futuro do mundo. E lembrem-se que as outras pessoas também sofrem com as consequências da guerra, e eu quero pedir mais amor e menos guerras.

Aluno: J. K.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Desigualdade no país

País de uma beleza natural e incrível, que vem sendo destruído por hipócritas. Um país mal administrado, onde menor pode matar, roubar, mas não vai preso. Onde um bando de sugadores de verbas públicas roubam e ficam na impunidade, se fosse um simples trabalhador seria preso na mesma hora. Vivemos em um país que ainda há pessoas honestas, trabalhadoras, justas, onde uma boa parte passa fome ou trabalha de sol a sol, porém, leva um sorriso no rosto que contagia qualquer pessoa, país onde a lei diz que o direito é para todos, coisa que sabemos que não é, vivemos em uma sociedade desigual, tem várias famílias passando fome, necessitando de algo, enquanto outros tem de sobra, a sobra até se estraga.

Um dos versos diz: “nas favelas, no senado, sujeira pra todo lado. Ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação”. Em outro: “mas o Brasil vai ficar rico, vamos faturar um milhão, quando vendermos todas as almas dos nossos índios num leilão.”

A composição criada há 44 anos parece ter sido escrita ontem. Uma questão então emerge: o Brasil melhorou? A resposta é não. Precisamos definir se queremos continuar a ser um país com o mesmo enredo, colonizado, periférico e campeão na injustiça social. Se a resposta for sim, vamos continuar na zona de conforto, acomodados e não gastar nenhum minuto pensando nas futuras gerações de brasileiros e brasileiras.

No entanto, se a resposta for não, vamos ser todos protagonistas de transformações onde todos possam alcançar seus sonhos. Em uma verdadeira democracia, o Estado deve priorizar os desejos e sonhos do povo. Um modelo de desenvolvimento econômico é incompleto. Crescimento econômico sem desenvolvimento social resulta em falta de inclusão, indignação, descontentamento e agitação social.

Aluno: F. R. S. M.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Guerras e conflitos levando nossa paz

A guerra é uma espécie de conflito que acontece no mundo em diversos lugares e que sim podem destruir boa parte do mundo em que moramos, geralmente as guerras entre países acontecem por motivo de disputa territorial (busca de alimentar cada vez mais o território de um país) porque desta maneira renderá mais lucro em diversos meios para os países etc.

E como o início dessas guerras não afetam apenas os soldados que estão lutando, como também afetam a população cidadã que muitas vezes não tem exatamente nada a ver com o que está acontecendo, mas por conta do conflito em que usam bombas e diversas tecnologias acabam acertando casas, hospitais, hotéis, abrigos e etc.

Sempre existe alguém que está contando com você para lutar em seu lugar já que nessa guerra não é ele que vai morrer, que no caso essa pessoa em que falo seriam os maiorais dos países que comandam a guerra, como governantes e pessoas de altos cargos que não lutam em uma guerra, mas contam com os soldados, pessoas, para garantir uma vitória em seu lugar e morrer em seu lugar, enquanto esses maiorais ficam sempre seguros e longe de risco da guerra.

Um outro motivo, também que pode ajudar a dar início a uma guerra é o desentendimento religioso que em alguns países isso pode ser constante, pessoas que são de religiões diferentes umas das outras e por esse motivo acabam não chegando a um acordo de convivência religiosa e por isso começam vários conflitos, por conta dessa discriminação religiosa entre diversos seres humanos

E um motivo que influencia bastante esses conflitos é a rivalidade étnica que são debates entre grupos ou indivíduos com características distintas, que podem ser por causa de religião, podem ser raciais, políticas e culturais, esses debates fazem parte da história da humanidade e suas lutas por sobrevivência.

E vou falar sobre um assunto que está repercutindo muito no mundo nesses dias atuais que é a Guerra na Ucrânia que já está com um pouco mais de dois meses e que vem matando muitas e muitas pessoas e lares em toda a região do país e essa guerra começou pelos mesmos motivos que falei, e segundo a ONU (Organização das Nações Unidas) já morreram mais de 3

mil pessoas desde o começo da guerra que foi no dia 24 de fevereiro de 2022 e até hoje ainda vem acontecendo, e vem sendo muito triste para todos e quero muito que volte novamente à paz mundial entre todos para termos uma vida mais plena (com carinho e solidariedade a todas as pessoas que morreram e continuam lutando até hoje).

Mais uma guerra sem razão já são tantas crianças com armas na mão, mas explicam novamente que a guerra gera empregos, aumenta a produção. Uma guerra sempre avança a tecnologia mesmo sendo guerra fria, guerra Santa, quente, morna ou fria!

Nessa produção falei sobre a Guerra e sobre a música Senhor da Guerra (banda Legião Urbana) usei no texto os versos 2 e 4 da música.

A paz mundial só será alcançada quando pararmos de disparar balas e começarmos a disparar o amor entre todos e para todos!

Aluna: M. E. B. A.

Idade: 14 anos

Série: 9º ano A

### Que país é este?!

Nessa redação eu falarei sobre a música “Que País é Este?!”, lançada em 1987 no álbum “Que País é Este?!”, da banda Legião Urbana, nunca esteve tão atual. A canção foi escrita por Renato Russo em 1978, durante a Ditadura Militar, e fala sobre as contradições sociais no Brasil.

Quando escreveu a letra, Renato Russo ainda era vocalista de uma banda chamada “Aborto Elétrico”, mas só lançou a música quando já estava nos vocais do Legião Urbana. A banda de rock fez sucesso entre os anos de 1982 e 1996, quando Renato Russo faleceu. No Brasil, apenas o álbum “Que País é Este?!” vendeu 1,5 milhão de cópias. E até hoje sucessos da banda são regravados e tocados nas rádios.

A letra começa falando: “Nas favelas, nos senados, sujeira *pra* todo lado. Ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação.”

O salário mínimo atualmente é de R\$ 1.200,00. O aluguel de casas básicas em grandes metrópoles no país é quase o valor total do salário. O número de brasileiros que vivem nas ruas por não conseguirem pagar moradia é altíssimo. Para milhões de brasileiros, o dinheiro não dá nem para a comida. A letra continua de forma irônica, falando de regiões com graves problemas sociais. Os problemas permanecem.

“No Amazonas, no Araguaia, na Baixada Fluminense, no Mato Grosso, Minas Gerais e no Nordeste tudo em paz.” O estado do Amazonas é o terceiro mais violento contra grupos LGBT. Na baixada Fluminense, segundo o Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, os homicídios aumentaram 30% no ano passado. A ironia com o Nordeste também se reflete nos dias de hoje: a região tem um dos maiores níveis de pobreza do país.

“Na morte eu descanso, mas o sangue anda solto, manchando os papéis, documentos fiéis ao descanso do patrão.” A nova lei trabalhista, aprovada recentemente, acaba com o direito do trabalhador de receber pelo menos um salário mínimo. Agora o trabalhador que trabalha por produção pode receber apenas pelo que produz. O intervalo para almoço, que na lei antiga era no mínimo 1 hora, para uma jornada de 8 horas, agora pode ser reduzido para 30 minutos. Férias podem ser tiradas em três períodos, sendo um deles de apenas 5 dias. Em tese,

tudo pode ser negociado com o empregador. Mas na prática, não será fácil fazer esse tipo de negociação. Parece que Renato Russo acertou mais uma vez.

“Terceiro mundo se for piada no exterior, mas o Brasil vai ficar rico, vamos faturar um milhão quando vendermos todas as almas dos nossos índios num leilão.” Os índios brasileiros continuam em risco. O ex-presidente Michel Temer assinou um parecer chamado de “vinculante” no qual passa a considerar que os índios têm direito à terra desde que estivessem ocupando a área em outubro de 1988, data da promulgação da Constituição brasileira. O problema é que os índios vêm sendo expulsos das suas terras desde a colonização do Brasil. E com o crescimento das cidades, cada vez mais os índios mudam suas aldeias para onde resta mata nativa. Poucos vivem nas suas terras de origem. Como a música de 44 anos questiona, “que país é este?!”

A letra da música é questionadora e pretende tecer uma severa crítica social. Quando foi criada, no final dos anos 70, já havia a sensação de impunidade e falta de regras civilizatórias. O compositor não critica apenas a classe política, mas também a corrupção espalhada e arraigada no nosso dia a dia.

Como resolver esse problema de corrupção? Mudar as leis, que são permissivas; reduzir o número de cargos comissionados; melhorar o sistema de emendas individuais; aumentar a transparência no poder público; agilizar a justiça; dar mais transparência ao financiamento das campanhas eleitorais; simplificar o sistema tributário; deixar o “jeitinho brasileiro” de lado e estimular a participação do brasileiro na política.